

ORIENTE



Oriente
Carlos Mariano de Miranda Santos

Versão para eBook autorizada pelo Autor:
Pedro M. Linardi Filho

Fonte Digital
www.paginaoriente.com
Site Católico Apostólico Romano

©2005 — Carlos Mariano de Miranda Santos

Índice

- Artigo Inicial: 4
- Artigo I ("A Semente é a Palavra de Deus"): 9
- Artigo II ("Alvo de Contradição"): 20
- Artigo III ("Novo Adão e Nova Eva"): 26
- Artigo IV ("São José"): 37
- Artigo V ("Corpo de Deus"): 46
- Artigo VI ("Meninos Flutuantes"): 62
- Artigo VII ("Santo Sudário"): 73
- Artigo VIII ("É Louvável Publicar as Obras de Deus"): 81
- Artigo IX (Dízimos): 90
- Artigo X ("Bíblia"): 100
- Artigo XI ("São Rafael"): 109
- Artigo XII ("Quando o Homem Acabar..."): 119
- Artigo XIII ("Passarão os Céus..."): 127
- Artigo XIV ("Eu Venci o Mundo"): 138
- Artigo XV ("A Mulher Encurvada"): 147
- Artigo XVI ("Santa Maria, Mãe de Deus"): 153
- Artigo Final ("Tu és Pedro"): 162
- Apêndice - (Pensamentos): 175

ARTIGO INICIAL



“Tu es Petrus et super hanc petram
aedificabo ecclesiam meam” (*)

Num dia que a História da humanidade não registrou, mas, indelevelmente anotado no “livro da vida”, vinha um certo Simão, caminhando à beira mar.

Ao seu encontro dirigia-se André, seu irmão, com a nova de ter encontrado o Messias. De vez que, no dia anterior, tanto ele, quanto João, haviam escutado do Batista: “*Eis o cordeiro de Deus, eis o que tira o pecado do mundo*”.

Foi um encontro rápido, o de André e Simão. Não menos rápida a resolução de acompanhá-lo, até Jesus. Este, fixando os olhos nele, disse-lhe: “*Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas*” – que quer dizer Pedro.

Desde o primeiro instante, é criado um cerimonial preparatório, para a futura edificação da Sua Igreja. Notem: edificação. Não fundação. A pedra angular, o fundamento, é Jesus. E Jesus é eterno; eterna a sua Igreja. Simão a pedra em Roma; Jesus a pedra da Jerusalém celeste. A este respeito Ele é de uma clareza meridiana, ao afirmar: *“Antes que Abraão fosse, Eu Sou!”*

Jesus não veio fundar uma religião; ele veio em cumprimento das Escrituras: *“Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas; não os vim destruir, mas sim para os cumprir”* (Cf. Mt V, 17). Ele veio para que todos tivéssemos vida e vida em abundância. Ele veio para nos libertar do pecado, causa de todas as misérias da Terra. Desceu a nós, para nos elevar a Ele. Não veio para se mundanizar, veio para santificar o mundo. Noutras palavras: não veio para se humanizar e sim para divinizar a humanidade. Ele é Deus. Isso só um Deus pode.

Com referência ao termo cristianismo, foi em Antioquia, que os discípulos pela primeira vez foram chamados de cristãos. Jesus já havia ascendido aos céus, há alguns pares de anos. Ele veio para o que era Seu e os seus não O receberam. E porque a nação dos judeus não O recebeu, não ficou limitado a um

regionalismo, universalizou-Se, por desejo presciente do eterno Pai.

No dia em que for descerrado esse véu, a que São Paulo faz referência, os judeus converter-se-ão ao catolicismo não por deprimência, mas por terem compreendido que em tudo foram instrumentos de Deus e entenderão a palavra de Jesus à samaritana: *“Dos judeus é que vem a salvação”*. O povo de Israel está reservado para assumir o máximo da glória, no devido momento e na hora exata. Quando será? Só Deus sabe.

Ao raiar do terceiro milênio, em que Jesus se revelou, reparem bem, se revelou ao mundo, devemos, vez por todas, deixarmos de ser; *“meninos flutuantes e levados ao sabor de todo vento de doutrina, pela malignidade dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro”*. Estas palavras de São Paulo, estão em perfeita harmonia com o decreto de Jesus: *“Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”*.

Destaquemos da frase, dois termos, um verbo e um substantivo. O verbo edificar, encontra-se no futuro e a Igreja no singular. Uma Igreja a ser edificada. Não fundada. O fundamento da Igreja é Jesus e Jesus é eterno; por conseqüência, eterna a sua Igreja. Deus veio ao mundo em cumprimento das Escrituras. É o

que São João nos afirma: “*Veio para o que era Seu e os seus não O receberam*”.

Jesus, tendo o passado e o futuro, presentes em Sí: “*Eu sou!*”, não padeceria de contradição se tivesse empregado o verbo no presente “*edifico*” para, posteriormente à ressurreição, edificá-la. Noutro momento, noutro local é que se daria a edificação de Sua Igreja. Vislumbra-se, não ter sido por mero acaso, que a Santa Cruz foi plantada, consoante se verificou, de frente para a cidade de Roma, a capital do mundo de outrora.

Na Economia Divina, nada se desperdiça, nada acontece por acaso. Tudo tem seu tempo, a sua hora; tudo obedece a uma cronologia perfeita: “*Antes passarão o céu e a terra, que passe da lei um só jota ou um só ápice, sem que tudo seja cumprido*”. Jesus, jamais proferiu uma palavra ociosa, pelo contrário, Ele vai pedir contas de toda palavra ociosa que nós proferimos. Pedirá contas da nossa preguiça, de meditarmos a Sua palavra. Prega-se pouco, medita-se menos.

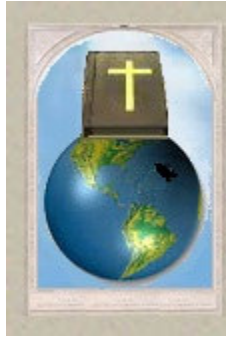
A Igreja de Jesus é Una, Santa, Católica, Apostólica, Romana. Não aceitar, é destoar da oração de Jesus: “*Que todos sejam um, como Eu e Tu Pai, somos um*”. Não estou preocupado com as outras religiões, seitas ou

crenças, de vez que o problema da salvação transcende, abrange o Universo. O que preocupa é a exploração pela “mídia” de propalar um catolicismo tripartido em: Conservador, moderado e progressista. Se uma casa dividida entre si, não pode subsistir, que será de uma tripartida? A Igreja de Jesus não é um tripé, a degladiar-se ou a suportar-se social e claudicantemente. Se atingimos este cúmulo, é porque estamos faltando com a devida obediência a Pedro.

A obediência, no dizer do profeta Samuel, vale mais que os sacrifícios e holocaustos; o desobedecer é como um pecado de magia e o não querer submeter-se é como um crime de idolatria.

(*) — “*Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*”. Lá em Roma está **a pedra, o oriente** dos católicos e de todo homem de boa vontade que, desorientado, procura com ânsia orientar-se.

ARTIGO I



“A semente é a Palavra de Deus –
Semen est Verbum Dei” - Lc VIII, 11

No Livro do Gênesis, o termo “semen” é repetido, só no primeiro capítulo, cinco vezes. Porque a semente, apesar de não ser a fonte, é a geradora da vida; a Fonte da vida é a Palavra de Deus: “*Fiat, Faça-se*”. É a primeira palavra expressa por Deus e que a Bíblia registrou: “*Fiat lux – Faça-se a luz*”. Maria encerra o diálogo com o Arcanjo Gabriel e usa o mesmo Fiat: “*Fiat mihi – Faça-se em Mim*”. O primeiro “*fiat*”, fez a luz; o segundo “*fiat*”, trouxe à luz, a própria Luz: “*E a Luz resplandece nas trevas e as trevas não O receberam*” (Cf. Jo I, 5). Sem a semente; sem o “*semen*” não há vida e, no entretanto, a semente precisa morrer, para viver. “*Se o grão de trigo, que cai na terra, não morrer, fica infecundo, mas se morrer, produz muito fruto*” (Cf. Jo XII, 24-25). É o “sopro” a “palavra” encerrada na semente, que vivifica. É um

mistério, unificado. É uma união em comum, ou uma comunhão.

Uma das pessoas que melhor entendeu e com maior clareza explicou a necessidade da vinda do Senhor, para que todos nós tivéssemos vida e VIDA em abundância, foi o sábio Fulton J. Sheen. Este, com a sabedoria com que foi dotado, esclarece: *“Tudo na natureza é obrigado a ter COMUNHÃO, para poder viver; e por esse meio, o que é inferior transforma-se no que é superior: produtos químicos em plantas, plantas em animais, animais em homem. E o homem? Não devia também ele ser elevado por meio da COMUNHÃO, até Àquele que desceu do céu para tornar o homem participante da Natureza Divina? Como mediador entre Deus e o homem, Cristo afirmou que assim como Ele vivia pelo Pai, também eles deviam viver por Ele”*; estas palavras de Fulton Sheen, são respaldadas em São João: *“Assim como o Pai, que é vivo, me enviou e eu vivo pelo Pai; assim o que come a mim, viverá por causa de Mim”* (Cf. Jo VI, 58) e por São Pedro: *“Pois não fostes regenerados de uma semente corruptível, mas incorruptível, pela Palavra do Deus Vivo, que permanece eternamente”* (Cf. 1Pdr I, 23).

Donde se conclui que, humana e cientificamente, não existe probabilidade de vida sem COMUNHÃO. Até as pedras, terão vida, se

Deus a comunicar: *“Porque Eu vos digo, que Deus pode fazer dessas pedras filhos de Abraão”* (Cf. Mt III, 9). Pode, mas não o fez; porque Ele é o primeiro cumpridor da lei natural, a qual, Ele próprio estabeleceu. Por outro lado, Ele é o Autor e não escravo da sua lei e da sua palavra. Onipotentemente livre, está infinitamente acima do preconceito de Herodes que, *“por causa do seu juramento e dos comensais”*, mandou decapitar João Batista. O nosso Deus está acima do fatalismo de Allah: *“Maktub – Está escrito”* e não tem jeito; do Islamismo, muçulmano de Maomé. O nosso Deus, Jesus, havia decretado que Nínive seria destruída dali a quarenta dias e o profeta Jonas percorreu toda a cidade anunciando a fatal destruição. Os ninivitas fizeram penitência e para dissabor de Jonas, Deus aboliu o decreto (Cf. Jon 4,1 seguintes). Jesus diz a Isaías que transmita ao rei Ezequias: *“Põe em ordem as coisas da tua casa, porque vais morrer e não viverás”*. Ezequias orou e derramou lágrimas; Deus manda que Isaías retorne a Ezequias, anula Sua Palavra empenhada e acrescenta quinze anos aos seus dias (Cf. Is XXXVIII, 1-5). Neste mesmo livro e capítulo, nos versículos sete e oito, Jesus faz com que o tempo volte atrás. Este é o nosso Deus: Sem barreiras, tudo Lhe é possível. Prepara a Imaculada Conceição da Virgem de Nazaré, opera maravilhas nessa Sua Criatura e a constitui no tempo, Sua Mãe na Eternidade. Mãe do Criador,

Mãe do Incrriado, Mãe do Pai Eterno, Mãe do Redentor. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, três pessoas e um só Deus; Maria, uma só pessoa na Trindade. A Obra Prima de Deus, é vislumbrada pela aula que Jesus deu a Nicodemos e que durou toda uma noite: “*Ninguém subiu ao céu, senão Aquele que desceu do céu, o Filho do homem que está no céu*” (Cf. Jo III, 13). Posteriormente, confirma esta verdade, mostrando o Pai a Felipe: “*Quem me vê, vê também o Pai*” (Cf. Jo XIV,9). Esse mistério, “*sacramentum*”, é delicadíssimo: “*Jacet in praesepio, et in caelis regnat - Deitado numa manjedoura e reinando nos céus*”. Precedendo à manjedoura: Envolto por Maria e pairando sobre Ela; ou ainda, Maria circundando o Incircunscrito. A insolubilidade do problema, não torna inexistente a questão. Frente à grandeza do enigma, maravilhado, Jeremias profetiza: “*Eis que o Senhor criou uma coisa nova sobre a terra: - Femina circundabit virum - uma Mulher circundará o Marido*” (Cf. Jer XXXI, 22); noutras palavras, uma Mulher dará à luz ao mesmo Marido. A própria Mulher que no Gênesis, foi predestinada pelo Senhor Jesus, a esmagar a cabeça da Serpente. Criar no tempo, a Mãe da Eternidade, não há pessoa humana que consiga entender, menos ainda demônio que possa suportar.

Deus é superior a tudo, a todos e até à Sua Palavra, ao Seu “*Verbum*”: “*Porque o Pai*

é maior do que Eu” (Cf. Jo XIV, 28). A Onipotência Divina, só pode ser alcançada através da fé: *“Sem fé, é impossível agradar a Deus”* (Cf. Hebr XI,6). Toda a problemática da nossa religiosidade, depende só e unicamente, da fé na ressurreição do Senhor Jesus. São Paulo é cristalino: *“Se Jesus não ressuscitou, nós somos os mais infelizes dos homens”*. E por que? Porque estaríamos vivendo uma mentira e transmitindo aos nossos pósteros, uma ilusão. Mas Jesus ressuscitou, aparecendo aos Apóstolos, a mais de quinhentas pessoas e ao próprio São Paulo. Ao Apóstolo Tomaz, conhecido por Tomé, Jesus nos dá uma bem-aventurança: *“Tu creste, Tomé, porque me viste; bem-aventurados os que não viram e creram”*. Em cada santa Missa, o sacerdote levanta a Hóstia Consagrada e diz: *“Eis o Sacramento da fé”*. Nós aceitamos, nós cremos e se não alcançamos a grandeza do ato, deve-se à pequenez dos nossos corações. Consoante esta pequenez, Malba Tahan, o nosso Júlio César de Melo e Souza, implorava em oração: *“Deus, ó Deus, perdoai a pequenez dos nossos corações”*; a pequenez do nosso entendimento!

Quando há os que acusam os católicos de adoradores de imagens não será, porventura, porque os vêem através de corações pequenos, os quais Malba Tahan refere? É oportuno lembrar, que a primeira IMAGEM de barro feita sobre a terra e da qual se tem notícia,

é a do mesmo Jesus: “*Façamos o homem à nossa IMAGEM e semelhança*” (Cf. Gen I, 26). Transcorrido os séculos, Michelangelo esculpiu duas imagens, uma de Davi, outra de Moisés; deu um piparote numa delas e ordenou: “*Parla!*” e a imagem não falou. Primariamente, porque Deus não esculpiu um homem e sim o constituiu: DENTRO PARA FORA. Como haveria de constituir Eva, da costela de Adão.

A compleição corporal é entendida na visão do profeta Ezequiel que, por ordem do Senhor Jesus, profetizou sobre ossos secos, estes se revestiram de nervos, carnes e foram cobertos de pele. Após o que, Ezequiel orou ao Espírito que SOPRASSE sobre a multidão morta a qual, recebida o Espírito, reviveu (Cf. Ez XXXVII, 1-10). A necessidade, a racionalidade do arcabouço é explicitada pelo Senhor Jesus: “*Insensatos, quem fez o exterior não fez também o interior?*” (Cf. Lc XI, 40). Não há quem ignore ser a carne, parte do composto humano que se destina ao sepulcro, isto quem nos ensina é o nosso Redentor: “*É o espírito que vivifica; a carne para nada aproveita*” (Cf. Jo VI, 64). Se a carne só aproveita aos vermes, a IMAGEM de barro aproveita o que? Aproveita à lembrança dos atos e feitos praticados por aquele que, via de regra, voltou ao pó. Via de regra, pois, existem privilegiados que não provaram a corrupção. No antigo Testamento HENOC (Cf. Gen V,24) e ELIAS (Cf. IIRs. II, 11).

Predito pelo Antigo, o Novo Testamento registra o Senhor Jesus. A incorruptibilidade de Nossa Senhora é Dogma de fé, pela bula do Papa Pio XII, em 1º de novembro de 1950, na Basílica de São Pedro. A Assunção de Nossa Senhora, em corpo e alma ao céu, festeja-se a 15 de agosto. Essa incorruptibilidade sendo Dogma de fé, é ponto pacífico, logo, indiscutível. Com relação aos santos da Igreja, vem à memória o corpo de Maria Goretti, no Santuário de Nossa Senhora das Graças, em Netuno, Itália, que se mantém incorrupto, num sarcófago de vidro; a língua de Santo Antônio, intacta e exposta à devoção dos fiéis, em Pádua; o sangue de São Januário, que a cada ano se liquefaz, em Nápoles. Estes fenômenos, somados a certas imagens que choram, os católicos não os idolatram, como apregoam os pequenos de entendimento, mas os recebem como sinais e dádivas de Deus. Note-se, que não é a imagem pela imagem, que se quebra e se varrem os cacos, que impressiona, e sim o exemplo de vida, que através da **representação** nos é transmitido e o qual devemos assimilar. Por outro lado, existem imagens que são verdadeiras relíquias valiosíssimas, quer pelo tempo, quer pelo desempenho do artista. Daí, chutar imagens, pichar e destruir estátuas é, na melhor das hipóteses, falta de educação, de instrução, de civilidade!

Representação é tornar presente, seja por imagem, por escultura, pintura: expor verbalmente ou por escrito; o ator representa o seu papel; a imagem também, como o retrato, não deixa por menos. Jesus valeu-se da representação verbal, para semear o reino de Deus; os Evangelistas representaram a Palavra de Deus, por escrito. Moisés também, representou os Dez Mandamentos, esculpido pelo dedo de Deus, nas duas pedras da Lei.

Ao nos quedarmos reverentes aos pés de uma imagem que REPRESENTA Nossa Senhora, São José, os Arcanjos Miguel, Gabriel, Rafael, São Pedro, São Paulo, Santo Antônio, São Benedito, Santa Terezinha do Menino Jesus, ou quaisquer dos santos de nossas devoções particulares, não os estamos adorando e sim, solicitando que, frente às prerrogativas recebidas, intercedam junto ao Pai Celestial, para que nos conceda um coração bom, a fim de enfrentarmos com galhardia os dissabores, das desilusões inculcadas por mercenários transvestidos de pastores e as dificuldades do dia-a-dia, daí advindas. A intercessão não é uma invenção da igreja, enquanto conjunto de fiéis; a intercessão é bíblica, como lembraremos a seguir.

Por ordem do Senhor Jesus, Abraão orou e a casa de Abimelec foi perdoada: *“Entrega a mulher a seu marido, porque ele é profeta,*

ROGARÁ por ti e tu viverás” (Cf. Gen XX, 1-18). O Arcanjo São Rafael, diz a Tobias: *“Quando tu oravas com lágrimas, enterravas os mortos, deixavas o teu jantar, escondias os mortos em tua casa de dia e os enterravas de noite, EU APRESENTEI as tuas orações ao Senhor*” (Cf. Tob XII,12). Esta mediação é ratificada por Jesus: *“Os seus anjos nos céus, vêm incessantemente a face de meu Pai, que está nos céus*” (Cf. Mt XVIII,10). Quando Agar, encontrava-se no deserto com seu filho, o Senhor ouve a voz do menino e envia o Seu anjo (Cf. Gen XXI, 17). Abraão oferece em holocausto seu filho a Deus; mas é o anjo do Senhor que fala do céu e evita o sacrifício (Cf. Gen. XXII, 11). O anjo irá adiante do servo de Abraão em busca da mulher para o seu filho Isaac (Cf. Gen XXIV, 7). Essa mediação hierárquica sobrenatural, é entendida à luz da mediação natural. Absalão, filho de Davi, caído em desgraça do rei, seu pai, vale-se do prestígio de Joab, general do rei Davi e por sua intercessão é perdoado: *“Eis que eu aplacado, te concedo o que pedes*”, diz Davi a Joab (Cf. 2Sam XIV, 21). O Centurião envia alguns anciãos para que intercedam a Jesus, pela cura do seu servo e justifica-se: *“Nem eu me achei digno de ir ter contigo*” (Cf. Lc VII, 1-7). Nas bodas de Caná, da Galiléia, Maria Santíssima INTERCEDE e desembaraça o noivo, de uma situação constrangedora: *“Não tem vinho*”. Jesus,

notadamente contrafeito, antecipa a SUA HORA, em atenção obediente à Medianeira de todas as graças (Cf. Jo II, 1-11). Essa decisão de Jesus, é o cumprimento inequívoco de sua própria determinação, pelo quarto mandamento exarado na Lei de Deus: “*Honrarás pai e mãe*”. E a honra prestada a um pai e mãe passa, obrigatoriamente, pela obediência.

O “*Verbum Dei*”, a Palavra de Deus, não é e não será, jamais, conflitante. Qualquer conflito, deve-se única e exclusivamente, à pequenez do nosso entendimento. “*A obediência vale mais que as vítimas*”, diz Samuel a Saul (Cf. 1Sam XV, 22). E Jesus, na parábola dos dois filhos, conta que o pai mandou o primeiro a trabalhar na vinha e o filho lhe disse: “*Não quero*”. O segundo concordou: “*Eu vou, senhor*”, mas não foi. O primeiro, tocado de arrependimento, acabou por ir. Este fez a vontade do pai (Cf. Mt XXI, 28-31). Como se vê, Jesus primeiramente reage, dando um significado maior à obediência devida a Sua Mãe Santíssima.

E o Verbo se fez carne, para nos trazer a vida em abundância. Essa Vida em abundância, para dissuadir os que semeiam confusão, Santo Agostinho explicita: “O que chamamos vida, é morte; pois, a verdadeira vida é a de Jesus ressuscitado”. “*A semente é a palavra de Deus*”, eis o sentido da parábola do semeador,

que não por casualidade é a primeira, da série de parábolas de Jesus, em consonância com o capítulo primeiro do Gênesis, cujo agricultor é o Pai, Criador do Céu e da Terra.

Por conclusão, a Palavra de Deus não pode ser alterada a bel-prazer, como se vem observando nas traduções bíblicas desde algumas décadas. Chegamos ao limite, de sermos advertidos para **“que se tenha uma BOA VERSÃO BÍBLICA. Quanto mais antiga melhor. Se possível editada antes de 1960”**. Esta advertência (ignorada pelas **“diretrizes”**) que não somente eu, mas todo católico esclarecido assina por baixo, deve-se ao diácono Francisco de Almeida Araújo no seu “livrete”: EM DEFESA DA FÉ.

Como se observa, todo cuidado é pouco, pois o demônio transveste-se de cardeal, de bispo e até de “anjo”, para semear a cizânia no viveiro bíblico, que é a Palavra de Deus, em manifesto desprezo ao determinado por São Paulo: **“Ainda que nós mesmos, ou um anjo do céu, vos anuncie um Evangelho diferente daquele que vos temos anunciado, seja maldito”**.

São Pedro, o primeiro Papa confirma: **“Os inconstantes ao adulerarem as palavras de Paulo e as Escrituras, o fazem para a própria perdição”**.

ARTIGO II



“... e para ser alvo de contradição –
et in signum, cui contradicetur” - Lc.
II, 34

Quando Jesus foi levado ao Templo por Maria Santíssima e São José, em cumprimento ao preceito do Senhor, ouviram dos lábios do velho Simeão, que ali se achava conduzido pelo Espírito Santo, a seguinte profecia: “*Eis que este (Menino) será posto para ruína e ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo de CONTRADIÇÃO*”. De lá para cá, passados dois mil anos, vésperas do terceiro milênio, não houve dia em que Jesus não fosse afirmado e contradito. A profecia do santo velho Simeão, distingue-se das demais, por ser uma constante. A todo instante Jesus é asseverado e contestado. A particularidade dessa predição, consiste em que as demais realizaram-se com a vinda do Divino Salvador, essa de Simeão, acompanhará a humanidade até o último dia, tempo de todas as

coisas, momento em que o justo e o ímpio serão julgados.

Durante o período de católico nominal, estágio volúvel em que, desembaraçadamente, se freqüenta antros de macumba, acredita-se no poder de “reza forte”, pai de santo, figuinhas, patuás, foguetórios nas praias com flores à Iemanjá e tantas outras tolices, altamente comprometedoras na salvação da alma, fui agraciado com uma polinevrite alcoólica, que me prostrou num leito hospitalar por trinta dias. Restabelecido, fui convidado por uma vizinha de cor negra, para participar das reuniões de um dos movimentos da Igreja, conhecido por “Legião de Maria”. Justifiquei a recusa, explicando ser católico de nascimento, mas pertencer a um movimento da Igreja, não fazia o meu gênero. Dona Judite, era o nome dessa extraordinária negra, após despedir-se, acrescentou: “Vou deixar o Manual da Legião para você ler e depois venho buscá-lo”. Eu li e ingressei na “Legião de Maria”. Isto aconteceu, exatamente, trinta e oito anos atrás. Que Deus te bendiga, que tenha na Sua Santa Glória a querida e saudosa negra, dona Judite!

Foi nessa época que vi pela primeira vez, moço com trinta e um anos de idade, a estampa do Santo Sudário. Existia no verso uma jaculatória: “*Senhor, mostrai-nos a vossa face e*

seremos salvos”, nem me passava pela cabeça, ser uma reprodução do versículo quatro, salmo setenta e nove, pois, até então, nem sequer havia folheado a Bíblia. Ignorava qualquer controvérsia a respeito, aceitando devotamente aquele “bentinho” e pouco se me dando o desprezo dos irmãos protestantes às nossas imagens e estampas. Não fora a “Legião de Maria”, o meu marasmo religioso se estenderia até o final dos meus dias. O meu primeiro trabalho, já legionário de Maria, foi visita aos lares, casa a casa. Levava cada banho de capítulos e versículos dos protestantes visitados, que concluí: Ou leio a Bíblia, ou deixo a Legião. Não deixei a Legião e da leitura passei ao estudo da Bíblia. Passaram-se os anos, desde o meu primeiro contato com a estampa do Santo Sudário. Aprimoraram-se as tecnologias. Então, em 1978, um cientista luterano, chamado Dr. John H. Heller, foi convidado a incorporar uma equipe norte-americana, para proceder o primeiro exame completo e direto do Sudário, a fim de efetuar testes físicos, químicos e biológicos do tecido. O Dr. Heller aceitou o convite, movido pelo prazer de acabar, vez por todas, com àquele “mito”. No seu primoroso trabalho impresso e publicado pela revista “Seleções do Reader’s Digest”, ele se apresenta: “Pela fé sou protestante; por profissão, biofísico, com todo o cepticismo e conservantismo que isso implica. Conseqüentemente, sempre

pensei que as relíquias religiosas não passassem de trapaças medievais”. O Dr. John, no desenrolar de sua excelente obra, deixa claro que o seu propósito maior era desmascarar àquela “farsa”, porém, explicita que o tiro saiu-lhe pela culatra. Pois, conclui: “Todavia, quanto ao modo como as imagens apareceram no Sudário, todas as hipóteses foram invalidadas pelos elementos recolhidos durante os testes. O Sudário continua sendo, como sempre, um mistério”.

Passaram-se vinte anos. Tenho em mãos, a revista “SUPER INTERESSANTE”, de junho deste ano, 1998, que traz a Sagrada Face na capa e o artigo “Crer ou não crer”, por Lúcia Helena de Oliveira. Sabemos que o Sudário foi submetido ao teste do carbono 14, para medição de idade, há dez anos, ocasião em que escrevi um artigo no Jornal do Povo, sob o título “FALSIFICAÇÃO”. Se hoje pouco entendo, na época não sabia nada sobre o tal de carbono 14. No seu escrito, porém, Lúcia Helena detalha: “a) Os átomos de carbono 14, que são radioativos, surgem na atmosfera da Terra quando os raios cósmicos reagem com o nitrogênio no ar; b) Essa forma radioativa do carbono que nasce no ar, acaba absorvida por plantas como o linho, que depois será usada para fazer o tecido; c) A cada 5.700 anos a quantidade de carbono 14 no tecido cai pela metade. Sabendo disso, os cientistas determinam a idade do tecido; d) Para isso,

comparam a quantidade de carbono 14 encontrada na peça antiga com a quantidade existente num tecido recente.” No ano 2.000 o Sudário será submetido a novos testes e não surpreenderá que também esses concluem: “Continua sendo, como sempre, um mistério”. Para os estudiosos, aqui vai o site na internet: <http://sindone.torino.chiesacattolica.it>.

O que impressiona no Sudário é ser ele um ato de fé, noutras palavras, é crer ou não. Provar que o Sudário é uma farsa, não há como. Por que? Porque o calor altera a medição da idade do tecido. Ora, é sabido que em 1503 foi fervido em óleo; em 1532 foi atingido pelo fogo e no ano passado, 1997, foi salvo, milagrosamente, do incêndio na catedral de Turim. Então, pelos séculos afora, cumprirá o papel para o qual foi designado: “*Alvo de contradição*”. Muito próprio para envolver o corpo do Homem Deus, que Menino envolto pelos braços de Simeão, foi-lhe dito: “*Eis que este (Menino) está posto para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo de contradição*”. Em desfecho: “Para quem crê, nenhum milagre é necessário; para quem não crê, nenhum milagre é suficiente”. Para quem não crê, o mais evidente demonstrativo, fica devendo demonstração. É o que Jesus nos ensina na parábola do rico avarento no final do capítulo dezesseis do Evangelista São Lucas: “*Se não*

ouvem Moisés e os profetas, tampouco acreditarão, ainda que ressuscitasse algum dos mortos”.

ARTIGO III



“Porei inimizadas entre ti e a mulher,
entre a tua descendência e a
descendência dela. Ela (PRÓPRIA) te
esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o
calcanhar - Inimicitias ponam inter
te et mulierem et semen tuum et
semen illius; IPSA conteret caput
tuum et tu conteres calcaneus eius” -
(Cf. Gen III, 15)

No instante em que Adão crédulo, incautamente, participou do desacerto de sua mulher Eva, provando do fruto da Árvore, Deus promete uma Nova Eva e um Novo Adão, para a restauração da humanidade decaída; com a distinção transcendental de criaturas que éramos, tornássemos filhos de Deus por adoção e EM VERDADE. Dessa filiação, transborda

exultante Santo Agostinho, num êxtase de libertação: *“Oh, feliz culpa!”*.

O homem, ao adotar outro ser humano, transmite-lhe os direitos legais, concernentes à adoção. Porém, por mais que deseje, está, perpetuamente, impossibilitado de transmitir ao adotado, o seu patrimônio maior, ou seja, o patrimônio genético: o seu DNA. O adotado pode e deve, gozar de todas as prerrogativas e regalias da filiação biológica, principalmente, ser amado ternamente, como um filho das entranhas. Por outro lado, por mais que se almeje e se ame o adotado e as convenções sociais o determinem, jamais será um filho EM VERDADE; pois carece da seiva, das características genéticas. Ora, o seu pai e mãe próprios são outros, que os adotantes. Os filhos por adoção, vezes sem par, são favorecidos e cercados de maiores atenções que os demais filhos; consciente ou inconscientemente, os pais adotivos buscam dessa forma, mitigar os imaginários recalques advindos da privação genética do adotado. Na realidade, são amados tanto quanto os demais filhos; porém, a inibição do “gens”, do “genoma”, exige mental e falsamente, demonstrações explicitadas de carinho especial; nem sempre absorvidas tranqüilamente pelos outros irmãos, gerando cenas de ciúme. Esse amor dispensado a filhos não gerados é bíblico, encontra sua raiz na Divindade: *“Deus amou de tal forma...”* (Cf. Jo

III,16). “*Quem acolher a um desses pequeninos é a Mim que acolhe*” (Cf. Mt XVIII, 5); ou então: “*A ninguém chameis pai sobre a terra, porque um só é vosso PAI, o que está nos céus*” (Cf. Mt XXIII, 9). De maneira que, o que conta mesmo é o amor.

Assim, o que nós nas limitações da carne, não podemos completar, Deus o fez por amor de todos nós, encarnando-se no seio puríssimo de Maria Sua e nossa Mãe Santíssima. Pela comunhão (comum união) do Seu Sagrado corpo, fazemo-nos um só com Ele; a seiva divina percorre todo o nosso ser e desta forma, recebemos a vida e a VIDA EM ABUNDÂNCIA. Somos enxertados na divindade; não com um enxerto desenvolvido pela tecnologia humana e efetuado pelos nossos hábeis agrônomos; mas, por Obra e Graça da Onipotência Divina. A adoção cai por terra, ao nos tornarmos filhos EM VERDADE, co-herdeiros com Jesus. Oh, Onipotência, que nos regeneras onipotentes: “*quão tarde te amei!*”.

Isto não é filosofia, muito menos utopia; é confiança na palavra de Jesus: “*Vós sois deuses*” (Cf. Jo X,34). “*Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juízos e imperscrutáveis os seus caminhos*” (Cf. Rom XI,33).

No momento em que Nossa Senhora, a Eva preanunciada, a Mulher que circundou o Homem: *“femina circundabit virum”* (Cf. Jer XXXI,22), a obra prima de Deus, a única criatura a receber plenamente o Espírito Santo: *“Ave gratia PLENA, Dominus tecum”* (Cf. Lc I,28); recebeu Jesus em Si, cumpriu, antecipadamente, o desejo de Jesus: *“Que todos sejam um, Pai, como Eu e Tu somos um”*; realizou em Si, com o seu majestoso “FIAT”, o que bem mais tarde, São Paulo explicaria aos Coríntios: *“O que está unido ao Senhor é UM SÓ espírito com Ele”* (Cf. ICor VI,17).

Não houve, não há, nem haverá quem possa unir-se, tão direta, completa e intimamente com Deus, senão aquela que O trouxe no Seu sacratíssimo ventre. Isto, não é um mero proselitismo doutrinal, é conclusão racional. Basta, debruçar-se sobre o assunto; meditar as palavras estampadas na Bíblia. Será que os nossos irmãos separados, os protestantes e os nossos irmãos mais velhos, os judeus, não se apercebem do óbvio! Quem não assimila o que está claro, patente, o que salta aos olhos, preparou-se para assimilar, para perceber o que?

Se Jesus, na Sua aparição sobre a sarça, foi zeloso a ponto de dizer a Moisés: *“Tira as sandálias dos pés; porque o lugar em que estás, é uma terra santa”* (Cf. Ex III, 5); que nos

fará o Salvador quando, irreverentes, dirigimo-nos à Santa Maria, o Sacrário vivo que O trouxe ao mundo? Há os que suportam ofensas pessoais e até as perdoam, porém, dificilmente, dirigida à própria mãe, uma ofensa será perdoada. É de uma clareza meridiana, cristalina, a palavra de Jesus com referência ao pecado contra o Espírito Santo, que não será perdoado nem neste século, nem no futuro. Porque: *“Ou dizei que a ÁRVORE é boa e o seu FRUTO bom; ou dizei que a ÁRVORE é má e o seu FRUTO é mau; pois que pelo FRUTO se conhece a ÁRVORE”* (Cf. Mt XII,33). Dizer que Jesus é bom e que Nossa Senhora nem tanto, é o tipo de bajulação estúpida, que não agrava Nossa Senhora, mas ofende Nosso Senhor. Não há coração filial *“nem neste século nem no futuro”* que possa suportar.

Elevem Maria aos píncaros; que as areias do mar se convertam em línguas, para louvarem Seu Santíssimo Nome; prostrem-se as potestades aos seus pés; que as estrelas do céu coroem Sua cabeça; bendigam os céus e a terra à Onipotência Suplicante, pois Maria é a Mãe do Criador, a Mãe do Salvador, a Esposa do Divino Espírito Santo: o verdadeiro AMOR do Pai e do Filho. Não por eleição de Maria, nem por pregação da igreja, menos pela minha devoção mariana; mas, porque: *“O Senhor fez em Mim maravilhas, SANTO É SEU NOME - Quia fecit mihi magna qui potens est: ET SANCTUM NOMEN EJUS”* (Cf. Lc I,

49). Donde se infere, que independe do nosso querer ou deixar de querer, pois, assim o determinou, desde toda a eternidade, a Providência Divina: MARIA, Mãe de Deus; MARIA, Mãe da Igreja; MARIA, Imaculada Conceição.

Por mais que se louve, por mais que se pretenda bendizer o Santíssimo Nome de Maria, estaremos sempre aquém da real magnitude de MARIA, por sermos limitados e finitos. Não há, na redondeza da terra, com quem, menos ainda com que, comparar a grandeza incomensurável de Maria. Pois Maria, não tem similar; MARIA é singularíssima. Maria é Mãe do Criador, Mãe do Incriado; como definir, como explicar? Brademos alto e bom som: Maria é a Mãe de Deus e nossa. É dar crédito e cair de joelhos.

Não admitem os que se sujeitam a doutrinas estapafúrdias e pecam igualmente, os que ouvem tais doutrinas e se calam por respeito humano. Ou aceitamos Maria tal qual Ela é, ou viveremos à margem, pelo livre arbítrio que Deus nos concedeu: “*Deus criou o homem desde o princípio e deixou-o a cargo do seu próprio juízo*”; ou: “*Diante do homem estão a vida e a morte, o bem e o mal; o que lhe agradar, isso lhe será dado*” (Cf. Eclo XV, 14.18). Para os nossos irmãos mais velhos, os judeus e para os nossos irmãos separados, os protestantes, que não aceitam o

Livro do Eclesiástico como canônico, que se reportem ao Deuteronomio (Cf. XXX, 15.19); ao Livro dos Provérbios (Cf. I, 23-26) e Mateus: “*Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu quis juntar teus filhos, como a galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos e tu NÃO QUISESTE!*” (Cf. Mt XXIII, 37). O **não querer**, encontra respaldo no Livre Arbítrio, com a conseqüência: “*Eis que será deixada deserta a vossa casa*” (Cf. Mt XXIII, 38).

Não estou pretendendo, com o que foi dito até aqui, induzir ninguém a adorar MARIA, pois o culto que se deve à Maria é de HIPERDULIA: como Rainha dos Anjos e dos Santos. Porém, mesmo assim, lanço a pergunta: Ajoelhar é adorar, ou reverenciar?

No Apocalipse de São João, lemos que, após ter ouvido e visto as coisas que vinha relatando, prostrou-se aos pés do anjo para o adorar e o anjo lhe disse: “*Vê, não faças tal, porque eu sou um servo como tu, como TEUS IRMÃOS os profetas e aqueles que guardam as palavras da profecia deste livro. ADORA A DEUS*”. (Apoc XXII, 8 – 9).

A dar fé nas aparições, todos os videntes ajoelharam-se frente à Santíssima Virgem e a nenhum deles a Senhora aconselhou:

“*Não façás tal*”. Os videntes em Medjugorje, quando Maria lhes aparece, como que sincronizados, caem de joelhos. Também estes, jamais escutaram de Maria: “*Vêde, não façais tal*”. Ora, quando nós nos prostramos de joelhos frente ao Santíssimo Sacramento, é um ato de adoração; quando os videntes caem de joelhos frente à Senhora, Rainha do Céu e da Terra, é por reverência? – “*Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juízos e imperscrutáveis os seus caminhos! ...*”

Para os que foram agraciados em ler a Bíblia no seu original, perceberam que o nome MARIA, está na primeira página. Para ser mais preciso: No Livro do Gênesis, capítulo primeiro, versículo dez. Nós, os crentes, sabemos que nada acontece por acaso. Eram os latinos pagãos, que pensavam que: “*O acaso pode mais que a razão*” - “*Fors plus quam ratio potest*”. A distinção consiste em que naquilo que eles julgavam “acaso” nós vemos o Dedo de Deus. Jesus, pelos evangelistas Mateus (V, 18) e Lucas (XVI, 17) nos diz que antes que passem o céu e a terra, não será omitido um trema, ou pontinho da Lei, sem que tudo seja realizado. Maria, evidentemente, não é um trema, menos ainda um pontinho, é um Nome, sobre o qual foram escritos uma infinidade de livros. O nome Maria, continuará sendo um “sacramentum”, um mistério indecifrável. Porém,

o nosso “saber”, o nosso orgulho, não pode ser sobrepujado e assim apelamos para duas SUPOSIÇÕES, uma delas significando Senhora e a outra Amada de Deus. Duas definições espetaculares, não fora Maria a Mãe de Deus! A Mãe dos vivificados, por Jesus Vivificador!

Maria desponta na primeira página do Gênesis e se traduz pelo plural de mar: Mares. Ora, é sabido que no início havia um conjunto de águas e um só continente, denominado “pangéia”. A fissuração dessa pangéia é que originou os atuais continentes e mares: Mar do Norte, Mar da Noruega, Mar Tirreno, Mar Mediterrâneo e tantos outros. A uma grande massa de águas salgadas denominou-se Oceano, em homenagem ao “Oceanus”, deus do mar e esposo de Tétis, na mitologia grega. Veja que “Oceanus” é deus do mar e não dos mares, porque mar é um coletivo de grande massa de águas. Da mesma forma, convencionou-se e com razão, dar a Nossa Senhora o título de “Stella Maris”, Estrela do Mar. Traduzir Maria como mares é um recurso simplista, de fugir a confusa e nem sempre convincente exegética. Maria, traduzido por mares, está convencionado, como convencionado está que o sol nasce e se põe, quando a Terra é que gira em torno do Sol. O Sol nascer e se pôr, está convencionado errado, mas nem por isto há de se alterar o seu curso. O curso ótico.

O mar é fonte de vida, em consonância com o Gênesis: “*Os quais foram produzidos pelas águas, segundo a sua espécie*”. Donde se deduz e a ciência não pode negar, pelo contrário, confirma, que onde não há água, não há vida. Daí o óbvio: Sem Maria não existe vida; não haveria a Vida que Jesus nos trouxe: A VIDA EM ABUNDÂNCIA. Essa Vida em abundância, pode e deve ser antegozada espiritualmente e por acréscimo, gozada materialmente. Posto que o corpo é saudável na proporção da saúde do espírito. Um espírito é saudável, quando bem orientado; quando tem um caminho a percorrer, com uma meta em vista. Desta maneira, os percalços vivenciais são barreiras a serem vencidas, até que se atinja o Supremo Alvo. É o que nos ensina São Paulo (Cf. 2Tim IV, 7).

“Porei inimizades entre ti e a Mulher, entre a tua descendência e a descendência d’Ela. Ela (MESMA) te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o CALCANHAR”. O calcanhar de Maria Santíssima, no sentido próprio é inatingível. Resta-nos entendê-lo figurativamente, no sentido de ponto fraco. Aos pés da Cruz, a Onipotência Suplicante, viu-Se impotente e o Drama desenrolou-se, em conformidade com o preestabelecido pelo Pai. Era necessário o cumprimento da profecia de Simeão, que uma espada Lhe traspassasse a alma. Agora é diferente, a Onipotência Suplicante, ora por nós,

protege-nos. Nós, os filhos pecadores, somos o “calcanhar”, Seu ponto fraco, “feridos e esmagados”, vencidos não. Graças a Nossa Senhora; por deliberação de Nosso Senhor!

ARTIGO IV



“José, seu esposo sendo justo...
Ioseph autem vir eius, cum esset
iustus...”

O evangelista São Mateus cita São José nos dois primeiros capítulos do seu Evangelho. São Lucas, diz que o anjo Gabriel foi enviado a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão, chamado José; volta a São José, na “Genealogia de Jesus”. São Marcos, omitindo José, diz ser Jesus o carpinteiro filho de Maria, concluindo São João: *“Porventura não é este aquele Jesus, filho de José, cujo pai e mãe conhecemos?”*.

Na genealogia elaborada por São Mateus, São José é filho de Jacó, na de São Lucas, filho de Heli. O exegeta, o hermeneuta, ou seja, a pessoa que comenta e interpreta textos, explica que São Mateus transcreve a genealogia natural, enquanto que São Lucas a legal. Por outro lado, no Antigo Testamento, o sogro de

Moisés é chamado Raguél pelo narrador “javista” e Jetro, pelo narrador “eloísta”. São Paulo é Saulo, Dídimo, São Tomaz que é Tomé e assim por diante.

São José era um homem justo; isto sim, é o que interessa. Este é o busílis da questão, o ponto principal a ser abordado e esclarecido, se Deus for servido e me der transmissão e ao leitor compreensão.

Prefigurou São José, em justiça, aquele outro José, que os patriarcas venderam aos egípcios. Relata-nos a Bíblia, nos capítulos finais do Livro do Gênesis, que a mulher de Putifar pôs os olhos em José e desejou dormir com ele. José poderia ter dormido com ela, sem transgredir a lei, porque a lei nos veio por Moisés e Moisés não havia nascido. Onde não há lei, não existe transgressão, nos diz São Paulo. Por isso, José poderia ter dormido com ela e vivido uma vida regalada. Mas, por ser um homem justo, considerou que “dormir” com a mulher do seu senhor, que tudo lhe tinha posto à disposição, exceto a própria mulher, seria operar contra a sua consciência e, conseqüentemente, contra Deus.

Anteriormente aos patriarcas, filhos de Israel, Abraão, patriarca mor do povo hebreu, habitou como peregrino em Gerara e falando de

Sara sua mulher, disse: “*É minha irmã*”. Abimelec, quis tomá-la para si. Deus apareceu-lhe em sonho: “*Eis que morrerás, pela mulher que roubaste, porque ela tem marido*”. Abimelec, Rei de Gerara, mesmo sem ter tocado na mulher de Abraão, justificou-se retrucando: “*Fiz isto na simplicidade do meu coração e com pureza das minhas mãos*”. E Deus: “*Sei que procedeste com um coração simples; por isso, TE PRESERVEI DE PECAR CONTRA MIM E NÃO PERMITI que a tocasses*”. Idêntica história acontece com o filho de Sara e Abraão, Isaac marido de Rebeca.(Cf. Gen XII, 16 ss; XX, 1 ss e XXVI, 7ss).

Temerário. Sim, temerário foi Oza, na eira de Nacon, quando estendeu a mão para a arca de Deus e susteve-a, porque os bois escoicinhavam e tinham-na feito pender. O Senhor indignou-se muito contra Oza e feriu-o pela sua temeridade; caiu morto ali mesmo, junto da arca de Deus (Cf. 2Sam VI, 6 ss).

O Novo é a realização plena do Antigo Testamento, de vez que, para nós cristãos, Jesus Nazareno é o Messias prometido, o Emanuel, o Deus conosco. E o povo judeu, apesar de ainda não admitir Jesus como o Messias, o Filho de Deus, continua e continuará sempre a ser o povo eleito; em que pese o véu, que a seu tempo, chegada a hora, conforme São Paulo lhe será desencerrado; lhe será retirado.

O nosso Deus é um Deus zeloso e identifica-se com os seus. Isto constata-se no Antigo e o Novo Testamento não deixa por menos. Quando Saulo dirigiu-se a Damasco para prender cristãos, Jesus se faz um só com eles: “*Saulo, Saulo, por que me persegues?*”.

A unidade, é o objetivo da oração de Jesus ao Pai: “*Que todos sejam um, Pai, como Tu e Eu somos um*”. Assim, quando o Divino Espírito Santo desce sobre Maria e a virtude do Altíssimo a cobre com Sua sombra, faz uma só coisa com Ela. Isto não é um querer dos católicos, é o desiderato do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Após as divagações acima, acrescentando o decreto do Faraó aos egípcios, que dobrassem os joelhos diante de José (vide Gen XLI, 43), devemos estar aptos para vislumbrarmos, racionalmente, quem é São José, o homem preparado por Deus para proteger moral e fisicamente, os seus dois tesouros maiores: Sua Mãe e Seu Filho muito amados. Invocando São José, rezaremos com mais proveito as Ave-Marias, no tocante a sua segunda parte: “*Santa Maria, Mãe de Deus...*”

Se Deus foi zeloso com a arca, que trazia as duas pedras da Lei, a florescente vara de Arão e o gomor com maná; a ponto de Oza ter morrido por tê-la tocado, que será do homem que

menoscaba a “Foederis Arca”, a Arca da Aliança, que trouxe no Seu Ventre a Jesus Salvador? Cômescio estava São José da responsabilidade tremenda, que lhe fora atribuída por Deus.

“Nolite errare: Deus non irridetur - Não vos enganeis: de Deus não se zomba” (Cf. Gal VI, 7). Não brinquem com São José lídimo, legítimo representante de Deus, na figura de Chefe da Sagrada Família, imputando-lhe a temeridade de Oza, como se possível fora a São José aproximar-se da Santa Mãe de Deus, sem o devido respeito; sem o devido acatamento; sem a devida veneração à Obra Prima de Deus Pai. *“Quia fecit mihi magna, qui potens est, et sanctus nomen eius - Porque o Senhor fez em mim maravilhas: Santo é o Seu nome”* (Cf. Lc I,49).

Peço ao eventual leitor, que não se engane, pois, não estou procedendo a defesa de São José, ele não precisa da minha defesa, eu é que necessito de sua intercessão. Bom seria se a minha devoção a São José fosse piedosa, simplória. Porém, sou leigo, no sentido mais próprio da palavra: secular, temporal, mundano, laical; não tendo, por conseguinte, ordens sacras. Desta forma, o que apurei de São José, não é simples fruto da doutrina, mas da pesquisa. Tudo em consonância com Jesus: *“Examinai as Escrituras”*. (Cf. Jo V, 39).

Por outro lado, atentemos que, a leitura e o conhecimento mais profundo das Escrituras, não salva ninguém. Exemplo disto, nos dá o próprio Satanás pelo conhecimento que demonstrou nas “Tentações de Jesus” exarado nos “Evangelhos sinóticos”, marcadamente em Mateus e Lucas, capítulos IV, 1 e seguintes. Neste particular, tanto os ateus quanto os “intelectuais”, discordam de Satanás, pois, enquanto Satã recorre às Escrituras com conhecimento de causa, os ateus e os ditos intelectuais, confundem-nas com “estórias da carochinha”. Porém, tanto um quanto outros, têm uma eternidade para discutirem o assunto.

Festeja-se São José duas vezes cada ano: 19 de março e 1º de maio e bom seria que se visitasse a igreja nesses dias em memória do grande santo; melhor seria e de mais proveito, mandar celebrar e assistir missas. Pio IX, em 1871, declarou-o Padroeiro da Igreja Católica. Santa Tereza de Jesus, também conhecida por Santa Tereza d’Ávila, dizia: *“Não me lembro de ter-me dirigido a São José, sem que tivesse obtido tudo que pedira”*. Dizia mais: *“Recorram todos a São José, para obter a pureza do corpo, da alma e do espírito”*.

Depois de tudo que se registrou, falar sobre os intitulados “irmãos de Jesus” por São José, é de uma pobreza espiritual

comovedora; o que fazer? Passar em branco? Convencido que: *“Se não ouvem Moisés e os profetas, tampouco acreditarão, ainda que ressuscitasse algum dos mortos”* (Cf. Lc XVI, 31), vou citar trechos, que os nossos irmãos separados leram, entenderam e jogaram para trás das costas, pois, não lhes convêm compreender. Vejamos: *“Taré gerou Abrão, Nacor e Aran. Aran, gerou Lot”* (Cf. Gen XI,27). Ora, se Abrão é irmão de Aran, o filho de Aran é sobrinho de Abrão. No entanto, no Capítulo 13, versículo 8, Abrão diz a seu sobrinho Lot: *“Peço-te que não haja contendas entre mim e ti, nem entre os meus pastores e os teus pastores: porque SOMOS IRMÃOS”*. Adiante, na narração das Crônicas, lemos: *“Dos filhos de Caat, o principal era Uriel, com seus irmãos, em número de CENTO E VINTE. Dos filhos de Merari, o principal era Asaía, com seus irmãos, em número de DUZENTOS E VINTE* (Cf.1Cron XV, 5ss). Considerando, que o último patriarca a viver novecentos e cinqüenta anos foi Noé, por ter o Senhor Deus estabelecido que o número de seus dias serão cento e vinte anos (Cf. Gen VI, 3), como explicar tantos filhos a Caat e Merari? Não tem como, senão entendê-los “descendência comum”.

No Novo Testamento, Jesus ao ressuscitar dos mortos diz a Maria Madalena: *“Vai a MEUS IRMÃOS e dize-lhes: subo para MEU PAI e VOSSO PAI, meu Deus e vosso Deus”* (Cf. Jo XX, 17-18). Maria Madalena entendeu

perfeitamente o recado e foi dar a nova AOS DISCÍPULOS. Os “irmãos de Jesus”, eram os seus discípulos.

Lendo a história de Sansão (Cf. Jz XIII, 1 ss), fica ainda mais claro a extensão do termo “irmãos”. Conta-nos o Livro dos Juizes, que havia um homem chamado Manoá, à mulher do qual apareceu um anjo do Senhor que lhe disse: *“Tu és estéril e SEM FILHOS, mas conceberás e darás à luz UM FILHO”*. A história se desenrola e, no capítulo quatorze, Sansão diz a seus pais que viu em Tamnata uma mulher, das filhas dos filisteus e a quer por esposa. Seu pai e sua mãe disseram-lhe: *“Porventura não há mulheres entre as filhas dos TEUS IRMÃOS?”*. Sendo Sansão filho único, só os apoucados, intelectivamente, é que não alcançam que os “irmãos de Sansão” eram os seus parentes, da linhagem de Dan. Tal qual os, maliciosamente, explorados “irmãos de Jesus”, tão propalados pelos nossos “irmãos” separados, que Lhe subtraem a irmandade tribal.

O próprio Moisés, ao preanunciar o Messias, diz: *“O Senhor teu Deus te suscitará um profeta como eu, da tua nação e dentre os TEUS IRMÃOS; a este debes ouvir”* (Cf. Deut XVIII, 15).

Todavia, bem diz o provérbio: “Para os que crêem, nenhuma explicação é necessária; para os que não crêem nenhuma explicação é

suficiente”; subentendido: “o pior cego é aquele que não quer ver”, aquele que tapa os olhos com as mãos, por conveniência do proselitismo; da militância das seitas, que se multiplicam danosamente.

Que São José, irmão dos descendentes da família de Judá, pai nutrício de Nosso Senhor Jesus Cristo, Bem-aventurado esposo da Santíssima e sempre Virgem Maria e Padroeiro da Igreja Universal, se apiede dos que blasfemam e que rogue por todos nós: crentes, descrentes e maldizentes. E que assim seja.

ARTIGO V



“Isto é meu corpo que é dado por vós

-

Hoc est corpus meus, quod pro vobis
datur...”

Quando Jesus na última ceia, instituiu o Sacramento da Eucaristia, Lucas registra que Ele pegou o pão, deu graças, partiu e distribuiu aos seus discípulos, dizendo: *“Isto é meu corpo que é dado por vós”*; depois, pegou o cálice e disse: *“Bebei dele todos, porque este é o meu sangue do Novo Testamento”*, relata Mateus e arremata com Marcos: *“Não mais beberei deste fruto da vide até àquele dia em que o beberei de novo no reino de Deus”*. Realização plena, do que fora consignado por João no capítulo sexto, versículos vinte e seis e seguintes, do Evangelho segundo o mesmo São João. Oh, maravilha das maravilhas, acabara de ser estabelecido o Mistério da fé: O Santíssimo Sacramento!

Para saborearmos, vislumbrando a profícua grandeza do Sacramento, posto que nem todo mistério é um Sacramento, todavia, todo Sacramento é um Mistério, devemos recorrer ao capítulo primeiro do Livro do Gênesis: *“E a terra produziu erva verde e que dá semente segundo a sua espécie”*; tanto flora quanto fauna, dependem do “SEMEN”, da semente, ou do enxerto, do transplante para se reproduzirem, sem o que não há transmissão de vida. O Sacramento, vai muito além da vida trivial: é a vida e a vida em abundância, transmitida por Nosso Senhor Jesus Cristo: *Porque o pão de Deus é o que desceu do céu e dá vida ao mundo*. O Sacramento nos une, nos enxerta na Divindade. *Uma é a carne do peixe, outra a carne do animal; uma é a carne do homem terreno, outra a carne do homem celestial*; nos esclarece, afirmando, São Paulo.

Marco Túlio CÍCERO, o grande orador, pensador e escritor romano, quando perguntado por que não cultuava os deuses, filosoficamente respondia: “Os deuses estão muito lá em cima e nós muito cá embaixo, não mantemos ‘comércio’ com eles”. Inconscientemente, o preclaro orador, aspirava pelo “EMANOEL”, o Deus conosco. Tal qual os planetas, que iluminados pelo sol, não se dão conta; Cícero, iluminado por Jesus, morreu sem disso se aperceber, posto que lhe faltou a graça de ler o Evangelho, segundo São João: *“O Verbo*

era a luz verdadeira que ILUMINA todo homem, que vem a este mundo” (Cf. Jo I, 9).

SÓCRATES, mestre de Xenofonte e Platão e que viveu, aproximadamente, quatrocentos anos antes de Cristo, repetia: “*Só sei o que é nada*” ou, mais precisamente: “*Só sei que nada sei*”. Falava, não com a humildade dos santos, mas com a humilhada racionalidade dos sábios; de vez que, quanto mais se sabe, mais se descortina o infinito do que ignoramos. Porém, o cristão, por menos dotado que seja sabe, com toda segurança, que Jesus ressuscitou. Considera a tua grandeza, cristão! Cai de joelhos, agradece, adora Jesus Sacramentado; lembrado que: “Um cristão de joelhos, vê mais longe, que um filósofo na ponta dos pés”.

O homem deve partir: do indispensável para o necessário; do necessário para o útil e finalmente do útil para o agradável. É o que nos ensina Jesus, quando nos adverte: “*Que aproveita o homem, ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma?*” Que proveito se arrogar teólogo, quem desconhece o catecismo? Aventurar-se aos oceanos, quem não aprendeu a remar, velejar e nadar à beira-mar?

TALES, de Mileto, um dos sete sábios da Grécia antiga, sabia de cor e salteado todo o sistema do Zodíaco, constelações boreais:

a Ursa Maior e a Menor. Numa noite estrelada, aquele que era sábio, espiando e notificando o planetário, não percebeu um buraco e lá caiu. Conhecia, a olho nu, todo o sistema estelar e por desconhecer o jardim de sua casa, quebrou o pescoço e morreu. “*Que aproveita o homem, ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma?*” Saber é muito bom; ser sábio deve ser muito melhor; desconhecer o “abecê” da vida: uma tragédia.

A sabedoria popular figura, magistralmente, a necessidade do saber partindo do elementar, pela historieta do arrogante intelectual, que na travessia de um rio, manteve com um velho e humilde balseiro, o seguinte diálogo:

— Leste, Hamlet de Shakespeare?

— Não; nem sei o que é isso, “chefe”.

— Perdeste um terço da tua vida. Mas o que sabes dos clássicos?

— Nada não, “chefe”.

— Perdeste dois terços da tua vida.

Nisso, arma-se um temporal. O vento forte empola as águas do rio, a velha barcaça começa a fazer água. Vai afundar.

— O “chefe” sabe nadar? Pergunta o barqueiro.

— Não. Não sei! Responde o intelectual um tanto espavorido.

— Acho que o “chefe” perdeu toda a sua vida. Desforrou-se, matreiramente, aquele que do agradável nada sabia, porém, aprendera o indispensável.

O velho barqueiro joga-se n’água, com precisas e seguras braçadas atinge a margem oposta. Enquanto que o pedante intelectual, agarrado ao que restava da desconjuntada balsa, não se sabe onde parou.

A propósito, o padre João Colombo nos diz: “Quem desejando ser sábio, desprezou o Evangelho para estudar outros livros, não compreendeu nem mesmo aquilo que até as crianças compreendem”. Sábio, sem catecismo, é estátua de bronze, com pés de barro. Isto, é o que o padre João Colombo, que era genial, nos quis transmitir. “*Que aproveitará a um homem, ganhar todo o mundo se vier a perder a sua alma?*” (Cf. Mt XVI, 26). Salvar a alma, é o indispensável, tudo o mais nos será dado por acréscimo. Justiça Social, sem catecismo, é preceito humano.

Intelectualizar-se é uma necessidade religiosa, social e política; nesta

ordem. Caso contrário, Nossa Senhora em Fátima, além de predizer a ascensão, queda do comunismo ateu e triunfo do Seu Imaculado Coração, não teria aconselhado, particularmente à Lúcia, que aprendesse a ler.

A Ciência, um dos sete dons do Divino Espírito Santo, adquire-se através da leitura e MEDITAÇÃO. Ler, sem meditar, é engolir sem mastigar. Difícil, para não dizer impossível, seria atender ao mandado de Jesus: “*EXAMINAI as Escrituras...*” (Cf. Jo V, 39), quem não soubesse ler. EXAMINAR, é saber ler e requer estudo, exame, MEDITAÇÃO.

O expoente da Língua Nacional, o maior entre os grandes filólogos brasileiros, Rui Barbosa, registrou: “Ler é vulgar, meditar é raro”. Porém, muito antes de Rui Barbosa, há quase dois mil anos, São Lucas estampou no seu Evangelho: “*Maria conservava todas estas coisas, MEDITANDO-AS no Seu Coração*” (Cf. Lc II,19). Maria, o primeiro Sacrário de Jesus. Maria, o SACRÁRIO que circundou o Homem (Cf. Jer. XXXI, 22); O Sacrário mor, dos Sacrários de Jesus Sacramentado. Peçamos o dom da meditação, àquela que é a Sede, a Matriz da Sabedoria.

Todo Sacramento é um Mistério; nem todo mistério é um Sacramento. Mas, o que

vem a ser, propriamente, um Sacramento? Existe o vocábulo “sacramento” na Bíblia? E a que vem agora esta pergunta? A narração que segue, por si se explica.

Há algum tempo, num programa de televisão, participavam representantes de várias seitas religiosas, espíritas, pai de santo, um pastor evangélico e um padre católico. Cada qual, puxando a brasa para a sua sardinha, tentava suplantar o outro, numa seleta barafunda. Vai daí, que ninguém dizia coisa com coisa. No auge da tragédia, o pastor protestante passa às mãos do padre católico uma Bíblia e alto e bom som, requer do padre católico, que lhe mostre na Bíblia onde se encontra a palavra “sacramento”.

Convenhamos que não há de ser fácil, enfrentando luzes e câmeras de televisão, manter uma serenidade real, por trás de uma ensaiada serenidade aparente. Ser realmente natural, frente a milhares de telespectadores, quando o cérebro está a mil por hora, é façanha hercúlea. Pretendo justificar com isto, o “branco” que deu no nosso padre.

O representante católico hesita, não consegue coordenar o pensamento, passa a Bíblia de uma mão para a outra, à guisa de batata quente e, o tempo escoar e o nosso padre moita. Foi um vexame. A Bíblia foi devolvida ao pastor,

pelo padre, indisfarçadamente contrafeito, sem maiores nem menores explicações. Foi uma tristeza. Esses “brancos”, esses lapsos de memória, ocorrem, geralmente, em momentos que não deveriam ocorrer; em tais momentos não poderiam nunca ocorrer. E ocorrem!

Como dizíamos acima: “Todo Sacramento é um Mistério; nem todo mistério é um Sacramento”. Quando se desconhece o significado de uma palavra, o volume próprio que traz a significação não é a Bíblia e sim o Dicionário; que assim define Sacramento: “Ato religioso de INSTITUIÇÃO DIVINA, para santificação da alma”. Logo o Sacramento não é uma invenção da igreja, mas, criação Divina. Só Deus pode executar um Sacramento. O homem serve de ducto, de um mero canal, para santificação da humanidade.

Não há quem possa acrescentar nada, tampouco subtrair coisa alguma ao dom próprio de cada Sacramento. Se a distribuição da Santíssima Eucaristia, ocorrer por mãos de Sua Santidade o Papa, verdadeiro representante de Cristo na terra, ou pelo mais ínfimo dos cristãos, nem aquele soma, nem este último diminui, à grandeza infinita inerente ao Sacramento, o que quer que seja. No Sacramento reside: O MISTÉRIO DA FÉ.

Cumpra esclarecer que, apesar do pastor e do padre terem ignorado, existe um local no Novo Testamento, precisamente na Carta aos Efésios, capítulo cinco, versículo trinta e dois, que traz explícita a palavra sacramento: “*SACRAMENTUM hoc magnum est; ego autem dico de Christo et ecclesia - Este SACRAMENTO é grande, mas eu o digo em relação a Cristo e a Igreja*”. O Sacramento grande a que São Paulo se refere, é o do matrimônio, citado no versículo anterior, que o Apóstolo das gentes, relaciona com Cristo e Sua Igreja: no sentido Esposo e Esposa.

Por outro lado, a maioria das Bíblias atuais, sejam católicas, sejam protestantes, após um conluio de lideranças, num inequívoco jogo de compadres e comadres, concluíram “por bem”, substituir o termo “SACRAMENTUM” por “MYSTERIUM”, dentre outras adulterações, com a finalidade de provarem ao mundo que a Igreja não é tão radical quanto propalam. Moisés, sentiu na carne as mesmas pressões e acabou por ceder, dando ao povo judaico o “libelo de repúdio”. Jesus condenou a Moisés, por essa aparente fraqueza? Absolutamente. Vejamos o que diz Jesus: “*Porque Moisés, por causa da DUREZA DO VOSSO CORAÇÃO, permitiu-vos repudiar vossas mulheres; mas no PRINCÍPIO não foi assim*” (Cf. Mt XIX, 8). Se Jesus não condenou Seu profeta,

muito menos há de condenar o Seu representante na terra; mas ai de nós por causa da dureza dos nossos corações; ai daqueles, para serem simpáticos à turbamulta, se valem de pressões, adulterando a palavra de Deus. Afora o especificado, em que pese a malícia, as demais substituições, neste particular, pouco influem, pois numa última análise, sacramento e mistério são sinônimos entre si. O que existe de triste, é a confusão advinda, pelo exercício da maldade. Maldade que exorbita, atingindo raias da loucura, ao estabelecer relação entre pedófilo(*) e tarado.

A confusão generalizou-se em conseqüência dos setenta anos do império do comunismo ateu, num trabalho sistemático em “espalhar os seus erros pelo mundo”, conforme prognóstico de Nossa Senhora em Fátima; o Concílio Vaticano II, caiu como uma luva para os então progressistas e atuais retrógrados. A esquerda militante formou uma baralhada sem precedentes, a ponto de Sua Santidade o Papa Paulo VI, de saudosa memória, exclamar: “Estão desmoronando a igreja”. O embaralhamento atingiu o auge com a “teologia boff-ista”, que arregimentou, comprometedoramente, cardeais, bispos, padres, religiosos, leigos, todos a serviço de Fidel Castro. Viveu-se um pandemônio. Ainda padecemos os extertores da maligna serpente. Suas rabanadas até agora levantam poeira; nada além de poeira. Hoje o “teólogo” é quiromante;

trocou sua “teologia” pela quiromancia; pois com a queda do muro de Berlim e posterior falência do capitalismo estatal, que financiava as orgias políticas de Fidel, o “teólogo” evoluiu; “teologia” marxista, sem o correspondente financiamento, não há quem agüente. Se ao invés de sobraçar, divulgando, àquele calhamaço “O CAPITAL” de Karl Marx, tivesse aprendido de Jesus: “*Se vós permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a Verdade e a VERDADE vos libertará*” (Cf. Jo VIII, 31), não teria propalado Lenine, pai do comunismo russo que, paradoxalmente, dizia: “*Uma mentira repetida mil vezes, transforma-se em verdade*”. Os fatos provaram o contrário, pois as mentiras de Lenine, apesar de terem-se sustentado, por setenta malfadados e longos anos, a poderosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, implodiu. Convenhamos, não deixou de ser uma façanha; com conseqüências, mundialmente, catastróficas. Nossa Senhora, em 1917, meses antes da revolução bolchevista, havia predito em Fátima: “*A Rússia espalhará seus erros pelo mundo*”. As mentiras ainda campeiam e nós, os católicos, as estamos degustando, amargamente.

Sobre os setenta anos de duração da nefasta doutrinação marxista, fonte de inspiração de uma “teologia” não menos funesta, há os que imaginam e anunciam que o

cristianismo, tal qual as corriqueiras doutrinas, tem um tempo de duração, dois mil anos, no caso. A doutrina de Jesus, tem uma particularidade inigualável: É ETERNA. A promessa do esmagamento da serpente, nos vem do Paraíso; em conseqüência do erro; do pecado, ocasionando a queda de Adão e Eva. A doutrina de Jesus não nasceu no tempo: projetou-se ao tempo. *“Não julgueis que vim abolir a lei e os profetas, NÃO os vim destruir, MAS SIM PARA OS CUMPRIR”* (Cf. Mt V,17). São os profetas, inspirados por Jesus, que O credenciam. Ele não meramente nasceu como todos os homens: Ele VEIO ao mundo com a missão específica de libertar o homem do pecado; do jugo de Satanás: pai da mentira, do sarcasmo, do caos, da confusão. Jesus, não é como nós outros, que não sabemos a que viemos. Nem Lao-Tsê, nem Buda, nem Confúcio, nem Maomé, muito menos Zoroastro; nenhum deles foi preanunciado. Com Jesus o caso é outro: *“Examinai as Escrituras, elas são as que dão testemunho de mim”* (Cf. Jo V, 39). Jesus, de todos, é o único que possui credenciais. Por isso, Rui Barbosa, o gênio brasileiro, disse: “Estudei todas as religiões do mundo e cheguei a seguinte conclusão: religião, ou a Católica, ou nenhuma”. E é bom que se lembre que: estudar, requer o exame frio da matéria predeterminada. Sem o que não é estudo, é palavrório ensaiado, com a finalidade de

angariar prosélitos e assim aumentar o número de tolos, que pagam o escorchante dízimo. Atentem bem: Escorchante, enquanto PAGAMENTO. Pois o homem tem a liberdade de fazer dos seus proventos, o que lhe aprouver; evitando sempre as raias do perdulário. “Deus ama o que DÁ com alegria”, não ao que paga contrafeito. A doação é sempre um ato de nobreza, de liberalidade; o pagamento, é imposto. Abraão que era um homem nobre e liberal, ao ser abençoado por Melquisedec, DEU o dízimo de quanto possuía (Cf. Gen XIV, 20). Quem paga, não faz mais do que a obrigação. Abraão não pagou: DEU.

Voltando ao fio da meada, já que o dízimo tratarei à parte, cumpre lembrar que o termo “cristianismo” surgiu de um equívoco, em Antioquia. Esse equívoco generalizou-se, de tal forma, que há filosofias esquisitas que se ufanam, proclamando, com razão, serem mais antigas que os profetas e ao próprio Moisés. Filosofias de cinco e seis mil anos, antes de Cristo, anteriores a Abraão e ao Código de Hamurabi. Vangloriam-se da antiguidade, os sectários dessas filosofias orientais, por ignorarem a palavra de Jesus: “*Antequam Abraham fieret, Ego sum – Antes que Abraão fosse (feito), EU SOU!*”. Jesus é eterno: Gerado, não criado. O Verbo Eterno, feito carne, que habitou entre nós. Isto não é utopia, tampouco quimera e nada tem de filosofia. É

registro, é história, é cumprimento das Escrituras, é crença na ressurreição de Jesus, sobre a qual, nunca é demais repetir com São Paulo, o Apóstolo das gentes: “*Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé*”. Se Cristo não ressuscitou, nós somos os mais simplórios dos homens, “*os mais infelizes dos homens*”. A mentira, prevaleceria à Verdade; a morte, à Vida! Seria o caos. A razão estaria com Sardanapalo: “Vive, ludibria, regala-te, pois o amanhã é nada!”

Frente à doutrina de Jesus, é dever do homem manifestar-se a favor ou contra, jamais ser indiferente: “*Porque és morno, nem frio nem quente, começar-te-ei a vomitar da minha boca*” (Cf. Apoc. III, 16). Ai do indiferente; ai do morno! Isto porque, não existe coisa que fira mais profundamente, do que o desprezo ao Amor. Cristo Jesus, não morreu somente por ti, nem somente por mim, sequer somente pelos cristãos. Não morreu pelos pobres, nem somente pelos ricos, nem pelas doenças, muito menos pela saúde passageira; não morreu pelo mundo, sequer pelo mundo rezou. Morreu pela causa primeira, origem desta balbúrdia: O pecado original. Deste, a Igreja destaca sete efeitos principais: A avareza, a gula, a inveja, a ira, a luxúria, a preguiça mental e a soberba. Longe de Jesus ter vindo pelos efeitos, menos ainda pelo efeito da nossa política pobre e podre. Veio pelo pecado original, causa primeira desta podridão

moral que vivemos. Causa mortal do universo visível. Jesus, é a cura radical, a cura pela raiz. Enquanto que nós, míseros mortais, outra coisa não fazemos, além de radicalizar os paliativos, na impotência de erradicá-los, com eles convivemos, par e passo. Enganando a terceiros e a nós próprios.

Enfim, por ocasião em que a cibernética, a informática, a robotização, o sistema computadorizado que nos coloca toda informação em nosso lar, pela internet, que nos extasiam, vierem a se tornar tão hilariantes quanto o cinema mudo e as cambalhotas dos pioneiros da aviação; nessa época áurea, o homem vivendo o ápice da desenvolvimento, terá atingido, por fim, a soleira dos primórdios, da Sabedoria e do Verbo Eterno de Deus. Oh, grandeza das grandezas, “quão tarde te amei!”, em conformidade com o santo Bispo de Hipona.

“Isto é meu corpo, que é dado por vós”. Sem comunhão não existe vida natural, conforme explicitou Fulton Sheen, transcrito no “Artigo I” desta série. Sem comungarmos com o Senhor, não teremos a “Vida em abundância”, prometida por Jesus e que Santo Agostinho define: “Aquilo que chamamos vida, é morte; a verdadeira Vida, é a de Jesus ressuscitado”.

Completando, o célebre Tomás de Kempis na sua majestosa obra IMITAÇÃO DE CRISTO, assim define a comunhão com o Corpo do Senhor Jesus: *“Todas as vezes que participamos deste Augusto Sacramento, recebemos em nós a Sabedoria, a Luz incriada, o Verbo Divino. A Palavra viva. Recebemos o Autor da Graça, o Consumador da fé, o penhor imortal de nossa esperança. A Carne crucificada por nós incorpora-se em nossa carne, o Sangue que remiu o mundo, mistura-se com o nosso sangue. Um ósculo santo estreita nossa alma à bendita alma do Redentor. Sua divindade nos penetra e consome em nós, tudo aquilo que o pecado havia corrompido; o AMIGO FIEL repousa em nosso peito; ‘põe-me como um selo sobre o coração, porque o amor é mais forte que a morte’, não vemos senão o Amado, não temos outra vida senão a Sua e a tristeza da nossa peregrinação terrestre, desvanece-se nas alegrias do Céu”*.

(*) — Pedófilo - Adj. e s. m. : Amigo das crianças. Que ama as crianças. Que tem ou manifesta pedofilia.

— Pedofilia - s. f. m.: Do grego: paidophilos; pais, paidós = criança + philia = amor.

— Tarado - Adj. e s. m. : Aquele que é sexualmente degenerado.

ARTIGO VI



“Não sejamos meninos flutuantes -
non simus parvuli fluctuantes”. (Ef.
IV, 14)

Por ocasião da nossa colação de grau, nós, os leigos, com relação à Ordem Sacra, passada a euforia da diplomação, compreendemos que o diploma não é um fim, mas um bilhete de ingresso, que nos credencia para iniciarmos uma carreira. É quando vamos começar a sentir e a provar em nós mesmos que, realmente, “na prática a teoria é outra”. O início do curso da vida, varia de diplomando para diplomando; uns gozam de maiores recursos, outros menos e a maioria, de recurso financeiro nenhum. Mecânica e rapidamente, aprendemos a ser “espertos”, apavora-nos sermos taxados de ultrapassados e caretas. Quem não entra na dos “espertos” está, fatalmente, condenado ao gelo dos espertalhões; então, o sucesso do homem de caráter está sempre adiante e só é alcançado, no dia da partida deste mundo. Em consonância com as palavras de Jesus: “*Que aproveita o homem, ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?*”

No sucesso passageiro de cada um de nós, a “mídia” exerce um poder decisivo: goza da faculdade de elevar um imbecil aos píncaros e lançar um gênio às traças. É um poderio tão avassalador, que Winston Churchill, o grande Primeiro Ministro Inglês, um dos maiores estrategistas da Segunda Guerra Mundial, costumava dizer: “Não existe opinião pública; o que existe é opinião publicada”. Do ponto de vista humano, é uma verdade crua e nua. É o que nos comprova a vida prática; é o que nos ensina a prática da vida. Conclui-se que, lutar contra um poder estabelecido, é temeridade; lutar contra a imprensa escrita, falada, televisada, é loucura consumada. Esta dedução, para o político do mais tolo ao menos trouxa, é elementar; o político que disto não se apercebeu, nasceu morto para a política. Daí a bajulação, do servilismo do político à imprensa. O escritor, o jornalista, cômico dessa força, deve pautar pela verdade em defesa dessa mesma força, posto que: “A justiça do forte, é o escudo do fraco”.

Jesus, como verdadeiro homem “adaptou-se”, ou melhor dizendo, “sujeitou-se” à linguagem e aos costumes humanos: fez-se batizar, contribuiu com a didracma (para não escandalizar os judeus) e ordenou aos discípulos que apregoassem, que publicassem sobre os telhados (em latim “super tecta” sobre as coberturas, onde hoje é aristocrático residir e

que, pomposa e eficientemente instalamos as antenas transmissoras e as receptivas parabólicas), aquilo que lhes dizia aos ouvidos (cf. Mt. X, 27). Que mais poderia ter feito pela nossa salvação, que não o houvesse feito?!

Jesus é sempre atual: ontem, hoje e sempre. Hoje, na pessoa de Sua Santidade o Papa João Paulo II; este, fala mais de vinte idiomas e domina cinqüenta dialetos. Pelo sistema de computação do Vaticano, coligado à internet, Sua Santidade independe de tradutores; cujo pormenor lhe destaca, entre todos os estadistas do mundo atual. A maior grosseria que a pessoa pode praticar contra si própria, é julgar Sua Santidade o Papa de conservador. Sua Santidade é, ex-officio, PRESERVADOR DA SÃ DOCTRINA. Que é coisa bem diferente!

São Paulo, em carta aos efésios, há quase dois mil anos, inspirado por Jesus, nos adverte hoje: *“Não mais sejamos MENINOS FLUTUANTES, levados ao sabor de todo vento de doutrina, pela MALIGNIDADE dos homens e pela ASTÚCIA com que induzem ao erro”* (Cf. Ef. IV,14). Vem a público uma “teologia liberticida”, apelidada de libertadora; desponha uma filosofia oriental (Seicho-No-Iê); surge uma vidente (mãe não sei das quantas) e os MENINOS FLUTUANTES, tais pluma ao vento, deixam-se levar de roldão. Aparece uma melodia ritmada,

insinuante, bem cadenciada e os MENINOS FLUTUANTES, põem-se a bambolear, tocando bumbo, batendo palmas, cantando a plenos pulmões, pouco se lhes dando a incongruência, a incoerência da letra: “Javé é Deus dos pobres e do povo sofredor”. Este é um, entre tantos outros desatinos, que se vêm cantando e que só não afrontam, mas debocham da inteligência do povo brasileiro. Não há quem, tendo folheado a Bíblia ignore que, “o povo se tornava pobre e sofredor”, toda vez que abandonava o Senhor seu Deus.

Por outro lado, sem exceção, todos os patriarcas foram riquíssimos: Abraão, Isaac e Jacó. O próprio Jó, vencido o tempo de provação, Deus o prodigalizou com uma riqueza, sete vezes maior que a anterior. O rei Davi, não foi menos rico e gerou Salomão, que a todos os outros ultrapassou, em sabedoria e riqueza. Jesus, quando do Seu nascimento, recebeu dos Magos incenso, mirra e também ouro; descido da cruz, foi depositado num sepulcro novo, de propriedade de um varão ilustre do Sinédrio, o rico José de Arimatéia. Pretendendo tapar o sol com a peneira, os MENINOS FLUTUANTES ignorando Eloin e Adonai, vão atacando de Javé, como Deus dos pobres e dos sofredores. Isto, na melhor das hipóteses, é deslavado contra-senso. Deve-se embuçar a mentira, a Verdade não: ela é nua e crua! Jesus, ao proclamar que Sua carne era verdadeira comida e o Seu sangue verdadeira

bebida, escandalizou as multidões, mas não saiu correndo atrás delas. Voltou-se para os seus discípulos e perguntou: “*Quereis vós também retirar-vos?*”(Cf. Jo VI,68). São Pedro que era um simples pescador, mas que de MENINO FLUTUANTE, não tinha nada, respondeu: “*Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna; e nós acreditamos e conhecemos que tu és o SANTO de Deus*”. É exatamente isto: “*Seja o vosso falar: SIM, SIM; NÃO, NÃO. Tudo o que disto passa, procede do maligno*” (Cf. Mt. V,37).

Não existe pessoa alguma, por mais necessitada que nos pareça, porém, sob a Graça de Deus, que se sinta infeliz. É sabido que: “O homem feliz, não usava camisa”. Assim, tanto a riqueza, quanto a pobreza, não trazem no seu bojo a felicidade ou a infelicidade; não é o nosso “status” que conta e sim a BENÇÃO DE DEUS. Conhecemos pobre, que maldiz sua pobreza; conhecemos rico que, de bom grado, daria toda a sua fortuna, pelo apetite do pobre maldizente. Mesa farta, sem o respectivo apetite, é pior que tortura chinesa. Um copo de água, ao sedento no deserto, aproveita mais que um milhão de dólares na giba, na corcova do camelo. Mas, os MENINOS FLUTANTES, não se detêm a respeito; só se detêm, para adulterarem o sentido da Palavra de Deus. Nem a pobreza, tampouco a fortuna, fogem à lei da relatividade.

Parte daí, a preferência de Jesus em evangelizar os pobres, enriquecendo-os moral e espiritualmente para que, se materialmente ricos viessem a ser, auxiliassem os demais que não tiveram a mesma dita. Não se desconhece, que a evangelização é fundamental na formação do caráter. Assim, São Jerônimo, genial evangelizador, agente da Vulgata, Bíblia Oficial da Igreja, transmitiu e os “meninos flutuantes” ignoraram, o seguinte pensamento: “Absque notitia sui Creatoris, homo pecus”. Delicadamente, pode-se traduzir: “Sem o conhecimento do seu Criador, o homem é um animal irracional”. Digo delicadamente, porque o termo latino “pecus” originou pecúnia de pecuária, que lembra boi, cavalo, jumento. Desta maneira, seria duro, porém, não inexato, traduzir: “Sem o conhecimento do seu Criador, o homem é um cavalo, um boi, um jumento”. Mas, por serem “meninos flutuantes”, massa de manobra da maligna astúcia dos homens e, em virtude de não terem aprofundado a catequese recebida, culpam a Igreja, que é Mãe e Mestra, do desinteresse estudantil, que lhes é pertinente. Que proveito, se a Mestra ensina e o discípulo não estuda? Que aproveitaremos nós, da maioria das parábolas de Jesus, se os discípulos se desinteressassem do conceito das mesmas?

Jesus manda evangelizar os pobres. Os “meninos flutuantes” concluíram ser mais

proveitoso “administrar” a pobreza. Com raras e meritórias exceções, mantidas por conceituadas fundações particulares e religiosas, destacando o Instituto Lar e Juventude Dom Bosco, em contraste com os “cabides” de sanguessugas, que vicejam às custas da isenção do imposto de renda de terceiros e subsídios do Estado, cujas administrações, transformaram a pobreza numa ubertosa fonte de renda. Os “sem terra”, os “sem teto”, os “sem nada” e os “meninos de rua”, entre outros, que constituem um gravíssimo problema social, para os “flutuantes” resulta numa polpuda solução administrativa. O sucesso desses “administradores” depende, em linha direta, da perpetuação dessas chagas regionais, que se alastram como gangrena pelo país afora, garantindo-lhes, promissoramente, o vínculo empregatício. Eternizar essa situação é a garantia maior, contra o desmantelamento dessa “indústria”, fautriz das mamatas. Os “meninos flutuantes” não percebem, ou dão de ombros, que resfriam a caridade, em manifesto cumprimento às palavras de Jesus: *“Por causa de se multiplicar a iniquidade, se resfriará a caridade de muitos”* (Cf. Mt XXIV, 12). Ser caridoso é uma coisa, ser trouxa outra. Da dificuldade de se saber quem é quem, para não se passar por trouxa, cessa a caridade.

Jesus diz: *“Pobres sempre os tereis convosco”* e arremata: *“E quando o quiserdes*

podeis lhes fazer o bem, mas a Mim não o tendes sempre” (Cf. Jo XII, 8; Mc XIV,7). Diz mais: “*Dá a todo aquele que te pede*” (Lc VI, 30). Os “meninos flutuantes”, os “administradores”, em defesa de seus interesses, pregam que não se deve dar esmolas e para benefício de seus proventos, a sociedade assoberba-se de pobres. A esmola, como o serviço prestado à comunidade carente, não deve e não pode visar remuneração, há de ser voluntário e gratuito, partindo do indivíduo para o coletivo, assim e só assim, alcançará credibilidade. Se escasseia o voluntariado, deve-se ao excesso de espertalhões.

Esses “flutuantes” ignoram, ou esquecem em benefício próprio, que a pobreza não é causa, é efeito da transgressão original. Motivo capital da vinda de Jesus, de vez que, sanada a causa, cessam os efeitos. Os “meninos” não podem desconhecer isto, mas não pregam, não praticam, não exercitam. A pregação de Jesus, se lhes apresenta tão impraticável, quanto a político baiano querer ser votado, sem freqüentar os pais-de-santo, os babalorixás. A variação consiste, que o político necessita de voto para se eleger, nós pobres deuses mortais, dependemos unicamente de Jesus, para vivermos e sermos eleitos. Convenhamos, que entre um e outros, existe uma diferença transcendental, ou seja, o político e os “meninos flutuantes” adaptam-se às “realidades” regionais, os cristãos

autênticos à única realidade: JESUS, pelo seu representante maior: O Papa. Quem não estiver na linha seguida pelo Sumo Pontífice, está desalinhado, perdeu o rumo e a direção. Uma só realidade, as demais são versões, variantes. Exemplificando: Dizer que a Igreja somos nós, é uma variante. A Igreja é Jesus! A Igreja é Cristo, reconhecida como casa de Deus, por extensão casa de todos nós. Isto, Ele deixou evidente, quando da Sua doutrina do Corpo e Sangue, viu-se abandonado pelos judeus escandalizados, pergunta aos Doze: “*E vós, não quereis ir também?*”. Às portas de Damasco, aonde São Paulo ia prender os cristãos, Jesus lhe aparece e pergunta: “*Saulo, Saulo, por que Me persegues?*”. Se Jesus, não fora a Igreja, não faria nenhum sentido, termos aprendido na catequese, que fora da Igreja não há salvação. Se essa pregação partisse dos católicos, seria uma invencionice, uma pretensão, uma veleidade. Jesus não morreu pelos católicos, nem pelos protestantes, morreu pela humanidade. Um Jesus menor, deve-se a estreiteza do nosso entendimento. São João Batista, disse aos judeus: “*Poderoso é Deus, para fazer dessas pedras, filhos de Abraão*”. Ora, Jesus ao batizar-se vicariamente, pelo gênero humano, é poderoso para transformar uma multidão de pagãos em cristãos. Assim, como se aprecia, Jesus não depende da multidão, as multidões é que dependem do Salvador.

Paralelamente, a Igreja não necessita dos fiéis, os fiéis é que necessitam da Igreja, com a qual Jesus se identificou. Os “flutuantes” porém, não vêm deste modo, imaginam um Jesus teórico e atuam como se houvessem concluído com os seus botões: “Na prática a teoria é outra”. Na prática não servem à Igreja, servem-se dela para aparecerem, para serem badalados. Às favas, com a humildade de São João Batista: “*É necessário que Ele cresça e eu diminua*”. Os “meninos flutuantes” são práticos: “Conquanto que eu apareça, a Igreja que se lixe!”. No entender do “flutuante”, o que interessa é fazer o que anima o povão: Bate pé, bate palma, levanta o braço, bate bumbo e foguetório”. Contemplar os mistérios do Santo Terço, meditar sobre as palavras do Breviário: “É caretice, cara!”. A Ladainha de Nossa Senhora, onde se declina as prerrogativas da Mãe do Criador, tornou-se “ladainha”, no sentido de coisa cansativa, enfadonha, para embevecimento de Satã.

Inseguros, pois “flutuantes”, na explanação do milagre da multiplicação dos pães, confirmado por Jesus (Mt XVI, 9-10; Mc VIII, 18-20), tentam incutir que o realizado pelo Mestre foi uma “partilha”, pois os judeus mais precavidos haviam levado suas merendas, à maneira dos que se encaminham a um convescote ou piquenique e tendo Jesus mandado aos Apóstolos as arrecadar num montão, as repartiu até a saciedade. Na

concepção dos “flutuantes” não houve milagre e sim uma esperta distribuição bem ao paladar dessa decantada “partilha”, blasfematória.

Concluindo, transcrevo para meditação dos saltitantes e “meninos flutuantes”, os versículos vinte e seis a vinte e oito, do capítulo dezoito do primeiro Livro dos Reis assim redigido: *“E saltavam diante do altar que tinham feito. Sendo já meio-dia Elias **escarnecia-os**, dizendo: ‘gritai mais alto, porque ele é um deus e talvez esteja falando em alguma estalagem, ou em viagem, ou dorme e necessita que o acordem’. Eles, pois, gritavam em alta voz”*. O Deus de Elias, o nosso Deus, examina as intenções e silente no Sacrário de coração para Coração escuta o suplicante e providencia.

ARTIGO VII

“ Tendo-O descido (da cruz),
envolveu-O num lençol -
Et depositum involvit sindone”. (Cf.
Lc XXIII, 53)

Na ocasião em que Nosso Senhor foi apresentado no Templo, por Nossa Senhora e São José, o Velho Simeão predisse: *“Eis que Este está posto para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser ALVO DE CONTRADIÇÃO”* (Cf. Lc II,34). Desde então, a profecia do velho e santo Simeão vem-se cumprindo à risca, dia após dia, através dos séculos.

Contradição, é a contestação entre afirmações atuais ou anteriores, entre palavras e ações. Um, entre milhares de outros exemplos, é o Santo Sudário que, para os que crêem, trata-se do lençol com que, José de Arimatéia, envolveu Jesus, quando do Seu sepultamento.

Se o Santo Sudário é falso, como propalam os que não crêem na sua veracidade e se eu, porque creio, pretendo dar ao falso cores de real, estou mais para Satanás, pai da mentira, do que para filho de Deus, Suprema Verdade.



Argumentar falsa e intencionalmente, para induzir outrem em erro, é sofisma. E Deus, além de não necessitar de sofismas, abomina toda e qualquer mentira, pois, do contrário, não seria Ele: VIA, VERITAS, VITA - O Caminho, a VERDADE e a Vida.

Portanto, cômncio desta responsabilidade, pedindo a Deus que me ilumine, para não faltar com a imparcialidade, é que me volto para esta “contradição”, que é mais uma, entre outras que o profeta Simeão, predisse à Senhora e a São José. Eu afirmo, pelos olhos da fé, que o Santo Sudário é verdadeiro, não havendo de faltar quem o contradiga, a fim de que a CONTRADIÇÃO predita prevaleça, permanecendo.

Da mesma forma, as santas mulheres foram dar parte aos “irmãos” de Jesus, os seus discípulos, que o Mestre havia ressuscitado e que os precederia na Galiléia, onde o veriam (Cf. Mt XXVIII, 10). As santas mulheres, sem outras explicações, entenderam que os irmãos, aos quais Jesus se referia eram os seus discípulos; os nossos “irmãos” separados, após séculos de leitura bíblica e com todas as explicações que lhes foram dadas, não alcançaram e ainda não entenderam. E por que? Para que se cumpra neles, a CONTRADIÇÃO predita. Se todos aceitássemos os irmãos de

Jesus, os seus discípulos, os seus afins da tribo de Judá e nós todos filhos de Deus, por Maria nossa Mãe comum, não haveria protestante, não se cumpririam as Escrituras, não haveria CONTRADIÇÃO. Pelo menos, no que toca aos explorados “irmãos” de Jesus.

Quando o Santo Sudário, em 1978, foi examinado por uma equipe norte-americana de cientistas, o Dr. John H. Heller, biofísico, por profissão e protestante pela fé, resolveu, vez por todas, desmascarar àquela “farsa”. O tiro lhe saiu pela culatra, pois, como homem de ciência e sério, não achou indigno de si e da religião que professa, quedar-se reverente sobre as evidências do fato. Em consequência, deu corpo a um artigo que a “Seleções do Reader’s Digest” publicou, sob o título de “O MISTÉRIO DO SUDÁRIO”. Quem teve a felicidade de ler o referido artigo, concluiu que o Sudário é mesmo um “sacramentum”, um mistério, bem de acordo com o escrito denominado pelo Dr. Heller.

Posteriormente, submeteram um fragmento do lençol ao teste do “carbono-14” e, efetivando a “Contradição”, deduziu-se que o pedaço de pano examinado, tinha uma idade aproximada de setecentos anos; ora, Jesus havia sido envolto no lençol há dois mil anos, cronologicamente, o Sudário era uma fraude.

Mero engano. Pois, para reacender a “Contradição”, uma nova equipe de cientistas, aprofundando as pesquisas, percebeu que o “carbono-14” limitara-se a aproximar a idade das bactérias que, no decurso dos séculos, se acumularam na superfície e, paulatinamente, se introduziram no material poroso do tecido. Portanto, o “carbono-14” não detectou o período existencial do pano e sim dos microrganismos. Em decorrência, o título do artigo elaborado pelo Dr. John H. Heller, permanece atual: “O MISTÉRIO DO SUDÁRIO”.

Com relação ao Santo Sudário, além da associação que venho procedendo entre os que dizem e contradizem, perpetuando a “contradição”, não existe profecia. Nem o Senhor Jesus, nem os Evangelistas, tampouco algum dos profetas, registrou que um lençol estamparia a figura flagelada do nosso Mestre e Senhor. O que se sabe a respeito, é que a peça apareceu há seiscentos e quarenta anos e que por mais de quatrocentos, pertenceu à família real de Sabóia e com a morte do rei Umberto, foi doada ao Vaticano, que se não opôs a que ficasse em Turim, na mesma Itália. O pano, vinha desfrutando um misto de lenda e devoção piedosa e assim continuaria por séculos afora; não fosse a ânsia dos cientistas, tudo permaneceria como dantes: uma devoção piegas, lendária e não “contraditória”.

A Santa Sé, precavida como foi e sempre será, não se manifestou oficialmente sobre o Santo Sudário. O que existe é uma especulação científica e não um pronunciamento dogmático. Um dogma requer uma bula ou decreto pontifício e só se dá mediante longos e acurados exames sobre o assunto proposto. Assim ocorreu com o dogma da Imaculada Conceição, que Santo Agostinho havia desejado e o Concílio de Trento doutrinado, mas que só veio a ocorrer em 08 de dezembro de 1854; ora, Santo Agostinho, nosso grande Doutor, tinha entregue sua alma ao Criador em 430, mil e quatrocentos e vinte e quatro anos antes e o concílio de Trento aconteceu em 1546, trezentos e oito anos, também antes à promulgação do dogma. Cumpre dizer, que o dogma da Imaculada Conceição, decretado pelo Papa Pio IX, quinze anos após, logo, em 1869, o Concílio Vaticano I, eleva a dogma a Infalibilidade pessoal do Papa. Destarte, Maria, Nossa Mãe Santíssima, retribui honra com honra e prodigaliza à igreja o remédio mais salutar, para curar os males daqueles e dos nossos dias. No rol dessas maravilhas, pecaria por omissão, se deixasse passar em branco a pessoa de Bernadete de Soubirous, a graciosa menina a quem Nossa Senhora por dezoito vezes se revelou e perguntada por Bernadete quem Ela era, apresenta-se: “EU SOU A IMACULADA CONCEIÇÃO”. Ficou assim ratificado,

celestemente, o dogma de Sua Conceição Imaculada.

O Dr. John é um cientista, eu não. Ele examinou o lençol sob os olhos frios da ciência e deu seu parecer; ao passo que eu, vejo o Santo Sudário com os olhos ardentes da fé, independo do parecer científico. E, como explicar a fé? “A fé, nos diz Santo Agostinho, é acreditarmos naquilo que não vemos; a recompensa da fé, é vermos aquilo em que acreditamos”. A vida prática nos ensina, que a fé, é a gente estar num beco sem saída, certo que Deus deparará uma. A fé acredita no possível, frente o impossível. A fé, reconhece no acaso, a Providência Divina e não que as coisas aconteçam por acaso.

O Santo Sudário, por exemplo, não apareceu por acaso; ele está cumprindo o seu papel e não se desintegrará, enquanto tudo que lhe diz respeito, não for cumprido; enquanto tudo o que lhe foi designado, não tiver sido consumado. Os povos pagãos, latinos, diziam: “Fors plus quam ratio potest – O acaso pode mais que a razão”. Esta tirada filosófica, está repleta de sabedoria humana, mas não de Sabedoria Divina. Ora, os povos latinos e gregos, liam pela mesma cartilha e prestavam culto a uma fábula de deuses, inclusive ao Deus Desconhecido. Este, São Paulo quis dar a conhecer no Areópago de

Atenas, os gregos lhe viraram as costas. E assim, os intelectuais da época, continuaram ignorando o Deus Desconhecido, a fonte de nossa intelectualidade; a fonte da Sabedoria: “*(Verbum) erat lux Vera, quae illuminat omnem hominem, veniens in mundum – (O Verbo) é a luz verdadeira que ILUMINA TODO HOMEM que vem a este mundo*” (Cf. Jo I,9). A Sabedoria de Deus, envolve a terra como uma névoa e age como a chuva que, indistintamente, cai sobre o justo e o injusto, sobre crentes e descrentes. É o que nos explica o Livro da Sabedoria, o qual os nossos irmãos mais velhos (os judeus) e os nossos irmãos separados (os protestantes), ignoram.

Quando Fulton Scheen, celeberrimo Arcebispo de Nova Iorque, disse que “a fé é um dom que vem de cima”, ele sabia o que dizia, pois dizia o que sentia. A Epístola de São Paulo aos Hebreus, dedica um capítulo inteiro, com os seus quarenta versículos, sobre a natureza da fé (Cf. Hebr XI, 1-40). Principia assim: “*Ora, a fé é o fundamento das coisas que se esperam e o argumento das que se não vêem*”; mais adiante: “*Pela fé reconhecemos que o mundo foi formado pela PALAVRA (Verbo) de Deus, de sorte que o visível foi feito pelo invisível*”; “*Pela fé, caíram os muros de Jericó, só com o dar voltas ao redor deles por sete dias*”. A fé, só é compreensível para aqueles que a possuem; a fé é dada aos pequeninos e simples de coração e escondida aos

que se julgam sábios. O mesmo se dá com o Sudário, pois o crente não carece de uma constatação científica, pois: “para os que crêem, nenhuma explicação é necessária; para os que não crêem, nenhuma explicação é suficiente”.

Desta maneira, para os que não crêem na realidade do Santo Sudário, eu me expresso por uma linguagem estranha; proclamo, mas não atinjo. Se assim é, para que escrever? Única e exclusivamente, para cumprir um dever em consciência; não para angariar prosélitos.

Sobre a dificuldade do crer ou não crer, três linhas: A mãe de Lúcia, vidente de Fátima, desenganada pela junta médica, curada milagrosamente, assim se pronunciava: “Eu sei que Nossa Senhora me curou, mas não creio!”. Que fazer?! ...

ARTIGO VIII



“É coisa louvável manifestar e
publicar as obras de Deus -
Opera autem Dei revelare et confiteri
honorificus est” (Tob XII, 7)

O concílio Vaticano II, com todos os benefícios que nos trouxe, refletiu em setores recalcados como verdadeira válvula de escape que, basbaque, se pôs a serviço da militância marxista, gerando uma balbúrdia. Houve cassações de santos; queima de genuflexórios; banimento do Santo Rosário; da Ladainha de Nossa Senhora. A oração a São Miguel Arcanjo, recitada depois das Missas e prescrita pelo Papa Leão XIII, foi abolida e tida como uma velharia. Uma enxurrada de pastorais dúbias convivia pacífica, par e passo com um festival de asneiras leninistas. A teologia liberticida gozava o seu momento áureo. Padre cantava, dedilhando na viola: “quem sabe faz a hora não espera acontecer”, era uma barbaridade. Vivia-se um “sagrado ofício”, quem não aderisse não era

considerado bruxa ou feiticeiro, era “quadrado”; não ia para a fogueira, era “gelado”. Tão medonha era a época, que Sua Santidade o Papa Paulo VI, de saudosa memória, desabafou: “Estão demolindo a igreja”.

Caiu o muro de Berlim, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, após “ter espalhado os seus erros pelo mundo”, conforme predisse em 1917 Nossa Senhora em Fátima, desmoronou e os “intelectuais progressistas” viram-se transformados, do dia para a noite, em retrógrados. Não se deram por achado, porque com a mesma velocidade com que caíram, evoluíram de opinião. O Comunismo cessou de fazer guerra ao capitalismo, paradoxalmente, porque lhe faltou capital. As tetas de Fidel Castro, secaram; Moscou ficou endividado até aos olhos. A esquerda festiva ficou sem verba para as esporádicas militâncias e constantes “bebericos”. O triste, a malignidade do comunismo ainda persiste, na assimilação de seus erros, pelos países de terceiro mundo. Essa assimilação dos erros, pelas nações de baixa renda é o que preocupa a Santíssima Virgem. Porque Deus quer salvar o homem pelo homem e enquanto o homem não melhorar, o Inferno regurgitará.

Um dos efeitos mais perniciosos do pecado original, causa da vinda de Jesus ao mundo, é a sede pelo dinheiro; a insaciável sede

pelo dinheiro; via de regra, quanto mais se tem, mais se quer. Se o rico de hoje, é de origem pobre, seu terror em voltar ao estado primeiro leva-o a cometer desatinos, atingindo as raias da loucura, sem disso se aperceber. A vivência de uma nação que se presta a barganhas mais indecorosas, social-política-religiosa, só a graça de Deus, pode impedir o risco de se tornar uma besta-fera. Todo o social que não se baseia na religião, é um social falso, circunstancial, sensível só na aparência, podre por si mesmo. A religião, nos dá justa medida entre o moral e o imoral; sem religião, um homem é um ser amoral; transforma-se num político que perdeu o senso do ridículo. Sem religião o Estado é uma “espelunca de ladrões”, uma assembléia de espertalhões.

Dentre as coisas boas e o jôro de imundícies que adentram os nossos lares pelos canais de televisão, consegui pinçar da novela “Dallas” que começaram, mas não souberam acabar, um diálogo que retrata com fidelidade, por onde se orientam numerosos ricos. O personagem principal do seriado, que atendia por J.R., era proprietário de uma fabulosa Companhia de Petróleo, cujos negócios geria sem um mínimo de ética profissional. Um, dos muitos prejudicados, pelo cartel que J.R. comandava, depois de uma longa exposição de um passado honesto, observando a impassibilidade, a frieza

insensível do articulador maior do seu conseqüente desastre financeiro, lança-lhe a seguinte pergunta: “Como é J.R., que você com essas manobras, que já levaram pessoas ao suicídio, consegue dormir?”. Refestelado em sua confortável poltrona giratória, responde: “É fácil; basta esquecer a Eternidade!”. O sistema comunista provou a sua inviabilidade, mormente por ser ateu; mas, tem muito capitalista que é ateu por conveniência: para poder dormir em paz, com a sua consciência entorpecida.

Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, dai-nos sensibilidade. Ordena, Imaculada Conceição Aparecida, ao Primeiro Ministro o Arcanjo São Rafael, médico celestial, que cure os nossos congressistas, injetando-lhes vergonha. Que não se bitolem aos interesses escusos de seus partidos políticos, mas que visem o interesse da Nação como um todo; que pensem largo e não estreitamente. Para que esta Nação, Senhora Aparecida, venha a ser realmente grande, não só pelas demarcações conquistadas pelo digno Barão do Rio Branco, porém, grande e poderosa em envergadura moral. Manda Senhora, o Príncipe Rafael acabar com esses conchavos que enxovalham o povo brasileiro.

Nossa Senhora Aparecida a Virgem Negra que em 1717, surge do Rio Paraíba, na rede de pesca de Domingos Garcia, João Alves e

Felipe Pedroso. Em plena escravatura Ela se nos apresenta Negra, para transmitir o recado, que a diferença racial é a maior tolice que o homem possa praticar na face da terra. Somos todos irmãos: brancos, negros, vermelhos, amarelos e nós, mentecaptos que somos, depois de duzentos e tantos anos, temos que nos submeter a decretos para fazermos aquilo por força legal e não por força moral e muito menos por força do intelecto e do amor. Não existe nada de mais burro, que ter que respeitar o irmão por força de Decreto. Isto é a coisa mais bitolada, mais estúpida, mais aviltante que nos possa ocorrer, em pleno Século Vinte às vésperas do Vinte e Um. Temos que nos submeter à força do Decreto e não do intelecto.

Há dois mil anos desce do céu à terra o nosso Deus e nos diz: “*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*”, concentra toda a sabedoria Divina e humana e nós ainda estamos a nos rastejar, disputando terras e direitos humanos. O que nós não fizemos por amor, haveremos de fazer por terror. Padres que não acreditam na Palavra de Deus, ajudam a fomentar guerrilhas e incentivam lutas entre irmãos. Duas vezes malditos os que estudam a Palavra amorosa do Salvador e em nome dessa mesma Palavra, pregam o ódio.

“Hipócritas, raça de víboras”, eram os qualificativos de São João Batista aos judeus

fantasiados de sacerdotes e de cumpridores da lei. Nada mais provoca a Sagrada ira de Jesus, do que a hipocrisia: “*Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas*” (Cf. Mt XXIII, 13-36); dizia: “*Guardai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia*” (Cf. Lc XII, 1). Ai daqueles, que em proveito próprio, pregam que se não deve dar esmolas aos pobres, porque a esmola dada em particular, incentiva o pedinte à malandragem. O que pretendem com esse sofisma, com essa pregação hipócrita, é adquirirem subsídios populares e polpudas verbas do Estado, para melhor “administrarem” a pobreza; a exemplo da indústria da seca, no nordeste brasileiro. Sectários de Zarur: aos pobres uma sopa rala, ao corpo administrativo caviar, regado com champanha. Altos salários, pois num final de contas, quem trabalha de graça é relógio. “Hipócritas, raça de víboras”. Os malandros e os inocentes úteis, dirão: “Mas nem todos são assim!”. Dizem bem, pois os poucos que são corretos e bem intencionados, é que formam a base na qual se apóia essa corriola de sanguessugas.

Quando a igreja saudável, não a ala doente, prega a existência do Inferno, propagam que é para amedrontar, como se alguém pudesse entrar no Céu, por medo do Inferno; como se o Céu fosse um antro de covardes. Jesus expulsou demônios, não para amedrontar, mas para

libertar os endemoninhados. Quando Jesus curou o doente na piscina probática, ao encontrá-lo posteriormente, adverte: “*Eis que estás são, não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior*” (Cf. Jo V, 14). E o que é pior, a doença do corpo ou a perda da alma? Nós estamos nos perdendo numa luta terra a terra e não temos tido tempo de olharmos para o céu. A igreja saudável, não a ala doente, continua a nos convidar: “*Sursum corda - para o alto corações*” e os latinos diziam: “*Vive memor, quam sis aevi brevis - vive lembrando-te, de quanto é curta esta vida*”. Estes não eram cristãos, eram pagãos.

A ala doente da nossa Igreja esqueceu, jogou para trás das costas, ou não leu São Paulo: “*Nemo militans implicat saeculi negotiis, ut ei placeat, qui eum elegit - Ninguém, que se alistou na milícia de Deus, se embaraça com os negócios do século, a fim de agradar aquele que o alistou*” (Cf. 2Tim II, 4). Conheço cardeal, bispo e padre, que está mais embaraçado com os negócios seculares, que novelo de lã enodado, entre as patas desajeitadas de um gatinho brincalhão. E que esses “preclaros” não se avexem, pois bem diz o rifão: “*O melhor remédio para dor de dentes é mostrar a raiz ao sol*”; ou seja, arrancá-lo, extirpando o mal pela raiz. E o mal que nos aflige, é o desencontro de idéias e ideais, no nosso clero que convive com a pecha de: progressista, moderado, conservador.

Isto é de um ridículo comovedor! É a ala doente, que se submete a modismos: Tal moda, tal doutrina.

Este livro, que dedico aos meus netos, traz o título de “Oriente”; mas o oriente, não é o meu livro, é o Papa; que para os progressistas é conservador, para os conservadores progressista e para os moderados, nem tanto à terra, nem tanto ao mar. Mas o Papa, não é nada disto; o Papa é o preservador da sã doutrina. A Igreja, meus netos, não somos nós, é o Papa. Quem, ninguém houve que o definisse melhor que Santa Terezinha do Menino Jesus: “O Papa é o doce Cristo visível na terra”.

Quando Jesus disse que Sua carne era verdadeira comida e Seu sangue verdadeira bebida, os judeus scandalizaram-se e um a um o deixaram. Jesus não saiu correndo atrás deles proclamando que eles eram a Igreja; simplesmente olhou para os Apóstolos e perguntou: “*Quereis vós também retirar-vos?*”. Porém, São Pedro, que de tolo não tinha nada, retruca: “*Senhor, para quem havemos nós de ir?*”. (Cf. Jo VI, 68). Nós nem aumentamos a Glória de Deus com a nossa presença, nem A esvaziamos com a nossa ausência. Logo a Igreja é Cristo, conosco ou sem nós próprios: E o Papa, o seu legítimo representante; ou seja, o Vigário de Cristo, a cabeça da Igreja. Posto que, um corpo

sem cabeça, quer físico, quer místico, é uma monstruosidade.

O Livro de Tobias, que judeus e protestantes não consideram canônico, instrui sobre o valor das esmolas, praticadas individualmente. É por elas que Deus determina a cura dos olhos de Tobias pai, por intermédio do Arcanjo São Rafael. O Arcanjo São Rafael, um dos sete Arcanjos que assistem diante do Senhor diz claro e bom som: *“É boa a oração acompanhada do jejum e DAR ESMOLA vale mais do que juntar tesouros; porque a ESMOLA livra da morte e APAGA OS PECADOS e faz ENCONTRAR A MISERICÓRDIA E A VIDA ETERNA”* (Cf. Tob XII, 8-9). Jesus determina: *“DÁ A TODO O QUE TE PEDE e ao que leva o que é teu, não lho tornes a pedir”* (Cf. Lc VI,30).

O Arcanjo São Rafael, é o Primeiro Ministro de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. Jesus, não necessita apresentação.

ARTIGO IX



“Se deres dízimos -
Si decimas dederis...”

A consideração epigrafada é de Santo Agostinho: “Se deres dízimos, não só receberás a abundância dos frutos, mas também a saúde do corpo”. Esta proposição do santo Bispo de Hipona, Doutor da Igreja, expressa o entendimento católico entre dar e pagar: quem dá faz uma doação; quem paga salda uma dívida, um compromisso. Quem aceita pagar o dízimo e o faz mensalmente, salda um comprometimento e cumpre uma obrigação. Que não seja motivo de vanglória, Jesus deixa claro na parábola do Fariseu e do Publicano (Cf. Lc. XVIII, 14). Nós católicos, estamos compromissados em “pagar dízimos segundo o costume”, quinto Mandamento da Igreja. Estes “dízimos” sem artigo, são por demais abrangentes, compreendendo entre outros: Donativo na coleta do Ofertório, encomendação de Missas, despesas com

Batizado, Comunhão, Confirmação, Casamento, participação nas festividades do Padroeiro da paróquia a que se pertence, quer trabalhando, ofertando, adquirindo monetariamente o que se ofertou, rifas, bingos, chás beneficentes, óbolos para reforçar o caixa dos vários Movimentos, aos quais cada um de nós se irmana e tudo o mais que o pároco conveniar e achar por bem implantar, em concordância com o Conselho Administrativo leigo; evidentemente, sem defraudar o remate do Mandamento da Igreja: **segundo o costume**. Não assim, os nossos irmãos separados, que pagam “o dízimo” com artigo definido e que compreende dez por cento da renda bruta de cada filiado, nada além. Caso contrário o artigo “o” perderia a sua função. É oportuno lembrar, que cumpre a Palavra de Deus, tanto católico quanto irmão separado, aquele que o faz desprendida e voluntariamente, pois: “*Deus ama a quem dá com alegria*” (Cf. 2Cor. IX, 7). Notem: “Deus ama a quem dá”, distintamente de quem é imposto, forçado a pagar uma dívida para com Deus, que o vil metal, papel moeda, ouro e prata não pagam; sequer amortizam.

Na cura dos dez leprosos, só um voltou a agradecer e recebeu de Jesus aquilo, que grande parte da humanidade desconhece necessitar: A salvação pela fé. O samaritano curado sabia, o que muitos fingem ignorar, que o

benefício recebido, mormente o Divino, só se paga com a gratidão (Cf. Lc. XVII, 11-19).

O esperto Giezi, servo de Eliseu, quis tirar proveito do milagre que o seu senhor por Divino poder, havia operado em Naaman e recebeu por Eliseu, a lepra do sírio (Cf. 2Rs. V, 20-27). Os dons de Deus são gratuitos, não se vendem, não se pagam.

Bíblica e historicamente, Abrão, que significa “grande pai”, antes portanto, de Jesus transmudá-lo em Abraão “pai de multidão”, quando regressando vitorioso da campanha que havia empreendido contra Codorlaomor, lhe saiu a cumprimentar o rei de Salém, Melquisedec. A este, por ser sacerdote do Deus Altíssimo, deu dízimos de tudo. Abrão não pagou, DEU (Cf. Gen. XIV, 16-20).

Posteriormente, Jacó, neto de Abraão, por conselho de sua mãe Rebeca e com as bênçãos de seu pai Isaac, parte para Mesopotâmia, a fim de tomar mulher de sua raça e origem. Deixando Bersabéia em direção a Baran, foi surpreendido pela noite em certo lugar e fazendo de uma pedra travesseiro, aí dormiu. Em sonhos, viu uma escada (símbolo de Maria Santíssima) que ligava a terra ao céu e os anjos descendo e subindo por ela. Acorda sobressaltado, dizendo de si para consigo, ser ali

a Casa de Deus e a Porta do Céu e faz um voto: “*Se voltar felizmente à casa do meu pai, o Senhor será meu Deus e de todas as coisas que me deres, te oferecerei o dízimo*” (Cf. Gen. XXVIII, 20-22). Ora, o voto é uma promessa e promessa é dívida. Jacó, o futuro Israel, deveria dizer: “Solveram – pagarei”; pelo contrário, disse: “*Decimas offeram – oferecerei dízimos*”. O que Abrão, Jacó e santo Agostinho, deixaram registrado é que nós poderemos dar, oferecer, jamais pagar a Deus, pois tudo é dele, até o nosso respiro; sujeitando a Terra ao homem, de cuja administração boa, má, ou esperta, haveremos de prestar contas.

O termo dízimo volta a aparecer no livro do Levítico. No entretanto, estranhamente, na tradução elaborada pelo respeitadíssimo Pe. Matos Soares, o vocábulo surge antes, no livro do Êxodo: “*Não tardarás em pagar os teus dízimos*” (Cf. Ex. XXII, 29); a frase correspondente em latim: “*Abundantiam areae tuae et torcularis tui non tardabis reddere*”, não explicita o substantivo “decima – dízimo” e entendê-lo implícito, só é aceitável pela respeitabilidade devida ao Pe. Matos que, no meu fraco entender, forçou a delicadeza da expressão. Tanto é assim que nem mesmo os nossos irmãos separados, zelosos em imporem o dízimo aos simplórios, vislumbraram a possibilidade de introduzirem o vocábulo no trecho referido, já que o traduzem desta forma:

“Não tardarás em trazer OFERTAS do melhor das tuas ceifas e das tuas vinhas”.

Conforme o parágrafo anterior, o termo dízimo volta a aparecer no Levítico e no capítulo vinte e sete, além dos produtos da terra, estende sua aplicação ao gado graúdo e miúdo (Cf. Lv. XXVII, 30-34). O livro do Deuteronômio, estipula o dízimo anual e trienal (Cf. Dt. XIV, 22-29), remetendo para outras citações do vocábulo, ao rodapé ou à margem das páginas bíblicas, abrangendo Ml. III, 10-11.

No Novo Testamento, por ocasião da cobrança do didracma, São Pedro interpelado pelos arrecadadores do tributo, se o Mestre não pagava o imposto, respondeu-lhes que sim. Ciente do ocorrido, o Divino Salvador põe a situação nos eixos: *“Vai aomar,lança o anzol e o primeiro peixe que subir, segura-o e, abrindo-lhe a boca, acharás dentro um estáter; toma-o e dá-lho por mim e por ti”* (Cf. Mt. XVII, 24-27). Jesus e Pedro não pagam, porém, para não escandalizar os judeus, o Sublime Redentor resolve fazer uma doação: *“Dá-lho por mim e por ti”*. O Mestre não pagou, por ser credor; São Pedro, porque o preciosíssimo sangue do Crucificado, saldaria a dívida contraída pelo pecado não só de Pedro, mas da humanidade inteira.

Dos quatro Evangelistas, só dois deles fazem referência ao dízimo. Mateus e Lucas citam-no na perícopre: “AI DE VÓS” (Cf. Mt. XXIII, 23 e Lc. XI, 41-42) e somente Lucas na parábola do Fariseu e do Publicano (Cf. Lc. XVIII, 12). Citações estas, em nada enaltecedoras; aliás, deprimentes.

Na carta aos Hebreus, que se atribui a São Paulo, no trecho em que recomenda Melquisedec como figura de Cristo, cita por cinco vezes a palavra “dízimo”, esclarecendo: **“Mudado que seja o sacerdócio, é necessário que mude também a Lei”**, pois, ab-rogado o sacerdócio levítico, fica-nos a determinação do Senhor nosso Deus: *“Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”* (Cf. Hebr. VII, 1-28). Nas demais cartas, até onde me foi dado constatar, não se encontra o termo “dízimo”. O Apóstolo das gentes, premido pela angústia e necessidades dos pobres em Jerusalém, partilhando do sofrimento daqueles desafortunados, solicita coleta, doação, bênção, oferta, graça, esmola; porém, restabelecimento do “dízimo”, nem pensar! O que seria um contra-senso, um disparate, uma volta ao caduco sacerdócio levítico, em detrimento ao sacerdócio de Cristo.

Dirigindo-se aos filipenses, tendo recebido por mãos de Epafrodito o que denomina de “odor de suavidade” e “hóstia aceita” agradável

a Deus, São Paulo ressalta: *“Nenhuma igreja comunicou comigo quanto a DAR e RECEBER, senão vós somente”* (Cf. Flp. IV, 10-19). Nos Atos dos Apóstolos, declara: *“Não cobicei prata, nem ouro, nem vestes de nenhum, como vós mesmos sabeis, pois ESTAS MÃOS me serviram para as coisas que me eram necessárias a mim e àqueles que comigo estavam”* (Cf. At.XX, 32-34). São Paulo é o exemplo maior do desapego às coisas terrenas: *“Tendo pois, os alimentos e com que nos cobrir, contentemo-nos com isto”*. Diz mais: *“Com efeito, a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro, por causa do qual alguns se desencaminharam da fé e se enredaram em muitas aflições”* (Cf. 1Tim. VI, 8;10). No envolvimento político, desacorçoa os seguidores de Jesus Cristo: *“Ninguém que se alistou na milícia de Deus, se embaraça com os negócios do século, a fim de agradar aquele que o alistou”* (Cf. 2Tim. II, 4), em perfeita sintonia com Jesus: *“A César o que é de César; a Deus o que é de Deus”* (Cf. Mt. XXII, 21).

Nesta linha de pensamento São Paulo, ordena aos cristãos: *“Toda alma esteja sujeita aos poderes superiores, porque não há poder que não venha de Deus e os que existem foram instituídos por Deus. Aquele, pois, que resiste à autoridade, resiste à ordenação de Deus”* (Cf. Rom. XIII, 1-2). Por falta de Catecismo, a sociedade brasileira habituou-se a funcionar só

sob pressão e pressionar a autoridade constituída gera vulgaridade e dá IBOPE; matéria prima do político desonesto, geradora de falsas lideranças. O Líder não se preocupa com a Opinião Pública, ele segue o caminho, porque tem um objetivo em vista: “*Quereis vós também retirar-vos?*” O Líder não bajula a opinião pública; o Líder não sai atrás, Ele segue em frente. O Líder não angaria votos; Ele faz votos que a gente O siga. O Líder não desceu para se misturar; misturou-se para nos elevar. Veio para restaurar em nós, o seu retrato primeiro: “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*” (Cf. Gen. I, 26).

Os nossos irmãos separados, costumam cobrar o dízimo sem incorrerem no pecado da simonia, que consiste no tráfico criminoso de coisas santas e espirituais, abrangendo sacramentos, dignidade, benefícios eclesiásticos e venda ilícita de bens sacros; pois, não os possuindo, os nossos irmãos separados não os podem traficar. A respeito, para os que se não lembram, simonia deriva de Simão, aquele sedutor que assombrava o povo com as suas artes mágicas e que prometeu dinheiro a São Pedro e São João, pretendendo comprar os dons do Divino Espírito Santo (Cf. At. VIII, 8-24). Ora, o mago Simão agiu por ignorância, porém, escutou de São Pedro: “*O teu dinheiro pereça contigo*”. Se o ignorante é tratado com

inflexibilidade, o que será dos maliciosos e espertinhos?

Contra a estipulação do dízimo, afora a caducidade explanada e o risco da simonia referida, pesa a determinação do Senhor Jesus: “*Dai de graça o que de graça recebestes*” (Cf. Mt. X, 8). Por outro lado o nosso Deus ressalva: “*O operário é digno do seu alimento*” (Cf. Mt. X,10). Por sua vez, São Paulo instrui: “*Os presbíteros que governam bem, sejam considerados dignos de estipêndio dobrado; principalmente os que trabalham em pregar e ensinar*” (Cf.1Tim.V,17; 1Cor.IX,13-14). Em consonância, se o operário é digno do seu alimento e os presbíteros que governam bem fazem jus a um salário dobrado, há de se ter uma renda, um fundo de reserva sobre o qual se possa sacar. Nada mais lógico e inteligível. Porém, entre a oferta voluntária, que mantém esse fundo administrativo e a imposição do dízimo, reside um precipício intransponível, dado que, contribuição não comunica com imposição. Visto que, Jesus nos manda dar daquilo que nos sobeja (Cf. Lc. XI, 41).

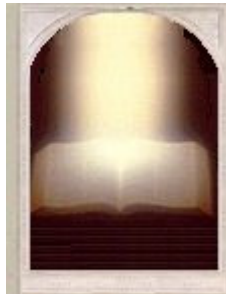
A Igreja, aos dízimos estipulados pelo seu quinto mandamento e anteriormente explicitados na sua maioria, está inibida em adotar qualquer imposto que condicione o fiel católico à participação dos sacramentos. O

católico, não pode estar condicionado ao pagamento de qualquer taxa, para o acesso e recepção dos sacramentos, tendo em vista a caracterização da simonia. A Igreja é uma sociedade religiosa, militante no tempo, com vistas à padecente e gloriosa na Eternidade. O pagamento de qualquer mensalidade, cuja apresentação do canhoto respectivo, seja obrigatória para capacitar o católico em usufruir dos seus benefícios sacramentais, é reduzir a igreja a uma sociedade profana, com as recreações que lhe são próprias, bailes e blocos carnavalescos. Isto em tese, porque o desvario é de certos párocos e não determinação da Igreja Romana.

“Buscai pois, em primeiro lugar, o reino de Deus e a Sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo”. A chave de todos os problemas econômicos e sociais, encontra-se no fiel cumprimento desta determinação de Jesus, nosso Senhor e Mestre, que não procura as nossas dádivas e sim a nós próprios.

Sobre à caducidade do dízimo, nada mais a dizer e, acrescentando o que o anjo revelou a Cornélio: *“As tuas **orações** e as tuas **esmolas** subiram como um memorial à presença de Deus”* (At X, 4), encerra-se o assunto.

ARTIGO X



“Sem o conhecimento do seu Criador

-

Absque notitia sui Creatoris... ”

A Igreja nos adverte que todos os dias é dia da Bíblia, porém, distingue setembro como o mês da Bíblia, por excelência. No mês de setembro, todos deveríamos aprofundar um pouco mais os nossos poucos conhecimentos sobre a Palavra de Deus. A Bíblia, a Palavra de Deus, além de instrutiva é tão purificadora, que Jesus transmite, categoricamente, aos Apóstolos: “*Vós já estais puros, em virtude da palavra que vos anunciei*” (Cf. Jo XV, 3). Então, nada mais eficaz que a Palavra de Deus.

Por ocasião em que Marta, zelosa dos afazeres domésticos, prepara a refeição de Jesus e dos seus discípulos, reclama da “inércia” de sua irmã Maria, que se conservava aos pés do Salvador, escutando atenta e avidamente as palavras do Mestre, recebe deste, a delicada

reprimenda: *“Marta, Marta, afadigas-te e andas inquieta com muitas coisas. Entretanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada”* (Cf. Lc. X, 41-42). Não se requer genialidade, para se deduzir de imediato que a melhor parte é a Palavra de Deus.

Argutamente, o padre João Colombo nos comunica o seguinte pensamento: “Quem desejando ser sábio, desprezou o Evangelho para estudar outros livros, não compreendeu nem mesmo aquilo, que até as crianças estão capacitadas para compreenderem”. Nada mais simples que a Palavra de Deus e no entanto, nada lhe iguala em profundidade. A Palavra de Deus, assemelha-se ao horizonte, por mais que se percorra até onde possa alcançar a vista, estará sempre, inatingivelmente, defronte. A Palavra de Deus fundamenta o horizonte, pode-se compreendê-lo, mas, jamais abarcá-lo. Jesus nos explica: *“Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelaste aos pequeninos. Assim é, ó Pai, porque assim foi do teu agrado”* (Cf. Lc. X, 21). Os pequeninos compreendem a Palavra de Deus, os sábios não a encerram, nem lhe podem levantar barreiras: “Daqui não passará”.

Forçosamente, quem examina a Palavra de Deus, há de concluir, há de concordar

com o salmista: “*Compreendi mais que todos os meus mestres, porque fiz dos teus mandamentos a minha meditação*” (Cf. Sl. CXVIII, 99). Logo, o segredo da desenvolvimento mental, encontra-se na meditação. Senão vejamos: Quando José, um dos doze filhos do patriarca Jacó, conta os seus sonhos, que a seu tempo se cumpriram, o trecho arremata: “*Os seus irmãos, portanto, tinham-lhe inveja; porém, o pai **meditava** a coisa em segredo*” (Cf. Gen XXXVII, 11).

Aquela que a Igreja invoca sob o título de Sede da Sabedoria: “*Conservava todas estas coisas, **meditando-as** no seu coração*” (Cf. Lc. II, 19). O expoente da língua nacional, Rui Barbosa, deixou dito: “Ler é vulgar, **meditar** é raro”. Como se vê, sacro e profano dão-se as mãos ao tratarem da importância na sabedoria, da meditação.

A meditação não é, obrigatoriamente, um patrimônio da velhice e sim de maturidade, independente dos anos que se viveu, pois, existem velhos fátuos, vazios e ociosos, em contrapartida jovens meditativos, responsáveis, exemplares vivos de madureza. Casimiro de Abreu, faleceu aos vinte e três anos e pelo que deixou escrito, foi aceito e proclamado, unanimemente, Patrono da Academia Brasileira de Letras; um menino, paraninfo de anciãos. Santo Antônio de Pádua e também de Lisboa,

morreu em plena juventude, aos trinta e seis anos de idade. Certa feita, foi enviado a Roma na qualidade de Provincial de Milão e discursando, brilhantemente, diante do colégio cardinalício, o Papa Gregório IX assombrado com os amplos conhecimentos daquele moço, agraciou Santo Antônio com o título de “Arca do Testamento e Arsenal das Sagradas Escrituras”.

São Luiz Gonzaga, mediador dos estudantes, entregou sua alma ao Criador, na flor dos seus vinte e três anos. São Luiz estava com uns jovens da sua turma e alguém conta uma piada indecorosa. São Luiz, vira as costas da mão na boca do piadista, retrucando: “Tal falar, justifica este gesticular!” O jovem São Luiz, no seu leito de morte, recebido os sacramentos, extasia os circunstantes com estas últimas e amadurecidas palavras: “Laetantes ibimus – Alegrementemente, vamo-nos embora”. A esses jovens colossais, o Livro da Sabedoria lhes dedica as seguintes palavras: “*Tendo vivido pouco, encheu a carreira de uma larga vida; sendo sua alma agradável a Deus; por isso, Ele se apressou a tirá-lo do meio das iniquidades*” (Cf. Sab. IV,13).

Setembro é o mês da Bíblia. Dia 30 de setembro, dia consagrado a São Jerônimo, autor da Vulgata, a Bíblia oficial da Igreja. Assim como só existe uma Verdade, deveria existir também uma só Bíblia. Mas, porque existem

muitas versões da Verdade, existem muitas versões da Bíblia. Popularmente se diz: “Ninguém é dono da verdade”. O próprio Jesus, não se manifestou dono da verdade e sim: “*Eu sou a Verdade*”. Quão diferente!

Diante de Pilatos, Jesus proclama: “*Todo o que está pela Verdade, ouve a minha voz*”. Disse-lhe Pilatos: “*O que é a verdade?*” Fez a pergunta a Pessoa certa, por não ter entendido a explicação anterior, saiu sem aguardar maiores explicações. Para Pilatos, como para a maioria das pessoas, a verdade varia, conforme as circunstâncias. No tempo de Pilatos, o dono absoluto da “verdade”, era César. Pilatos queria soltar Jesus, mas a “verdade” dos judeus prevaleceu: “*Se soltas esse, não és amigo de César*”. Pôncio Pilatos percebeu, que a “verdade” dos judeus, chegada aos ouvidos de César, poderia custar-lhe a cabeça. E assim, a “verdade” dos mentirosos predominou. Sem alternativa, entregou Jesus ao arbítrio dos judeus e na verdade, a Verdade foi crucificada. Pilatos, por ser cortesão, estava ciente que esse negócio de “verdade” na corte, é coisa muito complicada; mormente, quando a maioria está pela mentira, encaramelada, embuçada, disfarçada de verdade. Isto vale tanto para àqueles dias, quanto para os dias atuais.

A inscrição “Sem o conhecimento do seu Criador” motivo deste artigo, no seu raciocínio completo fica assim: “Sem o conhecimento do seu Criador, o homem é um animal irracional – absque notitia sui Creatoris, homo pecus”. A tradução do “homo pecus”, mais livre e menos delicada poderia ser: “O homem é um boi”, um jumento ou um cavalo. A elasticidade na tradução, que via de regra não corresponde o pensamento do autor, deu margem ao aforismo italiano: “Tradutori, traditori – os tradutores são traidores”. Isto é a regra e o que confirma a regra é, justamente, a exceção. Na tradução das Escrituras, a exceção é a Vulgata de São Jerônimo. Pelo domínio do hebraico, do grego e do latim, São Jerônimo, fiel à estilística, não se limitou à tradução literal, mas em nos transmitir o sentimento do autor em cada frase que trasladou para o seu exuberante latim, formando essa pérola que é a Vulgata. Comparando-se a tradução de São Jerônimo com as demais, poder-se-ia dizer que a Vulgata é “uma açucena entre espinhos”; guardada as proporções, assim Maria entre as mulheres.

O magnificente Santo Agostinho, discípulo e amigo de São Jerônimo, não se furtou em compará-lo com São Paulo, igualando-lhe o zelo apostólico e amoroso a Jesus Cristo. É a São Jerônimo, que nasceu para a eternidade no ano de 420, que se deve o coerente e significativo

“Ipsa conteret – Ela própria esmagará” (Cf. Gen. III, 15). É Maria Imaculada, por determinação de Jesus, que pisa a cabeça maligna, co-responsável pela queda de Eva no paraíso. São Jerônimo viu com clareza meridiana, que a justiça, quer Divina, quer terrena, requeria o soerguimento da mulher decaída, pois quem prevaricou foi Eva e infeliz, induziu Adão. A nova Eva, a Mulher forte Maria, teria que reparar a fraqueza da antiga Eva. Isto é racional e não devoção piegas; é tradução correta e não tradição; não é feminismo militante, é intelectualidade gritante. Os bitoladamente doutrinados, não admitem racionalidade. Não é a nossa devoção à Maria que pesa e sim a justa deliberação de Jesus. Assim como não fomos nós, que elegemos Maria para chegarmos a Jesus e sim Jesus que preparou Maria para chegar até nós. A conclusão é óbvia: Se Jesus só por Maria chegou até nós, só por Maria chegaremos a Jesus. Não aceitar este raciocínio, é direito assistido pelo livre arbítrio, pois diz bem a Vulgata: *“Diante do homem estão a vida e a morte, o bem e o mal; o que lhe agradar, isto lhe será dado”* (Cf. Eclo. XV, 18). O que agradar o homem lhe será dado; será dado mesmo, indubitavelmente. Pois a Escritura, nos diz Jesus, não pode faltar. (Cf. Jo X, 35).

Portanto, mitigado o proselitismo, acentua a responsabilidade individual na pregação do Evangelho, já que a Igreja não

necessita de nós; nós é que necessitamos dela para nossa salvação. O proselitismo desenfreado, só aproveita às seitas arrecadadoras do dízimo, cujo volume arrecadado pelo pastor dizimeiro, está sempre aquém do desejado. A determinação de Jesus é: *“Ide e pregai o Evangelho”*, e não *“Ide e angariai prosélitos”*. A ansiedade em recrutar prosélitos é advertida por Jesus: *“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que rodeais o mar e a terra para fazerdes um prosélito; e depois de o terdes feito, o tornais duas vezes mais filho da geena do que vós!”* (Cf. Mt. XXIII, 15). O que importa para Jesus é o conhecimento de Deus, não o número de sectários, cujo alarido só a nós impressiona. Ao afirmar que Sua carne é verdadeira comida e Seu sangue verdadeira bebida, originou-se uma debandada geral. Com impassibilidade perfeita, Jesus volta-se para os seus doze Apóstolos e lança o desafio: *“Quereis vós também retirar-vos?”* Tocado pela Divina Providência, Simão Pedro respondeu-lhe: *“Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna; e nós acreditamos e conhecemos que tu és o Santo de Deus”* (Cf. Jo VI, 69). As palavras inspiradas de Pedro, não atingiram Judas Iscariotes, mas a paixão à bolsa que portava foi decisiva e ele permaneceu fiel às funções de caixa. Tal qual Judas, muitos permanecem fiéis ao “dízimo providente” e não à Providência Divina, que à Sua hora, a todos nós

provê. Judas era ganancioso, mas não suficientemente tolo para propor a Jesus o restabelecimento do sempre oportuno dízimo levítico, repudiado, enfaticamente, pelo Mestre: *“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e desprezastes os pontos mais graves da lei: A justiça, a misericórdia e a fidelidade”* (Cf. Mt. XXIII, 23; Lc. XI, 41-42; XVIII, 12). Jesus foi tão cristalino, que nenhum dos quatro Evangelistas, além destas passagens, voltou a citar o malfadado termo “dízimo”.

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo teu espírito. Este é o máximo e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’. Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas” (Cf. Mt. XXII, 37-39).

E que assim seja!

ARTIGO XI



“Escrevei tudo o que convosco
sucedeu -
Scribite omnia haec, quae
contingerunt vobis” (Tob XII,20)

Rafael, para lembrar àqueles que esqueceram, significa “Medicina de Deus”. No entretanto, no livro de Tobias, as atividades do Arcanjo não se restringem aos dotes médicos e farmacêuticos, estendendo-se a guia de viajantes e excursionistas, manifestando-se patrono dos sacerdotes, dos estudantes, dos operários, comerciantes, industriais, criadores, lavradores e revelador dos meios a se empregar para receber as bênçãos de Deus. Além do mais, revela-se o nosso São Rafael, mediador entre Deus e os homens. Sem o menor resquício de sombra à Nossa Senhora, Mediadora por excelência.

Apesar dos rudimentos da nossa inteligência e de nenhuma propagação dos quem de direito, o Arcanjo continua firme, no seu posto de Primeiro Ministro do reino abençoado, da

venerável negra: Nossa Senhora Aparecida Padroeira do Brasil. Se o leitor ignora, esse ministério de São Rafael, não seja isso motivo de vexação, pois, vergonha consiste em saber e deixar de propagar. Isto não tem vindo a público, porque as “diretrizes” estão excessivamente preocupadas com o social e pecaminosamente contra ao determinado por Jesus: “*Buscai primeiro o reino dos céus e tudo o mais vos será dado por acréscimo*”. Nós, por doutrinação escusa, estamos procedendo justamente ao contrário: Buscamos primeiro o “tudo o mais”, esperançosos que o Reino dos céus, nos seja dado por acréscimo. Ah, direis, e a fome? Se a fome existe, com os nossos celeiros abarrotados, a culpa é dos nossos políticos deformados, que as “diretrizes” desaprenderam formar. Dom João Bosco não cansou de repetir: “Bom cristão, é bom cidadão”, ou vice-versa. A frase é divina, leia como quiser, de frente para trás, de trás para frente, é sempre exata.

Dos sete arcanjos citados por Rafael, no livro de Tobias, conhecemos nominalmente três: Miguel, Gabriel e o protagonista deste artigo, Rafael. Miguel, que significa “Quem como Deus”, é mencionado no livro de Daniel e na Epístola de São Judas. Gabriel, cujo significado é “Mensageiro de Deus”, também referido no livro de Daniel, é o Arcanjo no Evangelho segundo São Lucas, que anuncia à

Nossa Senhora sua concepção pelo Divino Espírito Santo. Sobre a existência dos sete Arcanjos, que estão continuamente na presença do Senhor, São João, Apóstolo e Evangelista, confirma no seu Apocalipse. Assim, os Arcanjos longe de invenção, encontram-se catalogados na revelação.

Evidentemente, que Deus não nos programou à maneira de andróides. Nosso Senhor, no Gênesis, nos deu o livre arbítrio: *“Não comas da árvore do Bem e do Mal, pois, no dia em que comeres dela morrerás, indubitavelmente”*. Comer ou não comer, eis a questão. Crer na existência dos Arcanjos, eis a sugestão. Mesmo porque, fé é acreditarmos naquilo que não vemos e, nos diz Santo Agostinho, a recompensa da fé é vermos aquilo em que acreditamos. Aceitar com o coração simples os mistérios da nossa fé, prova vivência e, maturidade. Olhai bem: Coração simples, posto que, para o simplório, pesa aquela advertência de São Paulo: *“Não sejais meninos flutuantes, que se deixam levar por qualquer vento de doutrina”*.

A festa dos três Arcanjos, Miguel, Gabriel e Rafael, celebra-se a vinte e nove de setembro. Porém, cada um dos três, tem dia de festa e missa própria. Miguel, dia 08 de maio; Gabriel, 24 de março e Rafael dia 24 de outubro.

Nestes dias conturbados, em que cada pároco prega o que lhe dá na telha, desestruturado, perdido entre movimentos antagônicos, de esquerda, de direita, de nem a favor nem contra, muito pelo contrário; de bate pé, bate palma, levanta o braço e bate bumbo; num embate de Comunidades de Base e Renovação Carismática, esta modelo americano, aquelas modelo cubano, não havendo fiel romano que agüente, é mais do que hora de invocarmos o Anjo protetor desta Nação, o Arcanjo São Rafael, para que interceda junto à veneranda Negra, Nossa Senhora Aparecida Padroeira do Brasil, nisso, que nada mais é que um pandemônio. Esqueceram o *“a César o que é de César”*, esqueceram São Paulo: *“Quem se alista na milícia de Deus, não se EMBARAÇA com os negócios do século”*. Embaraça, na realidade brasileira é eufemismo, pois se deixaram envolver num cipoal, que sem a intervenção Divina, não tem jeito que dê jeito. Nossa Senhora diz: *“Rezem, rezem, rezem!”*. Eles: *“Ajam, ajam, ajam!”*. Agir sem rezar é o mesmo que comer sem mastigar: Dá indigestão. Mas, bota indigestão nisso!

Bem a propósito, enfeixei estes artigos e os intitulei “Oriente”, para que esses transviados redescubram Sua Santidade o Papa, representante legítimo do único Oriente, nosso Mestre e Senhor, Jesus Cristo. Alinhados às determinações de Sua Santidade, deixarão de

claudicar e haverão de absorver as palavras de Samuel a Saul: “*A obediência vale mais que as vítimas; porque o desobedecer é como um pecado de magia e o não querer submeter-se é como um crime de idolatria*”. Para os progressistas, com a queda do muro de Berlim, retrógrados, Sua Santidade é conservador, para os conservadores de Marcel Lefreve, Sua Santidade é progressista. Não passa pela cabeça dessa gente, que Sua Santidade é preservador da sã doutrina, com amplos poderes de “atar e desatar”, ou seja, modificar ou não, o que achar por bem. É preciso pedir a São Rafael, que interceda junto a Nossa Senhora, para tirar o Brasil da contra-mão da história, pois aqui, as coisas só funcionam sob pressão e no Congresso, a proposta que tiver maior “lobby”. A inquisição no clero brasileiro, não funciona na base da fogueira, pois os padres e religiosos, que não entrarem na deles, são postos na geladeira. Ser gelado numa corporação, é coisa terrível, mas não escandaliza, não se vê, é um martírio subjetivo. Os mesmos que excluem, são os que roubam e gritam pega ladrão. São uns caraduras, pois, não é imaginável, que pensem que essas falcatruas nos passem despercebidas. A igreja no Brasil, está confundindo, púlpito com palanque, altar com palco, assembléia com platéia e religiosidade com teatralidade. Quem não aprecia a oratória de um bom político no palanque, as irreverências de um palhaço no

picadeiro e uma agradável peça no teatro? Convenhamos, cada coisa no seu devido lugar. Certos padres, tendo perdido a divisória do sacro, religioso, profano, não se estão dando conta do esquisito sarapatel advindo, resultado desse contra-senso gritante. Julgam-se moderninhos, por se apresentarem extrovertidos e terem jogado o senso do ridículo às traças. Impotentes de sacralizar o mundo, mundanizam o sacro. Esses espertinhos, agem em consonância com o gracioso rifão: “Não podes com ele, associa-te a ele”. A verdade, não é pedante nem arrogante, é dura! E se não for pedir demais, que os atingidos meditem sobre isto.

Quando o velho Tobias e Sara, separados geograficamente, choravam cada qual a sua desdita, o Arcanjo Rafael foi enviado por Deus para devolver a visão a Tobias, dar marido a Sara e restituir-lhes a felicidade perdida. Nestes tempos, presenciando os incongruentes entrechoques na Igreja sob sua tutela, particularmente no Brasil, onde vicejam dois movimentos antagônicos, quantas lágrimas não terá derramado Sua Santidade? Ficarão sem resposta essas lágrimas? E Jesus presente entre nós, onde dois ou mais estiverem reunidos em seu nome, particularmente na Santíssima Eucaristia, estará, porventura, dando de ombros? E é justamente o silêncio de Jesus no Sacrário, que nos deveria aterrorizar. Esse silêncio, mal

comparando, faz-me lembrar um artigo de David Nasser na revista “O Cruzeiro”, intitulado “O grande mudo”. Nasser se referia à bagunça generalizada no Brasil e a mudez das forças armadas, isto pelos idos de 1964. Quando o Exército “falou”, foi só pena que voou!

Nossa Senhora, em uma de suas aparições, pediu à vidente que rezasse e convidasse o mundo cristão a rezar, visto que se estava tornando difícil segurar a mão justiceira de Seu Filho. Setores acadêmicos da Igreja no Brasil, estão levando na flauta pois, antecedendo o social ao espiritual, zombam da protelação Divina, em manifesto desacato ao ditame profético: “*Nolite errare, Deus non irridetur – Não vos enganeis, de Deus não se zomba*”. Esses inconstantes, na ânsia de manterem os espaços das igrejas repletos, adaptam a liturgia às volubilidades da moda, ingenuamente convencidos, que assim agindo, fogem à pecha de “quadrados”, ultrapassados. Sentem pavor de serem considerados “caretas”. Não tiraram nenhum proveito com a ala progressista da Igreja, que com a queda do muro de Berlim, do dia para a noite, viu-se transmutada em retrógrada. Para esses “espíritos fortes”, tanto as advertências de Nossa Senhora em Fátima, quanto a maneira de dar esmolas ensinadas por Tobias, são pieguices alienatórias. Rezar o Santo Terço: “Tás brincando!”. Jesus nos diz: “*Dá a todo aquele que*

te pede". Eles, parodiando um Ministro da Fazenda, acham que: "Esmola não se dá, administra-se". Fechando este tópico, volto para a preocupação infundada, diga-se de passagem, dos espaços vazios das igrejas, estribando-me na atitude do Divino Mestre. Ora, quando Jesus disse que sua carne era verdadeira comida e seu sangue verdadeira bebida, houve uma debandada. Divinamente sereno, Jesus pergunta aos Doze: "*E vós, não quereis ir também?*". A Verdade não ilude, nem se baseia na ilusão, tampouco depende da multidão de prosélitos, para sustentar-se. Embuçá-se a mentira, a Verdade nunca: "Ela é nua e crua!". Por isso, se a igreja do Edir Macedo está regurgitando, não seja isso motivo de apoquentação, pois a Igreja de Cristo não está esvaziando, está depurando-se. Se afirmo isto para meu consolo, ou para consolação dos fiéis católicos, estou fundamentado num sofisma, sou mais pernicioso que o Edir e duas vezes mais farsante do que ele. Por conseqüência, acho que, bater palma, levantar braço e bater bumbo é arremedo e aquele que arremeda é macaco. Ora, se somos macacos, quem está certo é Charles Darwin, não a Bíblia e Jesus Cristo que é a Verdade, faltou com a verdade. O absurdo por si, não carece explanação.

"Escrevei tudo o que convosco sucedeu", esta determinação do Arcanjo São

Rafael no espaço e tempo de Tobias, é eterna e por conseguinte, abrange o nosso espaço e o nosso tempo. O Arcanjo é o anjo intercessor desta Nação e não nos tem faltado. Pois, quem viveu setenta anos, testemunhou o florescimento e fenecimento de inúmeras ideologias, quer de direita, quer de esquerda, das quais se destacaram: Integralismo, Fascismo, Nazismo e Comunismo. Deste monstruoso quarteto, o comunismo levou a palma. Cumpriu, fiel, sistemática e requintadamente, às predições de Nossa Senhora de Fátima, em maio de 1917: “Espalhará os seus erros pelo mundo”. O Integralismo, até que seria aceitável, como reação ao comunismo, não fora pecar pelo totalitarismo, lavagem cerebral e conseqüente massificação. Tendo em vista que, o homem é um ser racional não pode agir, instintivamente, tal qual as ovelhas, quando uma pula, sem atinarem o porquê, todas pulam. Malgrado, é comum ter-se por resposta a um mal proceder: “Eu fiz, porque Fulano fez” ou ainda: “Eu fiz, porque todo mundo faz”. Isto é ser massa e não fermento Evangélico. Em linguagem mais clara, o padre foi devidamente preparado, ou deveria ter sido, para conduzir o rebanho e não para ser conduzido por ideologias estranhas a sua formação, extraviando o rebanho. *“Escrevei tudo o que convosco sucedeu”* e, dentro das minhas limitações, foi o

que fiz, ou melhor, o que estou pretendendo fazer, com esta série de artigos, cujo objetivo é o Papa.

ARTIGO XII



“Quando o homem acabar, então
estará no começo -
Cum consumma verit homo tunc
incipiet” (Eclo XVIII, 6)

Conta-se que existiu um orador sacro, cuja oratória, quer pela profundidade, quer pela força de expressão, quer pela graça, conseguia manter atento às suas palavras, o mais distraído dos homens. Sua fama corria mundo. Vai daí, que os antigos sábios gregos, romanos, persas, trocaram correspondência entre si, noticiando ao orador que o apreciariam escutar. Dia e hora marcados, reuniram-se os sábios em volta de um estrado, antecipadamente construído para destaque do pregador. Este, principiou dizendo: “Quem tem um desejo, tem uma mortificação; quem tem dois desejos, tem duas mortificações; quem tem três desejos, tem três mortificações; quem tem quatro...; quem tem mil desejos, tem mil mortificações”. Desceu do palanque e da forma que entrou, retirou-se o

afamado orador, que do nascer até sol posto, soube manter em suspenso, tão douto e seletto auditório. Um dos sábios, o mais velho dentre eles, mais credenciado pela idade, do que pela sabedoria consumada, arrematou: “A repetição é a ciência do aprendizado!”. Isto contado, a título justificativo, prossigo a série dos meus modestos artigos com frases, ditos e conceitos também, por vezes, repetidos à exaustão.

Quando guri, até parece que foi ontem!, época em que nenhuma espécie de poluição era problema, o rio Itajaí-Açu que corta esta cidade era tão cristalino, quanto a mais cristalina das fontes, só não era diretamente potável pela salinidade do mar. Cardumes de tainhas adentravam o rio, na fuga dos botos que os cercavam. Naqueles tempos ditosos, como disse o poeta, o recibo da luz elétrica era de valor único, isto porque, cada casa podia ter tantas tomadas, conhecidas por “bicos de luz”, quantas o seu proprietário determinasse, contudo, não poderia acender mais de dois bicos, simultaneamente. Se, porventura, algum desavisado o fizesse, seria alertado por um “ta-tá-tá-tá” emitido por um disjuntor, denominado macaco, decerto pelos tremeliques que dava quando acionado e a casa ficava às escuras. O lado cômico, naqueles dias nada engraçado, consistia que entre a emissão do primeiro “tá” daquele aparelho até o último “tá”, contava-se

uns seis ou sete segundos, antes de interromper a energia. Nesse ínterim, fazia-se ouvir de todos os cantos da residência vozes desesperadoras de: “Apaga a luz, apaga a luz, apaga a luz!”, pois, se o imprudente ou qualquer outro reparasse o descuido, estaria evitando a taxa de religação e a descompostura do funcionário encarregado do conserto. Assim, porque o “macaco” não havia queimado, generalizava-se um suspiro de satisfação e tudo voltava à tranqüilidade, na pacata Itajaí de outrora. Esse Itajaí longínquo, afora o acima narrado, é descrito pelo saudoso e ilustrado Sr. Juventino Linhares no livro de sua autoria “O QUE A MEMÓRIA GUARDOU”, que ao preço de vinte reais, pode ser adquirido no Palácio Marcos Konder, sito à rua Hercílio Luz e que nenhum itajaiense deveria deixar de obter.

Figurativamente, o Itajaí antigo era uma gota no Oceano. Hoje, com a telecomunicação e a conseqüente globalização, o oceano foi introduzido nesta gota. O Vaticano, a Conchinchina e Tóquio distam de nós, quanto o telefone, o fax e o computador com a internet, que estão à mão. Só não se dá conta disto, uma estranha Conferência sem fim, que em virtude desse alheamento, mais dia, menos dia, há de se ver diante do seguinte dilema: ou implode racional, ou explode irracionalmente. Santa Joana d’Arc, quando apelou para o Papa, o bispo francês Pedro Cauchon, simpático à Coroa

inglesa, respondeu-lhe: “O Papa está muito longe”. Presentemente, guardado o trâmite cerimonial, o Papa está do outro lado da linha; é só discar ou “clicar”. Deduz-se que, o progresso é dinâmico, furtar-se a ele é estupidez; progressista é o que ama o progresso e ser inovador, autodenominando-se progressista, é vitupério. Em resultado, o religioso inovador é um rebelde, um desajustado, jamais progressista. O inovador está para o progressista, assim como o comunista está para o intelectual. O primeiro, sai por aí com a Bíblia sobraçada, sem ter entendido direito o livre arbítrio concedido por Nosso Senhor a Adão; o segundo, sobraçando “O Capital” de Karl Marx, sem ter compreendido o que venha a ser “mais-valia”. No entretanto, basta-lhe ser inovador para considerar-se progressista e comunista para denominar-se intelectual. Isto, antes da queda do muro de Berlim, evidentemente. Posto que, afora os contumazes, os demais, com toda certeza, evoluíram de opinião.

Seria um trabalho hercúleo, enumerar o avanço tecnológico que se assistiu neste século e que é de domínio público, pois a “mídia”, jornais, revistas, rádio e televisão, neste particular, cumpriu o seu papel. Bastando lembrar, que do computador de quinze metros de altura, chegou-se ao portátil e que do 14-Bis de Santos Dumont aos foguetes interplanetários. Neste século, o fuso-horário foi vencido: Toma-se

um supersônico no Rio de Janeiro hoje e chega-se em Tóquio ontem. Este século, foi um século maravilhoso, embasbacante. Como todos sabemos, foi colocado em órbita o supertelelescópio “Hubble”, que vasculha o Universo, dando aos cientistas uma visão em milhões de anos-luz. Isto é progresso e quem ama o progresso é progressista, que nada tem a ver com inovador, nem com reformador. Em consequência, confundir progressista com reformador, é mero disparate. Os inovadores não são de hoje, tampouco de ontem, eles já azucrinavam São Paulo, nos primórdios do cristianismo. Os reformadores, inovadores e rebeldes, adoram a denominação “progressista”. O Padre Diogo Feijó, foi o primeiro “progressista” oficial do Brasil. Ele era “progressista” porque atacava o celibato clerical, almejado por Gregório VII, que atingiu o seu clímax em 1074 pela excomunhão dos padres casados, tendo em vista a corrupção moral. Foi um grande estadista e prestou relevantes serviços à nossa pátria, o padre Feijó. Porém, a sua grandeza maior, foi ter-se retratado do seu “progressismo” arcaico. Donde se infere, que “progressismo” e arcaísmo, andam par e passo.

Com Jesus progressismo não funciona, pois o Divino Mestre apresentou-se como: “EU SOU”, abarcando o ontem, o hoje e o amanhã, da nossa humanidade. Nós é que nos submetemos aos rigores do modismo, coisa que

também não funciona com Jesus: *“Passará o céu e a terra, porém, as minhas palavras não passarão”*, ou seja, não cairão da moda, porque eternas. Com referência às catastróficas pregações do “final dos tempos” que ocorrem a cada passagem de século e mais particularmente de milênio, Jesus nos tranqüiliza, reservando ao Pai ano, mês, dia, hora, minuto e segundo. Porém, mantendo-nos de sobreaviso, pela importância real de nossas almas, deu-nos algumas dicas, algumas informações. Dentre elas: *“Quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que a vinda do Filho do homem está perto, às portas”*. Entre outras: *“Aparecerão coisas espantosas no céu e sinais extraordinários”*. Haverá coisa mais espantosa que os aviões cruzando o céu e os satélites artificiais com as suas interligações extraordinárias? Nós não nos espantamos é porque elas fazem parte do nosso cotidiano, nós as vulgarizamos. Já disse o sábio: “Não há nada de extraordinário de momento, que pouco a pouco não se veja com menor admiração”. Nós nos estamos tornando pesadões, essas “coisas espantosas” e “sinais extraordinários” que vimos no céu, não nos tilintam, não nos fazem vibrar, não nos entusiasmam. Pertencemos a uma geração, que não se abala facilmente e que não mais se ruboriza, pela conseqüente soturnidade. A propósito, na penúltima visita que o Papa nos fez, uma irmãzinha do naipe “progressista”, em

ardilosa arenga dirigida a Sua Santidade, foi por este, paternalmente corrigida e ela nem desmaiou, pior, sequer encabulou. Por muito menos, Ananias e Safira, surpreendidos por São Pedro na trama que haviam elaborado, morreram. Hoje, ninguém mais morre de vergonha, ninguém mais encabula, simplesmente, porque se perdeu a vergonha.

Lá se vão os tempos, em que a sambista Dalva de Oliveira cantava: “A vergonha, foi a maior herança que o meu pai me deixou”. Felizmente, a vergonha não se assemelha ao “elo perdido” que é uma hipótese e não tem condição de ser reencontrado. Assim, como a vergonha foi realmente perdida, pode ser achada. Pode ser, não! Tem de se readquirir a vergonha, a qualquer preço. A começar por setores desabusados do clero brasileiro, que estão inibidos de deixarem a batina, pois, jogaram-nas para pasto das traças. No Brasil, não se sabe mais quem é padre, quem é freira, não há nada que os identifique exteriormente. Sequer um crucifixo. E a parte tétrica, é que perderam a identidade não porque tivessem vergonha, mas, por excesso de respeito humano, ou seja, submissão servil à opinião vulgarizada. Há exceções, que confirmam a regra. Mormente as contemplativas, que são o “**tesouro da Igreja**” conforme Sua Santidade o Papa João Paulo II.

A nossa preocupação maior deve ser com o final dos nossos dias e não com o “final dos tempos”, coisa que não ocorrerá, nos afirma São Paulo, antes da geral e maciça conversão dos judeus ao cristianismo. Por último, “*quando o homem acabar, então estará no começo*”.

ARTIGO XIII



“Passarão os céus com grande
estrondo -
In qua caeli magno impetu transient”
(2Pdr III, 10)

A escatologia, no sentido teológico, é a doutrina das coisas que deverão ocorrer no fim do mundo. Mundo, significando Universo visível. Este Universo visível terá um fim, posto que teve um começo. Ao contrário da Eternidade, que por não ter tido um começo, não terá fim. Adão e Eva, viviam no Paraíso; o Paraíso é eterno. Ao transgredirem o único artigo da Constituição Divina, qual seja: “*Não comas da árvore do bem e do mal*”, foram expulsos daquele “paraíso de delícias” Pátria da Árvore da Vida, conforme relata o Gênesis. Fechadas as portas do Paraíso, posto querubins em guarda, o Divino Salvador, do alto da Cruz, determina abri-las, para dar entrada ao ladrão da direita: “*Hoje estarás comigo no Paraíso*”. Para Jesus, não tem o daqui a três

dias, quando ressuscitou, porque Ele é o Hoje, advérbio de tempo, significando atualidade. De forma idêntica, o Verbo de Deus é presente: “*Eu sou!*” sem sombra de passado: fui, ou de futuro, serei. O Divino Salvador: “*É*”. Em Jesus não existe vestígio de vicissitude, de modernismo, de instabilidade. Ele é sempre o mesmo, ontem, hoje e sempre, pois Eterno. Nada mais lógico, se admitisse mudança, não seria Perpétuo. A nossa Natureza tem o seu tempo, porque se transforma. A Natureza, porque é mutável, tem o seu tempo. Então, qual o tempo da Natureza? Os cientistas contrapõem ao Big-Bang o Big-Crunch, ou seja, a expansão e contração do Universo e, fim. O Eclesiastes já nos dizia: “*Deus julgará o justo e o ímpio; então será o tempo de todas as coisas*”. São Pedro, o primeiro Papa, que jamais se preocupou com filosofias, nos revela: “*Todavia, como um ladrão, virá o dia do Senhor, no qual passarão os céus com grande estrondo (o Big-Bang do Big-Crunch dos cientistas), os elementos com o calor se dissolverão e a terra e todas as obras que há nela serão queimadas*”. Um pouco além, no mesmo capítulo terceiro, de sua segunda Epístola, versículo onze, São Pedro, por inspiração divina, manifesta: “*Todas estas coisas estão destinadas a ser DESFEITAS*”. No que concorda o atualíssimo “Big-Crunch” e há dois mil anos revelado por Sua Santidade, o primeiro

Papa, São Pedro. Viveremos o HOJE, que agora vislumbramos com os olhos da fé.

Não há quem não saiba, afora os “meninos flutuantes”, aos quais dedico um “Artigo” à parte, que filosofia e revelação tem algo em comum, de vez que, ambas dependem de comprovação. Xenófanés, que viveu quatrocentos anos antes de Cristo, filosofando, concluiu que a Lua era habitada pelos selenitas. Quase dois mil anos após, pelos idos da Idade Média, através dos rudimentos da telescopia, a teoria de Xenófanés foi posta em dúvida e sem demora, completamente descartada. Transferiu-se a habitação para Vênus, eram os venusianos. Depois para Marte, com os marcianos. Os telescópios foram aprimorados, o homem pisou a Lua, está em órbita o supertelescópio Hubble que, passado o milênio, estará velho e pelo ano 2005, será substituído pelo megatelescópio NGST, assim denominado não pelo tamanho e peso, pois é menor e mais leve, mas pela capacidade mil vezes maior na captação dos raios infravermelhos que o Hubble. Com o megatelescópio NGST estaremos mais perto da comprovação do filosófico desfecho da teoria do Big-Crunch e confirmação do revelado por São Pedro. Ora, comprovada que foi, a inexistência de vida no nosso sistema solar, transferiu-se a habitação dos seres fictícios para outros sistemas solares, que só na Galáxia a qual pertencemos, a Via

Láctea, conta cem milhões e mais de cem bilhões de estrelas. Nessa busca especulativa de vida noutros planetas, acomodam as palavras de Jesus: *“Na casa do Meu Pai, tem muitas moradas”*. É uma justificativa falseada, de vez que o Universo visível padece de transformações, é mortal, enquanto que a Casa do Pai é Eterna, evidentemente, noutra dimensão que a nossa, imensurável, não submetida a cálculos humanos.

A Bíblia é a palavra de Deus, não erra nunca, em que pese a visão toupeira dos “letrados”. O entendimento da palavra de Deus, independe do grau do formado e sua acurada capacidade intelectual: *“Eu Te dou graças, ó Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelaste aos pequeninos”*. Em consonância, a ciência está a serviço do cumprimento da Palavra de Deus e os cientistas disto não se apercebem, porque sábios e prudentes em demasia. Donde se conclui que sabedoria e prudência sem a graça de Deus, é soberba, é cegueira.

Com referência à vasculhação dos céus pelos supertelelescópios, envio de foguetes interplanetários, recepção de sinais advindos doutros mundos e futuras comunicações com extraterrestres, os Ets, cujos benefícios (apesar dos pesares) seria exaustivo enumerar, encontrar vida não passa de mera especulação. Por outro

lado, iniciado que foi a investigação dos astros, é leviandade pretender interrompê-la, pois, esse proceder cumpre as Escrituras: *“Naqueles dias, as potestades celestes serão abaladas”*. O cumprimento das palavras bíblicas é infalível, de vez que Jesus é categórico: *“Julgas, porventura, que eu não posso rogar ao Meu Pai e que Ele me não porá aqui logo, mais de doze legiões de anjos? Como, pois, se cumprirão as Escrituras, que declaram que assim deve suceder?”*. Além do que, Sua vinda, morte e ressurreição, não aconteceram por acaso: *“Examinai as Escrituras, porque elas é que dão testemunho de Mim”*. Nem Buda, nem Confúcio, nem Lao-Tsê, muito menos Maomé, foram prenunciados. Credenciais, só o Salvador as possui. Todos morreram, o Salvador vive.

Quanto à vida noutros planetas, fora do nosso sistema solar, que alguns eclesiásticos, por via das dúvidas, admitem existir, racionalmente, é um contra-senso. Rui Barbosa dizia e a ciência confirma que: *“Não existe dois flocos de neve iguais”*. Conseqüentemente, não se requer um QI de superdotado, para perceber que, analogamente, não existe em todo o Universo, dois sistemas solares idênticos. Condição *“sine qua non”*, para a existência da vida, que julgamos entender. Prosseguindo às apalpadelas, no campo da racionalidade, os latinos nos transmitiram a

seguinte dedução: “*Divisae arboribus patriae: Cada árvore tem a sua pátria*”. Ora, se as árvores são nativas, só pela semente, transplante da muda, ou respectivo enxerto, poderá vicejar além do seu “Habitat”, do seu ambiente natural. O nosso excelente cafezinho, por exemplo, cuja planta é nativa de Cafta, na Etiópia, por ser bebida maometana, dependeu da aprovação do Papa Clemente VIII, para consumo italiano. Posteriormente, transplantado para as Antilhas, só em 1727 que as mudas do cafeeiro chegam ao Brasil, por mãos de Francisco de Melo Palheta. Se não tivesse havido esse percurso das mudas da planta, não teríamos os rendosos cafezais no Brasil. Paralelamente, sem o transporte das respectivas sementes, não haveria os seringais cultivados na África, posto não se ignorar, que a seringueira é originária do Amazonas. Até aqui, nenhuma novidade, pois a Bíblia, desde o seu primeiro capítulo no Gênesis, informa que sem o “semen”, no sentido abrangente do termo, não há transmissão de vida. É proveitoso que se frise, que se destaque: Sem o “semen”, isto é, sem a semente, renovo, muda, enxerto, “clonagem” (da costela de Adão, Eva), não há transmissão de vida. Não há mesmo!

Em consonância ao exposto, entende-se a necessidade, melhor dizendo, a indispensabilidade da vinda do Senhor Jesus, sem a qual, a Árvore da Vida (*Lignum Vitae*) pela

sua sobrenaturalidade e guarda dos anjos, permaneceria restrita ao Paraíso, evidentemente, inacessível à natureza humana, na sua composição de carne e alma. Essa mesma árvore da Vida, que Jesus, em uma de suas magníficas e inigualáveis parábolas, assim figurou: *“Eu sou a videira e o Meu Pai o agricultor”*. A sementeira e a muda dessa Árvore da Vida, em harmonia com o próprio Jesus, não subsistem por si mesmas, é preciso o enxerto e ser podado para, revitalizado, dar abundante fruto: *“Como a vara não pode de si mesma dar fruto, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em Mim”*. É, decididamente, imprescindível estar em comum união, ou seja, em comunhão com Jesus, pois: *“Sem Mim, nada podeis fazer”*. A inserção, a incorporação em Jesus é determinante, de vez que: *“Se permanecerdes em Mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes e ser-vos-á concedido”*. Cristo Jesus, apresenta-se como: *“O Caminho, a Verdade e a Vida”*. A vida que vivemos, é mera caricatura da Vida que Jesus nos trouxe, como explica Santo Agostinho: *“O que chamamos vida é morte; pois, a verdadeira Vida é a de Jesus ressuscitado”*, completando admiravelmente: *“Deus factus est homo ut homo fieret Deus – Deus se fez homem, para que o homem se tornasse Deus”*. São Tomás de Aquino, sábio entre os sábios, em conformidade, define a

Eucaristia: “Panis vivus et vitalis – Pão vivo que dá a Vida”. Na sua primeira carta, capítulo quarto, versículo nove, São João, o discípulo amado de Jesus, é cristalino: “*Deus enviou seu Filho Unigênito, ao mundo, para que por Ele tenhamos a Vida*”. Por conseguinte, ficou evidenciado que sem Jesus, nada podemos fazer que aproveite ao corpo, com relação à alma. Neste sentido, extasiado, é que o fiel católico entende a espetacular e singularíssima prerrogativa de Nossa Senhora, como Mãe do Criador, Redentor e Autor da Vida, qual intercessora mor junto a Deus, que nos trouxe Jesus, Deus gerado Homem. Afora tudo o que se vê, comprova e imagina, a maior demonstração de Onipotência, é o insuperável sinal de ter formado para Si no tempo, Sua Mãe Santíssima na Eternidade. “Santa Maria, Mãe de Deus!”

Uma vez, em Jesus por Maria, enxertados na Árvore da Vida, passamos a entender o que São Pedro, o nosso primeiro Papa, quis dizer ao nos designar como “*estrangeiros e peregrinos*”. Confiantes, deixamos de ser meramente terráqueos, assumimos a cidadania no céu, somos celícolas. Isto não é vã filosofia, é revelação, esperança bíblica, confiança no Verbo, na Palavra de Nosso Senhor. “*Nós somos de Deus*” brada, confirmando, São João Evangelista. Os flutuantes falam a linguagem do mundo e o mundo os exalta. Os cidadãos do céu, exprimem-

se de uma forma que ressoa, aos que são do mundo, como piegas, alienação. Dão crédito a um “elo hipotético” que lhes dá “pedigree” e recusam Adão e Eva, que nos transmitem a genealogia. Tanto o homem, quanto o macaco, são criaturas, todavia, com a diferença transcendental, que o homem é o único animal religioso por princípio. No gênesis, como rei da criação e conseqüente poder de decisão, está implícito o arbítrio de proteger ou eliminar os demais seres que o rodeiam, na aplicação larga, ou estreita, do seu aprendizado. Porém, prestará contas da sua administração. Nenhum outro ser, nem primata, nem serpente, que era o mais astuto entre todos os animais, recebeu tamanha incumbência, tal obrigatoriedade. Desta forma, ecologia não é uma invenção humanista, é determinação Divina. O primeiro a se aperceber disto, pela sabedoria que pediu e Deus o agraciou, foi Salomão: *“Tratou também de todas as árvores, desde o cedro, que há no Líbano, até o hissopo, que brota da parede; tratou também dos animais, das aves, dos répteis e dos peixes”* (Cf. 1Rs IV, 33). Tira-se o seguinte ensinamento, quem não faz o que deveria fazer por amor à disciplina, haverá de fazer sob a canga do legislativo. De maneira paralela, quem não ama os negros como irmãos, filhos que somos da Mãe comum, Nossa Senhora Aparecida, que é negra, terá de fazê-lo pelo terror à pena prevista por lei. Deus convida ao amor, o Diabo

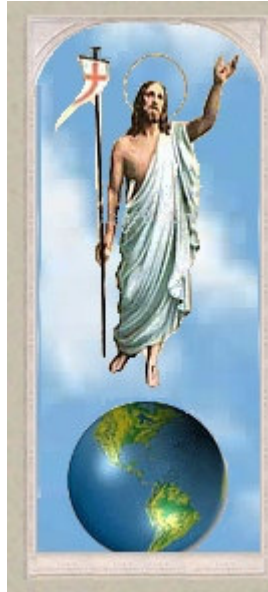
impõe o terror. A falta de catequese, é causa primeira, da regurgitação dos mais esdrúxulos movimentos, que, paradoxalmente, cumprem uma catequese, a serviço de “preceitos humanos”. Este proceder doutrinário, explicitamente condenado por Jesus, conflita, frontalmente, com a Divina condensação: *“Quem ama o seu próximo, cumpre toda lei e os profetas”*. Para Jesus, a raça não importa e sim o gênero humano, cumprida a responsabilidade concernente. Pois: *“Àquele a quem mais for dado, mais lhe será exigido”*, independente de negro, branco, amarelo ou vermelho. Tal como se conclui, grupos sanguíneos, pigmentação da pele devidos a fatores geográficos e/ou climáticos, não hão de contar, nem pesar. O que conta e pesa, é o rendimento saudável dos talentos recebidos, à proporção da capacidade de cada um.

Frente ao dissertado, não me iludo, tudo ficará como dantes: Isaías, Jeremias, João Batista, os demais profetas, continuarão *“clamando no deserto”* e Jesus explica: *“Porque, assim como nos dias do dilúvio (os homens) estavam comendo e bebendo, casando-se e casando seus filhos, até o dia em que Noé entrou na arca; e não souberam nada até que veio o dilúvio e os levou a todos; assim também na vinda do Filho do Homem”*. Nesse dia, a experiência na observância do costume nos diz, que haverá gritaria, oração, devoção generalizada, tendo em

vista, que é do homem “só lembrar de Santa Bárbara, quando ronca trovoadas”.

Diante do elaborado, poucos se preocupam e menos se detêm, que o fim do mundo não é um acontecimento distante, remoto, de vez que se verifica com a morte de cada um de nós. O Senhor Jesus alertou, que virá como um ladrão, de improviso: “*Estai, pois, preparados*”. Estar preparado, não para um final dos tempos, que será em milhares ou milhões de anos, que a tecnologia, ou corrupção humana, há de abreviar por favor de Deus, mas, para o dia-a-dia, para hoje.

ARTIGO XIV



“Tende confiança, eu venci o mundo -
Sed confidite, ego vici mundum” (Jo
XVI, 33)

Nenhum outro que passou por este planeta, ousou perguntar de público: “*Quem de vós me argüirá de pecado?*”. Após a desobediência de Adão, todos pecamos por pensamento, palavra, obra, ou omissão. Categoricamente, o discípulo amado, João Evangelista, chama de mentiroso o que diz que não tem pecado. Porém, o Salvador veio ao mundo, fez a pergunta e não houve quem o acusasse, pelo contrário, o mesmo São João confessa: “*O sangue de Jesus Cristo, nos purifica de todo o pecado*”. Motivo pelo qual, só ao Divino Inocente cabe o privilégio de

argüição. Essa singular imunidade, por si, justificaria a expressão: “*Eu venci o mundo*”.

Contudo, de muitas outras formas Jesus venceu o mundo. A principal, dentre todas, foi ter vencido a Morte, cuja ressurreição nos trouxe a beatitude, a felicidade eterna. Além do que, demonstrou ter vencido as leis que regem a Natureza: Não afundou, ao andar sobre as águas; ultrapassou paredes sólidas; elevou-se, vencendo a gravitação, lei descoberta pelo físico e astrônomo Isaac Newton, mil e tantos anos depois, em 1666 para ser exato. Restaurou Lázaro, cujo corpo e vísceras se encontravam em adiantada decomposição: “*Senhor, ele já cheira mal*”, advertira Marta, irmã do sepultado, que falecera quatro dias atrás. Jesus retruca: “*Não te disse eu, se tu creres, verás a glória de Deus?*” Retirada a pedra do sepulcro, tendo rendido graças ao Pai, ordena: “*Lázaro, vem para fora!*” Ressuscitado um corpo em estado de putrefação, narrar a restauração dos olhos de um cego de nascença seria pormenor, minudência. “*Hipócritas, quem fez o exterior não fez o interior?*” Ora, Adão não foi simplesmente esculpido, foi formado, constituído: Ossos, nervos, artérias, veias, entranhas, carne, pele e sopro vital na Sua imagem, que Deus formou do húmus. Isto não é um devaneio poético, é história, dedução da assertiva de Jesus e do vaticínio simbólico da casa de Israel, descrita no capítulo trinta e sete

do livro do profeta Ezequiel. Por conseqüência, Jesus se demonstrou vencedor em todos os sentidos. De vitória em vitória, no campo intelectual a todos venceu, ao lançar a pergunta decisiva: “*Se pois Davi o chama Senhor, como é Ele seu filho?*” Silenciados os intelectuais e doutores da lei, São Mateus encerra o capítulo vinte e dois do seu Evangelho arrematando: “*Daquele dia em diante, não houve mais quem ousasse interrogá-lo*”.

Estamos às vésperas do terceiro milênio, já se processa transplante de órgãos vivos, propriamente acondicionados, seguida à morte cerebral ou clínica, pois, exalado o último suspiro, órgãos necrosados, velório e sepultamento. Os avanços tecnológicos, nos mais variados setores, são alucinantes, inegavelmente embasbacantes. O inglês Ian Wilmut, por exemplo, clonou a ovelha “Dolly”, a partir de uma célula de um animal adulto. Quantas sacrificou para chegar a esse sucesso, ele silencia. Todavia, nos dá uma pista: “Para clonagem de um porco, será preciso usar mais de mil animais nas experiências”. Com relação à clonagem humana, pergunta: “Seria eticamente razoável destruir um número tão grande de embriões, para obter um clone humano?” E o próprio Wilmut, responde: “Obviamente não”. Na seqüência desses avanços, ainda exemplificando, encontra-se a pílula do vigor sexual do laboratório Pfitzer, a famosa

Viagra, cuja descoberta ocasional deve-se a outro inglês, Simon Fraser Campbell. Em ambos os casos, a ciência atual está engatinhando, ficando a dever ao relatado no Gênesis. No primeiro caso, porque de uma célula de Adão, mais propriamente de uma costela, Eva foi constituída na sua integridade. No segundo, jamais, os patriarcas que viveram centenas de anos, apresentaram esgotamento ou se demonstraram estressados, pois, geraram filhos e filhas, com mais de quinhentos anos, cada um deles. Entretanto, após Noé, determinado o limite de idade para as gerações futuras, girando em torno dos 120 anos, a virilidade física patriarcal decaiu. Dessa debilidade relativa, ressalta a intervenção Divina, no casal Abraão e Sara que em idade avançada haveria de gerar Isaac, contra toda a esperança de Sara, que se riu da promessa de Deus, dizendo consigo: *“Depois que sou velha e meu senhor avançado em anos, entregar-me-ei ao deleite?”* Quanto a Sara, a Bíblia não explicita outras relações amorosas, além da qual concebeu Isaac. O mesmo não se deu com Abraão, pois, falecida Sara aos 127 anos, pranteada e guardado o luto normal, voltou a casar, com uma mulher chamada Cetura, que lhe deu à luz seis filhos. Abraão morreu aos cento e setenta e cinco anos: *“numa ditosa velhice”*, sem recorrer a “próteses” e “viagras”, mas com o ducto sangüíneo restabelecido. Isto não é produto de imaginação

fértil, tampouco raciocínio engenhoso, é dedução lógica; salvo não se saiba somar, dois e dois.

Quando nos sentamos frente à televisão, com antena direcionada para o satélite respectivo, temos os acontecimentos do outro lado do mundo, instantaneamente, em nossos lares. Nos inteiramos do acontecido, ou do que está acontecendo e nos capacitamos para os efeitos do noticiado que, face à mobilidade humana, está sujeito a reformulações e aí os efeitos são outros que os esperados, de vez que: “O homem propõe, mas Deus dispõe”. Jesus está e há dois mil anos estava muito além: “*Pai, se possível afasta de mim este cálice*”. Jesus viu, com clareza meridiana, nos mínimos detalhes, tudo o que lhe estava para acontecer. Pedro também viu, pois Jesus reclama dele: “*Visto isto, não pudeste vigiar uma hora comigo?*” Jesus, diante das barbaridades que lhe estavam por acontecer, não suou frio, suou sangue. A “*carne fraca*” sussurrou-lhe aos ouvidos: “Pernas, para que vos quero, eu não sou de ferro”. Mas o Espírito, o Verbo, falou mais alto: “*Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a Tua vontade*”. Pois: “*A carne para nada aproveita, é o Espírito que vivifica*”. Jesus, não veio para driblar a vontade do Pai, nem para correr, mas para vencer: “*Eu venci o mundo*”. A ciência genética, nos dias atuais, com uma margem de acerto entre noventa e noventa e três

por cento, ao preço de dois mil e quinhentos dólares, põe a disposição do casal a escolha do futuro sexo do bebê. Tanto o preço de dois mil e quinhentos dólares e a margem de erro entre sete e dez por cento, tendem a cair. Nesse dia, a preço mais baixo e taxa de erro menor, estarão mais próximos de Deus, que anunciou gratuitamente e sem margem de erro a Sara, que lhe nasceria um filho, Isaac; a Manoá, cuja mulher estéril, lhe gerou Sansão; a Zacarias, que Isabel na sua velhice, lhe deu João Batista e finalmente Maria, a quem o Arcanjo Gabriel anunciou Jesus. Tudo se sucedeu, sem a mínima margem de erro e gratuitamente, porquanto: *“Eu venci o mundo”*.

“Quando o homem tiver terminado, então estará no começo”, nos informa a Bíblia. No entender de alguns cientistas, noventa e nove por cento de suas descobertas se dão por “acaso”, jamais pelo favorecimento ou beneplácito Divino. A soberba, é causa primeira de nossa cegueira mental. A soberba nos impede de aceitar o Deus Menino, que de Rico “Pobrezinho nasceu em Belém”. A história de Adão e Eva é simples demais, não satisfaz a nossa soberba intelectual. A soberba naturalista não assimila São João, quando desvenda que: *“O Verbo é a luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem a este mundo”*. Isto quer dizer que não somos luminosos, é o Verbo que nos ilumina. Nestes retalhos bíblicos, o Gênesis, por sua vez, registra

que “*a Serpente era o mais astuto de todos os animais*” e por conseqüência do seu ludíbrio, figurativamente, passou a comer pó todos os dias de sua vida. Da sobrepujante astúcia concedida à serpente, é dedutivo e comprovado, que todos os animais possuem um grau de inteligência limitado, que se convencionou “instinto”. Ao homem, iluminado pelo Verbo, não lhe foi dado inteligência por medida, posto que se não divisa bloqueio que impeça a inteligência de se expandir sempre e cada vez mais. A liberalidade é tamanha e a liberdade tão imensa, que o livre arbítrio concomitante, conduz o homem imaginar-se auto-suficiente e negar a Fonte inexaurível da Sabedoria Eterna.

Jesus nos revelou que: “*Naqueles dias, as potestades do céu serão abaladas*”. Adentramos o espaço sideral, com uma brutalidade própria dos antigos bárbaros da Tartária, não nos dando conta do cataclisma que há de vir. Para se ter uma pálida, porém, sensível idéia, dos efeitos nocivos dessa intromissão espacial, basta lembrar a propalada claridade de sete luas, que o cometa Halley nos haveria de brindar na sua volta, que se verificou em 1986. O que se viu através de binóculos e lunetas, não passou de uma acanhadinha, quase imperceptível, luminosidade no fundo do céu. O que aconteceu com o Halley, após as sondas russa, americana e japonesa terem sido enviadas,

a mídia silenciou. Contados setenta e seis anos, partindo de 1986, a geração do futuro, saberá. Praza aos céus, que em nome da tecnologia, não tenham tirado o Halley de órbita.

Alertar dos riscos que se corre, já fizeram os profetas, mormente Isaías, o Salvador, o Papa João Paulo II, o movimento Paz Verde, esse reconhecido e nem sempre pacífico “Greenpeace”. Daí, se a humanidade vier a cair num “buraco negro”, não terá sido por falta de alerta. Desde a mais remota antiguidade aos dias atuais, temos sido alertados à exaustão. Dado ao encurtamento das longitudes, quer pelo telégrafo, quer pela discagem à distância, fax e mais propriamente pela internet, sem ignorar a televisão, rádios, jornais, revistas e magazines que perfazem, numa palavra, a mídia, não existe país, neste mundo cada vez menor, que não haja ouvido falar em, ou quando não, de Cristo. Se o mundo inteiro não é cristão, deve-se ao exercício fingido dos cristãos nominais, ou seja, autoproclamam-se, mas não o são de fato. Acham “bobeira”, ser pecado mortal, perder Missa aos domingos e dias santificados. Pior, tem padre que também acha. Então, para o Brasil não perder a fama de país mais católico do mundo, arremedam os pentecostais, batem pé, levantam braços, batem palmas, batem bumbo. Isto dá um Ibope! Excitação mil; devoção zero. A pergunta é a

seguinte: Estão servindo Cristo, ou valendo-se de um falso pentecostalismo para se projetarem?

“TENDE CONFIANÇA, EU VENCI O MUNDO”.

ARTIGO XV



“Andava encurvada e não podia absolutamente levantar a cabeça -
Erat inclinata nec omnino poderat sursum respicere” (Lc XIII, 11)

O discípulo amado, São João, encerra o Evangelho, segundo ele próprio, com as palavras: *“Muitas outras coisas há que Jesus fez, as quais se se escrevessem uma por uma, julgo que nem no mundo todo poderiam caber os livros que seria preciso escrever”*. Como se nota, São João, sob os auspícios do Deus Espírito Santo, compendiou, divinamente, os feitos e palavras de Jesus, não pela importância propriamente dita, de vez que tudo aquilo que o Divino Salvador fez e falou é essencial, transcendendo ao imediatismo, porém, de maneira acessível à mentalidade da época, com vistas à compreensão futura, em que pese a preguiça mental e a pequenez do nosso entendimento. Pois, que as suas palavras, por vezes, fugiram ao alcance comum, Jesus deixa claro: *“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”*, ou

“quem pode compreender, compreenda”. Os que têm ouvidos para ouvir e não ouvem, são os desatentos, impenetráveis pelo desinteresse. São os desligados espiritualmente, não estão nem aí, estão noutra. Estão na do Sardanapalo: “Bebe, come, goza; o resto é nada”. Há os que comungam com os sábios naturalistas, que professam a seleção natural das espécies e sapientes se autoproclamam descendentes do macaco. Enquanto Jesus nos convida para cima, os sábios naturalistas nos oprimem para baixo. Esses sábios, tecnocratas, tecnológicos, doutores em biotipologia, tanto conhecedores como dissertadores do DNA e que omitem, intencionalmente, o abismo existente entre o semelhante e o igual. Para se ter uma nítida idéia sobre o precipício entre uma coisa e outra, basta lembrar que Deus nos fez à Sua imagem e semelhança, porém, não igual a Ele. Evidentemente que, enquanto terráqueos, em nada diferenciamos dos brutos, pois, como diz São Jerônimo: “Sem o conhecimento do seu Criador, o homem é um animal irracional”. Neste sentido, evolutivamente, a mais engenhosa, a mais astuta das bestas mortais. Por conseqüência, ultrapassado o instinto animal, inverte, a seu bel-prazer, a escala de valores, considerando que o que era ético ontem, velharia hoje, podendo voltar a prevalecer amanhã, em acordo com as circunstâncias e momento, conquanto afinado

com seus macabros interesses. Sendo dos tais que “*não possuem raízes em si*” pouco se lhe dá a volubilidade. Segue a qualquer vento de doutrina, por ser evolucionista, em comunhão com a mutabilidade das espécies.

Em consonância, entre o homem e Deus, existe um elo de ligação não hipotético, muito menos perdido, tampouco fruto fantasioso da imaginação, porém, real, Jesus Cristo que transpôs com a Sua vinda, o abismo intransponível à criatura. Jesus Cristo não é uma teoria dependente de comprovação, é histórico, nem filosófico, nem mitológico. Jesus veio ao mundo, não para filosofar sobre a existência de Deus, todavia, para O revelar. Por outro lado, todos os prodígios encontram significado, na crença da Sua ressurreição. Desta forma, a crença na ressurreição é a Chave Mestra, que dá acesso ao Paraíso, do iletrado ao mais sábio dos humanos. Nada mais simples, no entretanto, farta e estultamente complicada pelos homens. É próprio da Divindade simplificar e do homem complicar. Jesus sintetizou toda lei e os profetas em dois mandamentos: “*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*”. Com relação a certa “teologia” liberticida, pois marxista, Jesus sucinto, porém, panoramicamente esclarecedor, em três linhas nos transmite a real libertação: “*Se vós permanecerdes na minha palavra, sereis*

verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a VERDADE vos libertará”. Simples e exato, nada de calhamaços teológicos. A Divindade não é prolixa, não embroma, abomina sofistas, corta cerce: “*Sim, sim; não, não!*” A Divindade “*não se embaraça com os negócios do século*”, ilumina a nossa mente e sem interferir na decisão, nos convida para cima: “*Sursum corda – Para o alto pensamento, para o alto corações*”.

Neste ponto, chegamos ao cerne da questão, ao motivo principal deste “Artigo”, qual seja: “*A mulher que andava encurvada e não podia, absolutamente, levantar a cabeça, pois o demônio a impedia de olhar para cima, para o alto*”. Se essa mulher encurvada, possuída, não tivesse tido a graça de se encontrar com Jesus, teria morrido sem ter sido endireitada. Na seqüência da suposição, em cujo campo os naturalistas são inigualáveis, admitamos que o fóssil da mulher encurvada, fosse descoberto nestes dias e submetido a exame pelos antropólogos, a teoria do sábio naturalista Darwin estaria comprovada, pois, felizmente, o seu “elo hipotético” teria deixado de ser uma hipótese, uma suposição, pois ali estava, para quem quisesse ver, pegar e examinar. Haveria um “problemazinho” de cronologia, quer seja, a idade do fóssil da mulher, perfeita e habilmente contornável. Pois, num final de contas, que diferença existe entre dois mil anos, dois milhões

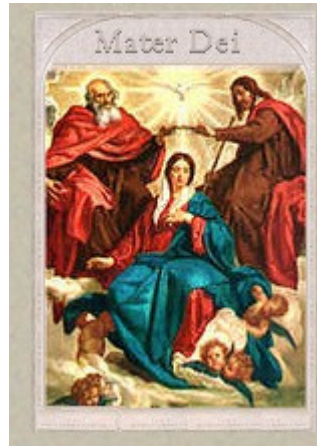
ou vinte bilhões de anos, para a ciência que lida com números estratosféricos e não considera as dezenas e centenas de milhares? Além do mais, cientistas renomados não usaram e abusaram da boa fé, não enganaram e outros tantos cientistas não se permitiram enganar, durante cinqüenta longos anos com aquela prótese que denominaram o “homem” de Piltdown? Esse tal “homem” que ocupou as manchetes do mundo inteiro e quando descoberta a farsa, que o dito “homem” era o resultado de uma artística enjambração da mandíbula de um macaco acoplada a um crânio humano, a mídia, tão ciosa da verdade, não deu o destaque correspondente. Muito pelo contrário, simplesmente fechou-se em copas, emudeceu.

Depois dessa sem-vergonhice, que a eclesial “progressista” ardilosa e convenientemente ignorou, para os “homens” de Neanderthal (Alemanha), Pitecantropo (Java), Pekinenses (Ásia), Aix-La Chapele (França), di Grinaldi (Itália), da Lagoa Santa (Brasil), da Patagônia (Argentina) e Australopiteco (África do Sul), em respeito aos cientistas de bem, que essa ala bastarda pretendeu desacreditar, continuamos firmes com a ciência, registrando que o grande campeão desse entrevero, é o provérbio popular: “Precaução e caldo de galinha, não faz mal a ninguém”. Noutras palavras, aquele que não se respeita, não merece ser respeitado.

Isto em qualquer campo, mormente no religioso. Com vistas aos que andam confundindo altar com palco, púlpito com palanque, devoção com excitação e assembléia com platéia.

A mulher encurvada, uma vez endireitada: “*Glorificava a Deus*”. Jesus encerra a perícopes, assemelhando o reino de Deus ao grão de mostarda e às três medidas de farinha, ambos à maneira de sua natureza, para o alto. A Igreja sadia nos convida para cima, para o espiritual, sabedora que o social nos será dado por acréscimo. A ala naturalista nos força para baixo, para que se cumpra nos seus membros a profecia: “*Obscurecidos sejam os seus olhos, para que não vejam e esteja sempre curvado o seu dorso*” (Cf. Rom XI, 10). Curvado para as coisas terrenas; curvado para as coisas que passam.

ARTIGO XVI



“Santa Maria, Mãe de Deus –
Sancta Maria, Mater Dei”

Pelos idos do século quinto, precisamente em 429, o bispo Nestório, Patriarca de Constantinopla, na Catedral apinhada de gente, pregava do púlpito, que Nossa Senhora é mãe de Jesus e não Mãe de Deus. Um dos mais simples dos fiéis, Eusébio Dorileu levanta-se, alto e bom som proclama: “O patriarca blasfema”. Dá para se imaginar o desacerto advindo! Ao tempo que, não há quem não fique assombrado, frente à grandeza de tal desassombro: um homem do povo, verberando o mais alto dignitário da Igreja Oriental.

O Espírito, assegura Jesus, sopra onde quer. Assim foi no julgamento de Susana, quando o jovem Daniel gritou: “*Eu sou inocente do sangue dessa mulher*”; do que resultou a morte

dos juizes acusadores. Da fala do Espírito, por Eusébio Dorileu, originou-se um debate, culminando com o Concílio de Éfeso dois anos após, em 431, que oficializou a segunda parte da Ave Maria: “*Santa Maria, Mãe de Deus*”. Esse Concílio, convocado pelo Papa Celestino I, hoje São Celestino, foi presidido pelo Patriarca Cirilo de Alexandria: São Cirilo condenou a heresia e excomungou Nestório. O Espírito Santo por Maria Santíssima, esta pelo Patriarca de Alexandria, condenando o heresiarca Nestório, entrega a palma a Eusébio Dorileu.

Na ocasião, certificado das ocorrências, o Papa Celestino I agiu rápido, porém, Nestório não estava sozinho, pois, além da craca dos bajuladores que o incensavam, outros bispos e padres formavam com ele, comungando da mesma heresia. Tanto que, em 1916, cerca de mil e quinhentos anos após, existiam 600 (seiscentos) mil nestorianos, com sede em Bagdá, no Iraque. Atualmente, os intitulados nestorianos sumiram e se alguns existem, não aparecem nas estatísticas. Não assim a heresia, que Maria é Mãe de Jesus e não Mãe de Deus, de vez que essa incongruência se tem disseminado como gangrena, através das diversas seitas e seus “inocentes” úteis. Esses mesmos “inocentes”, que, de maneira acertada, reverenciam as mães de seus pastores e, paradoxalmente, pregam que Maria, Mãe de Deus, é uma mulher igual às

outras. Não atinam na enormidade da “exceção”. De vez que, Jesus também era um homem igual aos outros “exceto” no pecado. De forma idêntica, Maria é uma mulher igual às outras, “exceto” que é a Mãe de Deus. Essa exceção, ou privilégio, distingue Maria das outras, quanto dista o Céu da Terra, por instituição Divina e não desiderato humano. Logo, não é porque os católicos desejam, mas porque assim Deus determinou, assim estabeleceu. É ponto pacífico, por ser ato de fé.

Ora, sendo ato de fé transcende. Se transcende, avança para sobrenatural que se pode compreender e aceitar. Porém, explicar o sobrenatural, naturalmente, é uma ação fenomenal, para não dizer impossível. Viver sem fé, é coisa que não existe. Até os naturalistas tem fé em Darwin, pois, acreditam num “elo hipotético” e acreditar, é ter fé. O ponto basilar do cristianismo é a fé na ressurreição de Cristo, que ninguém presenciou. Mas, nós pomos fé no Evangelho, em São Paulo que falou com o Ressuscitado. Donde se conclui, que existe fé sadia e fé doentia, fé esclarecida e fé cega. Seja esclarecida, seja cega, a fé é, por natureza, arbitrária. Não há quem me convença que Cristo não ressuscitou, tampouco mantenho a pretensão de convencer o darwinista que o “elo perdido” é balela. Ora, o cristão persegue o espiritual, o darwinista segue o natural. Um examina as

coisas do Céu, outro vasculha a Terra. A mãe do cristão reside no Céu, é Maria Santíssima, a mãe do darwinista mora aqui mesmo, é a mãe Natureza. O primeiro submete-se ao Criador, o segundo à criatura. Parte daqui, o dever do cristão zelar pela Natureza, posto que Mandamento bíblico. E o primeiro homem de Deus, que disto se apercebeu foi Salomão, “ecologista” maior e oficial, que não só cuidou dos animais, das aves, dos répteis e dos peixes, como também, do cedro que há no Líbano ao hissopo que brota da parede. Isto não é “hipotético”, nem argumento “perdido”, encontra-se registrado no primeiro Livro dos Reis, capítulo quarto, versículo trinta e três.

Em aditamento, num terra-a-terra, o cristianismo espiritual revela-se, exuberante e naturalmente, mais prático que o darwinismo, naturalista. E por que? Porque morrendo o cristão e, hipoteticamente, não havendo outra vida, não haverá céu, nem purgatório, nem inferno. Descansará em paz e não terá vivido em vão, posto que não haverá quem o recrimine. Porém, morrendo o darwinista e havendo outra vida, haverá Céu, Purgatório e Inferno. Depará com a Corte Celeste e, na mais branda das hipóteses, provará a sensação do macaco do qual se diz originar, preso com a mão na cumbuca. Que sensação e que cumbuca!...

Além do mais, essa doutrinação naturalista peca pela base. Assim sendo, é um gigante de bronze com pés de barro. Porquanto, não há naturalista que desconheça, afora os nulos em geofísica, geistória e os que silenciam por matreirice, que as ilhas vulcânicas de Galápagos, inspiradoras da propalada “evolução das espécies”, afloraram à superfície apenas há quatro milhões de anos e os grandes répteis dos quais Charles Darwin imaginou ser a fauna ali existente evolutiva, haviam desaparecido entre cento e quarenta e cento e sessenta milhões de anos. Em conseqüência, o que se presencia nas Galápagos, é mera adaptação dos animais do Continente às condições de vida naquelas ilhas. Não assim, com os enormes lagartos conhecidos por dragões de Komodo, ilha no arquipélago da Indonésia, cuja fauna endêmica, Darwin ignorou em seus escritos. Charles Darwin, pelas limitações da época, tinha o direito de ignorar a singularidade da fauna naquele arquipélago, porém, os darwinistas atuais têm obrigação de o saber e calar, é inescrupulosidade flagrante. Basta considerar, que o outro lado do mundo, nestes dias, adentra os nossos lares imediatamente, pela televisão, pelos vídeos, pelas parabólicas cada vez menores e mais potentes, pelo computador conectado à internet, satisfazendo as mais intrincadas consultas; de nossas casas viaja-se o Globo terrestre,

comodamente assentados, entre um cafezinho e outro, sem despesas adicionais. A nossa geração é privilegiada, a mais atualizada de todos os tempos. É uma bênção, não a transformemos numa maldição.

Sumariamente, o cristão põe fé na ressurreição do Senhor Jesus, por conseqüência, em tudo que nos revelou e nestes dois mil anos, não tem padecido desilusão. O mesmo não se pode dizer do darwinista, que volta e meia, apela para uma seqüência de neodarwinismos. De desengano em desengano, de frustração em frustração, há os que estão catando “vida” noutros sistemas planetários, argumentando soberba humana ser a Terra, esta poeira cósmica, o único planeta com vida na imensidão do Universo. Desconsideram, que assim como não se utiliza o metro comum para calcular distâncias entre sistemas planetários e intergalácticos, não se utiliza a ciência natural, que não vislumbra numa rosa a manifestação Divina, para ponderar sobre o Incomensurável, tendo em vista, carecer do indispensável embasamento espiritual. Em conseqüência, frente à Suprema Grandeza, não é a soberba humana que, neste particular, conta e se questiona, porém, a Sublime Humildade que, com poder e riqueza indescritíveis, *nasceu* dependentemente pobre em Belém, determinada desde a Eternidade, em substituir os metropolitanos e intelectivos centros citadinos da

época, pela ínfima e desprezada Nazaré, onde cresceu “*em sabedoria, estatura e em graça, diante de Deus e dos homens*”. Assim sendo, o divino Mestre explicitou que não veio para aprender conosco e sim ensinar. Daqui, a Terra, esta “poeira cósmica”, pela desproporção do Hóspede Divino, “*que veio para o que era seu*”, ter-se tornado o Centro do Universo, para confusão dos heliocentristas, dos sábios e investigadores do século, em virtude do Hóspede Divino ser o próprio Jesus, Criador das coisas visíveis e invisíveis. Em concordância, a Nova Jerusalém não terá sol nem lua, porque a claridade de Deus a ilumina e a sua lâmpada é o Cordeiro, nos assegura São João. Em perfeita sintonia com Jesus, o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, que lembrou a Felipe: “*Quem me vê, vê também o Pai*”, consoante havia revelado aos judeus: “*Eu e o Pai somos um*”. Por ser um com o Pai, o Menino deitado na manjedoura reinava nos céus. “*Santa Maria, Mãe de Deus!*” Conquanto, a citação do Menino, engloba a Maternidade Santíssima de um Adulto, segundo a profecia de Jeremias: “*Uma mulher envolverá um homem*”. Quem puder compreender que compreenda, de vez que, explicar o sobrenatural naturalmente, é mera especulação, embromação.

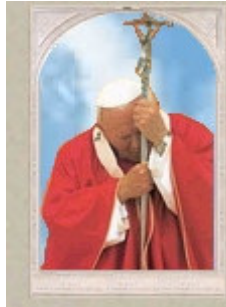
A observância e a prática da vida nos ensinam, que todo ser organizado tem um centro, uma cabeça, uma determinação, uma

doutrina. Eusébio Dorileu, homem do povo, compreendeu isto melhor que poucos doutores e não vacilou em qualificar o bispo Nestório de blasfemo, antes da Igreja se manifestar, oficialmente, sobre a Maternidade Divina de Nossa Senhora. O que Dorileu nos transmitiu, por inequívoca manifestação do Deus Espírito Santo, é que todo bispo, pela sua investidura, ultrapassa o respeito comum devido a qualquer pessoa humana, enquanto não se manifeste um falso, um hipócrita, um heresiarca, um solapador das orientações do Papa, centro visível, embaixador legítimo do Cristo invisível. Desde o momento em que o bispo perder o sal da doutrina, da moralidade cristã, Jesus informa: *“Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e calcado pelos homens”*. Esta advertência de Jesus, Eusébio Dorileu não deixou passar em “brancas nuvens”, pelo contrário, ele a exerceu plenamente. Eusébio (homem do povo e não do populacho, que se move a qualquer vento de novas doutrinas), soube distinguir um reles interpretador do extraordinário preservador da Sã Doutrina.

Finalmente, este modesto articulista, com Eusébio Dorileu, além de cristão, só tem em comum ser um homem do povo e nesta qualidade dirige ao bispo, ou a quem de direito, o antigo, porém, oportuno dito popular: *“Quando vires a barba do vizinho arder, põe as*

tuas de molho”. Sumária e explicitamente, pretende lembrar, que para cada bispo modelo Nestório, desalinhado de Roma, haverá um homem do povo, outro Eusébio Dorileu para o refutar, sob a proteção da sempre Virgem, “SANTA MARIA, MÃE DE DEUS”.

ARTIGO FINAL



“Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”

A primeira e mais rudimentar lição de “estratégia militar”, quando na idade hábil o jovem é convocado a servir à Pátria, consiste no aprendizado que “um ponto de orientação há de ser imóvel, jamais um semovente”. Trocando em miúdos, equivale dizer que um morro, uma árvore, uma pedra servem de ponto de orientação; um cavalo, um boi, um jumento não. Donde se conclui, que um ponto de orientação tem de ser, obrigatoriamente, fixo. Uma bússola que tenha perdido a faculdade de apontar o norte magnético, que é fixo por natureza, perdeu a serventia. Daí, compreender-se a Sabedoria encarnada, haver dado a Simão o sobrenome Cefas que, em aramaico, significa Rochedo, em grego Pedra, o ponto de orientação por excelência, o único e insubstituível Oriente espiritual. O resto é o resto, é semovente, ser que anda ou se move por si próprio. É bússola doida, que varia de

acordo com as conveniências circunstanciais. Perdeu o Oriente é um coitado, um desorientado; é o cego da parábola do Divino Mestre, que se põe a guiar outro cego, vindo a cair ambos no barranco, no precipício.

Guardadas as limitações do estado laical, até onde me foi possível pesquisar, pedra, que é um substantivo comum, assume a classificação de substantivo próprio, Pedra, nomeação criada por Jesus, no perfeito sentido de expressão personificada, singularizando a Cadeira, a Cátedra de Pedro. Desta forma, não haverá um Papa Pedro II, à exemplo de João I a João XXIII, Paulo I a Paulo VI, Leão I a Leão XIII, Pio I a Pio XII, todos sujeitos à subsequência, frente a redundância advinda, posto que o Papa é e será sempre o legítimo representante de Pedro, Vigário de Cristo, como inspiradamente, Santa Terezinha o definiu: “O doce Cristo visível na Terra”; este é o Papa de ontem e de hoje. Como ficou esclarecido, não porque eu desejo, nem porque Santa Terezinha elegante e belamente o declarou, tampouco porque a igreja entende e determina, porém, excedendo a tudo isto, por perfeita e exemplar organização divina, Jesus houve por bem, assim instituir.

Fato histórico, não se nega. História que precede à pedra que acompanhava os judeus no deserto, da qual todos bebiam e São Paulo, na

epístola aos Coríntios, afirma ser o próprio Cristo Jesus. Aceitar ou não aceitar, é um direito que nos cabe, assim como, o bem e o mal, a vida e a morte, o que escolhermos nos será dado. Tal qual a ressurreição que ninguém presenciou e que, em vista disto, nenhum evangelista narrou como se deu, porém, Jesus mostra-se a Maria Madalena, aos Doze, aos discípulos de Emaús, a mais de quinhentas pessoas na ascensão e posteriormente na estrada de Damasco, a São Paulo. São registros históricos, tal como o Rubicão, de César; o Waterloo, de Napoleão Bonaparte e a queda do Muro de Berlim, dos nossos dias. Ora, pelo fato de não haver quem tenha presenciado a Ressurreição em si, não impediu de se tornar o ponto basilar de nossa fé, pois, como diz São Paulo: “*Se Cristo não ressuscitou, nós somos os mais infelizes dos homens*”. Assim, o fato histórico fica aliado à fé. E fé não se incute. “Fé, na definição de Santo Agostinho, é acreditarmos naquilo que não vemos e a recompensa da fé é vermos aquilo em que acreditamos”. É militante, combativa. Em sua defesa é permitido morrer, porém, vetado matar. Não é mercantil, não se comercializa. Abomina o sectarismo, gerador do proselitismo fanático. Fé, é pregação pacífica da Verdade, é vivência. Não é excitação, é devoção, requer o recolhimento e serena meditação. É o que nos ensina Maria Santíssima, pelo evangelista São Lucas: “*Maria*

meditava todas estas coisas, no segredo do seu coração”. Maria, Nossa Senhora, que é a Sede, a Matriz da Sabedoria. Muito se poderia falar sobre a fé, todavia, o resumo mais completo e excelente o faz São Paulo, confirmando que sem fé é impossível agradar a Deus, dedica todo o capítulo onze, da carta aos Hebreus, à natureza da fé.

A Cátedra de Pedro é atual e não conservadora, como pretendem semear setores acanhados, que se alheiam à distinção entre conservar e preservar, pois, bitolam-se à sinonímia e apoucados, ou pior, maliciosos, não vislumbram a diferença dada pelos verbetes que, não raro, patenteia a desigualdade no emprego dos vocábulos. Exemplificando grosso modo: Enlatamos os alimentos para os conservar e jamais para os preservar do botulismo. De forma idêntica, seria ridículo confundir hematidrose com hemoptise, esperto com experto e invocar com evocar. No entretanto, não se envergonham, respaldados por uma mídia assalariada, taxarem Sua Santidade de conservador, quando o Papa é e deverá ser: Preservador da sã doutrina. Preservar, até quando os finórios forjadores da “semântica oportunista” o permitirem, de acordo com o Aurélio é: “Livrar de algum mal, **manter livre de corrupção**, perigo ou dano”. Vem a propósito, a mensagem de Sua Santidade, quando de visita ao México, condenando as “releituras” do Evangelho, nos transmite: “Vigiar a pureza da doutrina,

baseada na edificação da comunidade cristã é, junto com o anúncio do Evangelho, o dever primeiro e insubstituível do pastor, do mestre da fé”.

Sua Santidade tem sofrido e resistido aos mais variados tipos de pressão. Se porventura, um dia, Sua Santidade abrir a guarda, não cantem vitória os que o pressionam, pois, ficará pesando sobre suas cabeças, a advertência de Jesus aos judeus, com relação ao libelo de repúdio cedido por Moisés: *“Porque Moisés, por causa da dureza do vosso coração, permitiu-vos repudiar vossas mulheres, mas no princípio não foi assim”*. Imperativamente, existe um princípio a ser obedecido, a ser respeitado, a ser preservado e não posto em conserva. As leis divinas, com seus valores morais, são imutáveis. As leis divinas, não se submetem a modismos e modernismos, porque eternas. Em resumo, o que importa para Jesus é a obediência e coagir não faz o seu gênero, por destoar da Sua doutrina. Jesus, quando cita o Inferno, não é para nos amedrontar, nem para nos coagir e sim para nos advertir de um perigo real. A exemplo das placas de sinalização: *“Cuidado, precipício à esquerda”*. Isto não é uma ameaça, é uma advertência, compreensiva e que o bom senso sugere precaução.

Que Deus se apiede da dureza dos nossos corações, tão afeitos às regalias e refratários aos compromissos. Das leis sociais, que citam os direitos subentendendo os deveres, quando o correto é o oposto. Das imoderações sindicalistas, que avançam sobre a realidade econômica empresarial, incentivando a robotização prematura e a implantação de uma informática requintada livre dos encargos sociais, cujo resultado é o desemprego, desestimulando os sindicalizados, em prejuízo do próprio sindicato, por lhe fugirem os associados.

Não é necessário ser economista, contador, sequer contabilista, para atinar com os efeitos danosos dessas “conquistas”, que agraciam poucos em detrimento da maioria. Porém, a subsequente comoção social, propicia aos espertinhos embaralharem as coisas do Estado com as coisas de Deus, em flagrante desrespeito ao mandado de Jesus: *“A César o que é de César e a Deus o que é de Deus”*. Favorece, aos espertinhos, ignorarem São Paulo: *“Quem se alistou na milícia de Deus, não se embaraça com os negócios do século”*. Que Deus nos livre desses moderninhos, destituídos de raízes cristãs, dos quais afirma Jesus: *“Prestam-me um culto inútil, ensinando doutrinas e preceitos humanos”*. Assemelham-se a atores de terceira, que vibram com “casa cheia” e amortecem com “casa vazia”. As multidões os fascinam, contrastando de Jesus:

“E vós, não quereis ir também?” Frenéticos, sentem-se imunizados, imunizados da fobia de serem qualificados de ultrapassados, “caretas”. Refiro-me aos evolucionistas “padres de passeata” do discutível romancista, porém, insuperável cronista Nelson Rodrigues. Que a bem da verdade e para maior tristeza, até bispo e cardeal entraram nessa. São os componentes da “igreja paralela”, cuja existência Sua Beatitude denunciou e quem de direito não tornou público, não propalou. Esse silêncio calculado, preocupa. Como preocupa o aumento, a “fermentação” dos sacerdotes que perderam a noção do popular e vulgar, do sacro e profano. O ponteiro, o fiel da balança dessa modernice, está à direita ou à esquerda, não permanece no centro, onde se encontra Pedro. Se esses extrovertidos observassem Sua Santidade, quer em Roma, pelas transmissões, quer pela pessoa física, por ocasião de suas visitas pastorais, aprenderiam quanto dista a popularidade da vulgaridade e a sacralidade da profanidade. Em suma, esses moderninhos, são os mesmos da famigerada Inquisição, usam o mesmo expediente. Com a diferença, que na Idade Média, os que não entrassem na deles, eram condenados à fogueira; hoje, os que não entram na deles desprezam, dão o gelo, condenam à “geladeira”. Evoluíram!... Do fogo para o “gelo”.

São Paulo, nos ensina que devemos ser tudo para todos, a fim de ganharmos todos para Cristo. Não à força, mas pelo amor, pelo exemplo, pela fortaleza. Nesta linha, delineada por Jesus e aplicada por João Paulo II, poder-se-ia incluir, nomeando, felizmente, uma quantidade significativa de cardeais, bispos e padres brasileiros. Reservei-me, no entretanto, para destaque, nomear um cardeal: Dom Jaime de Barros Câmara; um bispo: Dom Afonso Niehues; dois padres: Afonso Maria Miranda e Heriberto José Schimitt, para nossa satisfação, todos catarinenses. A envergadura moral destes eclesiásticos, pelo testemunho de vida e por aquilo que nos deixaram escrito, é extasiante. Frente a cada um destes paradigmas, o filósofo cínico Diógenes, aquele que em Atenas, em pleno dia, se apresentou de lanterna acesa a procura de um homem, apagaria sua lâmpada. Homens à João Batista, enaltecido por Nosso Senhor. Porém, com a devida vênias às Ordens Sacras, destaco dois leigos, diante dos quais Diógenes também apagaria seu lampião. Um destes dois, seria Rui Barbosa, elogiado por Sua Santidade, quando de sua visita a Campo Grande, em 1991. O outro, Sobral Pinto, igualmente jurisconsulto, católico como poucos. Este é dos nossos dias. Viveu toda a ditadura de Vargas, tendo nascido antes da implantação do comunismo na Rússia, sobreviveu ao florescimento e queda do

comunismo ateu. Sobral Pinto, soube demarcar, com nitidez meridiana, a divisória entre as coisas do Estado e as coisas de Deus. Valente guerreiro contra àquela ideologia ateísta, foi advogado de Luiz Carlos Prestes, exponencial líder comunista. Católico militante, de comunhão freqüente, foi amigo íntimo e defensor de um ateu. Odiava a ideologia comunista, amava o ideólogo Luiz Carlos Prestes. Isto é cristianismo, no mais puro significado da expressão. Em defesa do seu constituinte, dirigiu várias cartas ao ditador Getúlio Vargas, de quem jamais obteve resposta. O maior desejo dos bajuladores de Getúlio, era mandá-lo para o cárcere. Porém, Sobral Pinto, não era um comunista advogado e sim advogado de um comunista. Sobral, enterrou Vargas e Prestes, posto que sobreviveu a ambos. Fato deslumbrante, é Sobral Pinto ter nascido antes da aparição de Nossa Senhora em Fátima e ter vivido para testemunhar o cumprimento da promessa da Virgem Santíssima: *“A Rússia espalhará seus erros pelo mundo. Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará”*. Nem Getúlio, nem Prestes, viveram para presenciarem a derrocada do comunismo. Na câmara ardente, onde jazia Luiz Carlos Prestes, rodeado de partidários e políticos oportunistas, adentra um ancião alquebrado, nem tanto pela idade avançada, mais pelas batalhas da vida, clara e pausadamente, para basbaquice dos presentes, traçado o Santo Sinal

da Cruz, proclama: “*Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus. – Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém*”. Sobral Pinto, o ancião alquebrado, revela-se um gigante.

De Pedro a João Paulo II, contam-se duzentos e sessenta e dois Papas. Número que não superlotaria uma modesta capela e não obstante, quanto se ignora a respeito de cada um deles, das suas atitudes pessoais e de seus pronunciamentos “*ex-cathedra*” assistidos pelo Deus Espírito Santo! Apoiados nesta ignorância, muitos se atrevem, periodicamente e de forma sistemática, dentre outros temas consumados, combaterem o celibato clerical. Até o ano 1074, padre não somente casava, como se dava em casamento. É de se imaginar o caos advindo desse costume, que culminou com a excomunhão de todos os padres casados, pelo Papa Gregório VII, hoje São Gregório. Dessa purgativa excomunhão, pouco ou nada se ouve falar. Causa espécie a mudez sobre um fato de tamanha grandeza. Todavia, transcorridos 65 anos da excomunhão dos padres casados, em 1139, sob o pontificado de Inocêncio II, realizado o Segundo Concílio de Latrão, ficou estabelecido a obrigatoriedade do celibato para o clero. Esta resolução, como se nota, não aconteceu de uma

hora para outra, porém, só após 65 anos de longos, amadurecidos e aprofundados estudos, sob os auspícios do Espírito Santo.

A Igreja, edificada, nunca é demais repetir, edificada sobre Pedro, conta dois mil anos. Ascendendo a Adão e Eva adentra à Eternidade, onde se encontra o Fundamento, a Pedra Angular, o Deus que se fez Homem, Jesus. Conseqüentemente, é de fácil entendimento, pelo tempo decorrido do Pecado Original de Adão a Pedro, deste a João Paulo II, ter a Igreja de Jesus, passado por todas as experiências vivenciais possíveis, imagináveis e inimagináveis. Para se ter uma pálida idéia dessa experiência eclesial, basta rememorar que, os aborrecidos “inovadores” dos tempos de São Paulo, foram cognominados “progressistas” em 1835, na regência do padre Feijó e, amortecidos, reflorescem no auge do comunismo ateu. Contudo, com a queda do muro de Berlim, dissimulando a pecha de retrógrados, esses “progressistas” de bom grado, assumiram a carapuça de “ala rebelde” da Igreja. Pudera, de intelectuais como se reconheciam, para atrasados como se revelaram, “ala rebelde” foi providencial, caiu-lhes como uma luva.

A velocidade de adaptação desses “progressistas” às circunstâncias, é estarrecedora. Comparemos, exemplificando, o caso do naturalista Charles Darwin, que na sua

decantada “Da Origem das Espécies” frente às dificuldades, elaborou um “elo hipotético” o majestático “antropopiteco”, destorcido e vulgarmente conhecido como “elo perdido”. Os mencionados “progressistas” demonstraram-se, sem sombras de dúvida, bem mais práticos, evoluíram do dia para a noite, num instante, num abrir e fechar de olhos. Não apelaram para um elo de ligação entre o macaco e o homem, suposto por Darwin, pularam direto, de progressistas para ala rebelde, até que se complete o ciclo, hora de recomeçar. Posto que, conforme a moda se adaptarão, associando volubilidade com atualidade.

Antes do ponto final a esta série de artigos, que outro objetivo não se arrogou, além de apontar Sua Santidade o Papa como o Oriente de ontem, hoje e até o final dos tempos, permito-me chamar a atenção para uma dedução e uma iniciativa exemplar. A dedução é de Rui Barbosa: “Estudei todas as religiões do mundo e cheguei a seguinte conclusão: Religião ou a Católica, ou nenhuma”. A iniciativa exemplar dirigida, particularmente, aos pregadores da Palavra de Deus, é de São Paulo: “*Subi a Jerusalém para conferir o Evangelho que prego entre os gentios, a fim de não correr ou de não ter corrido em vão*” (Cf. Gal II,2). Para bom entendedor, meia palavra basta: Em Jerusalém encontrava-se PEDRO, o primeiro Papa. Hoje, para conferir o

Evangelho, não é necessário “subir-se” a Jerusalém, menos ainda a Brasília, basta um fax ou e-mail a Roma, onde se encontra o Papa, Vigário de Cristo Único e Eterno Oriente.

E... Ponto final.

APÊNDICE (Pensamentos)



Os pensamentos abaixo transcritos e próprios de Jesus, São João, Santo Agostinho, São Gregório, Fulton J. Sheen, padre João Colombo, São João Crisóstomo e Tomás de Kempis na maior parte, não os nomeio individualmente em obediência ao sábio:

“Não procures saber quem disse, mas o que foi dito”. Posto que: “Pelo dedo se conhece o gigante”.

“Guarda pura a tua consciência e Deus será teu defensor”.

“Dai, Deus meu, o que quereis, dai, Salvador Divino, o que minha alma precisa e achareis nela o que o vosso amor deseja”.

“De que nos serve viver muito tempo, quando tão pouco nos emendamos?”.

“Mais depressa do que pensas, se esquecerão de ti os homens”.

“Coisa difícil, não impossível, submeter a carne ao espírito”.

“Lembra-te sempre do fim e de que o tempo perdido não volta”.

“O homem fervoroso e diligente, está preparado para tudo”.

“Aprende a desprezar as coisas exteriores, aplica-te às interiores e verás como vem a ti o Reino de Deus”.

“Sofre com Cristo e por amor de Cristo, se queres reinar com Cristo”.

“Quem está, interiormente, bem disposto e ordenado, não cogita dos feitos perversos ou famosos dos homens”.

“Não há maldade humana, que possa prejudicar a quem Deus ajuda”.

“Suporta os outros, se queres que te suportem a ti”.

“Conserva pura a tua consciência e terás sempre alegria”.

“Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”.

“Senhor, que eu me conheça, que eu Te conheça”.

“Trabalhai não pela comida que perece, mas pela que dura até a Vida Eterna”.

“Que se nos dá dos gêneros e das espécies?”.

“Vai, Francisco, e repara a minha Igreja; não vês que por toda a parte ela está destruída?”.

“Toda vida é um dia”.

“O que é de Deus, ouve as palavras de Deus”.

“O Verbo é a Luz Verdadeira, que ilumina todo homem que vem a este mundo”.

“Vós nos criastes para Vós Senhor; e inquieto estará o nosso coração enquanto não repousar em vós”.

“Fecha a esmola no seio do pobre e ela rogará por ti contra todo mal”.

“Na hora da morte, o coração põe para fora aquilo que durante a vida se lhe pôs dentro”.

“Deus seja glorificado em tudo o que acontece”.

“Que mais rude combate que trabalhar cada um, por vencer-se a si mesmo?”

“Numas coisas gostamos de meditar quando estamos tristes; noutras quando nos sentimos alegres e consolados no Senhor”.

“Nas Sagradas Escrituras deve-se procurar a verdade, não a eloqüência”.

“Não abraço teu coração com qualquer homem, mas trata dos teus negócios com o sábio e temente a Deus”.

“Mais seguro é obedecer que mandar”.

“Volve o olhar sobre ti mesmo e evita julgar as ações alheias”.

“Ordinariamente julgamos as coisas segundo as inclinações do nosso coração; o amor próprio, com facilidade, nos faz perder a retidão do juízo”.

“A salvação é um edifício que se levanta sobre as ruínas da soberba”.

“Sempre que estive entre os homens, menos homem voltei”.

“O homem bom acha sempre motivo bastante para se afligir e chorar”.

“Tirado que seja da vista logo foge da lembrança”.

“Primeiro que tudo conserva-te em paz e depois procurarás pacificar os outros”.

“O homem pacífico vale mais que o letrado”.

“Com duas asas o homem se eleva acima das coisas da terra: A simplicidade e a pureza”.

“Cada um julga das coisas exteriores conforme as disposições interiores”.

“Ninguém te pedirá conta no dia do juízo da consciência dos outros, senão da tua”.

“O homem considera as ações, Deus pesa as intenções”.

“A glória dos bons está na própria consciência e não na boca dos homens”.

“Verás que é perdido tudo quanto esperares dos homens, fora de Jesus”.

“A medida para amar a Jesus, diz São Bernardo, é amá-lo sem medida”.

“O homem é tão pobre, que não tem um bom pensamento, nem um bom desejo, que não lhe venha do alto”.

“E quando o homem tiver feito tudo que devia fazer, reconheça que nada fez”.

“Se fores companheiro de Jesus no sofrimento, também o serás na glória”.

“Se recusas uma cruz, sem dúvida encontrarás outra, talvez mais pesada”.

“Não está de acordo com a natureza do homem levar a cruz”.

“Entrega a Deus as consolações. Ele as distribuirá como melhor Lhe aprouver”.

“O que os homens menos entendem é a doutrina da cruz: Para os judeus escândalo, para os gentios loucura”.

“Bem-aventurados os ouvidos que, insensíveis aos rumores do mundo, percebem o sopro da inspiração divina”.

“Bem-aventurados aqueles a quem vós, Senhor, instruídes e ensinardes a vossa lei”.

“Nem toda afeição, que parece boa, deve ser logo seguida; assim como, nem todo movimento contrário deve ser, imediatamente, repellido”.

“Ó amor que sempre ardes e nunca te consumes”.
(comparar Ex III, 3)

“Filho, quem procura fugir à obediência, afasta-se também da graça; e quem busca os bens particulares, perde os comuns”.

“Ensinaí-me, Senhor, a fazer a vossa vontade porque Vós sois o meu Deus”.

“Faça-se em tudo a vontade de Deus. Aqueles mesmos que falam nada são; desaparecerão como o ruído de suas palavras, mas a Verdade do Senhor permanece eternamente”.

“Purificai-me, Senhor, de minhas faltas ocultas, esquecei as que eu ignoro e perdoai as de outrem; isto é, as que outros cometeram por minha causa”.

“Senhor, bem sabeis o que é melhor, faça-se isto ou aquilo, segundo a Vossa Vontade”.

“Usa dos bens temporais e deseja os eternos”.

“De boa vontade debes aceitar a necessidade e a indigência, como a opulência e a riqueza”.

“O que temos no corpo e na alma, tudo o que possuímos, dentro ou fora de nós, natural ou sobrenaturalmente, são benefícios Vossos, Senhor”.

“Embora um tenha muito e, outro pouco, tudo provém de vós e sem vós, Senhor, não se pode alcançar bem algum”.

“Deseja e pede, sem cessar, que se cumpra, plenamente, em ti a vontade de Deus”.

“Levantaram-se profetas em Israel que predizem visões de paz a Jerusalém e não há paz, diz o Senhor”.

“Não tens que responder pelos outros, mas somente por ti”.

“Conserva-te em santa paz e deixa ao irrequieto agitar-se quanto quiser”.

“Pergunta-se quanto fez cada um , mas não se cuida com quanta virtude procedeu”

“Toda carne havia corrompido o seu caminho, por isso veio o dilúvio universal”.

“A natureza atende ao exterior do homem, a graça volta-se para o interior”.

“Enquanto viveres, estarás sujeito ainda que não queiras, a mudança; ora alegre, ora triste; ora em paz, ora perturbado; agora fervoroso, mas tarde túbio; hoje cuidadoso, amanhã indolente; uma vez sério, outra risonho”.

“Muitos falam demais e, por isso mesmo, pouco crédito merecem”.

“A vós só, Senhor, louvor, honra, virtude e glória, pelos séculos sem fim”.

“Tanto mais o homem se aproxima de Deus, quanto mais se afasta das consolações terrenas”.

“Socorrei-me, Senhor, na tribulação, porque vão é o auxílio do homem”.

“Que homem há tão precavido e circunspecto, que não caia, às vezes, em engano e perplexidade?”.

“Ponde na minha boca palavras verdadeiras e sinceras e afastai para longe da minha língua todo o artifício”.

“Examina-te com mais atenção e reconhecerás que ainda vive o mundo em ti e o vão desejo de agradar aos homens”.

“Ouve a minha palavra e não farás caso de mil palavras dos homens, nos diz Jesus”.

“Espera um pouco, verás o término dos teus males”.

“Se amo a carne, imagino, muitas vezes, o que é carnal. Se amo o espírito, deleita-me pensar nas coisas espirituais”.

“Nada acontece sobre a terra sem o vosso desígnio, Senhor, sem a vossa providência e sem causa”.

“O homem vale o que vale aos olhos de Deus e nada mais”.

“Filho, a minha graça é um dom precioso; ela não sofre mistura de coisas estranhas nem de consolações mundanas”, nos diz Jesus.

“Observa com diligência os impulsos da natureza e os da graça; pois que, apesar de tão contrários, movem-se tão sutilmente que apenas podem ser discernidos pelo homem espiritual e inteiramente iluminado”.

“A natureza recebe com prazer honras e homenagens. A graça, ao contrário, atribui fielmente a Deus toda a honra e glória”.

“Sem a vossa graça, Senhor, nada valem, diante de vós as artes, as riquezas, a beleza e a força, o talento e a eloquência. Pois na verdade, esses dons naturais são comuns a bons e maus”.

“Porque sinto na própria carne a lei do pecado, contrária a lei do espírito, que me leva cativo a obedecer em muitas coisas a sensualidade”.

“A graça de Deus é mais poderosa que todos os inimigos e mais sábia que todos os sábios”.

“Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida. Sem caminho não se pode andar, sem verdade não se pode conhecer, sem vida ninguém vive. Eu sou o Caminho que deves seguir, a Verdade que deves crer, a Vida que deves esperar”, afirma Jesus.

“Guarda-te de falar demasiadamente, fica em retiro e goza do teu Deus”.

“Muitos perderam a devoção, por terem querido investigar coisas mui elevadas”.

“Deus não te engana, mas engana-se quem demasiadamente confia em si mesmo”.

“Ilumine-me sempre à luz de tua graça durante esta terrena peregrinação”.

“Ninguém é puro, ninguém é santo, diante d’Aquele que é a própria santidade”.

“Levantai o meu coração a Vós no céu, Senhor, não me deixeis vaguar sobre a terra”.

“A mínima célula vital, excede o máximo poder humano”.

“É grande sabedoria não ser precipitado nas ações, nem aferrado ao próprio parecer”.

“Os homens passam, mas a verdade do Senhor permanece eternamente”.

“Devemos ter caridade para com todos, mas a familiaridade não convém”.

“Tem Jesus muitos que amam seu reino celeste, poucos, porém, que levem a sua cruz”.

“De todas as coisas terrenas, terás um dia que te separar, queiras ou não”.

“Se em todas as coisas buscares a Jesus, a Jesus encontrarás”.

“Paupérrimo é quem vive sem Jesus; riquíssimo quem está bem com Jesus”.

“Ao vencedor, diz o Senhor, darei a comer da Árvore da Vida”.

“Como Cordeiro ou como Leão, Cristo é Rei. Rei de amor para aqueles que com amor aceitarem o Seu domínio e Rei de rigor, para aqueles que se rebelarem contra Sua Lei”.

“O que despreza as coisas pequenas, pouco a pouco cairá”.

“O líder não elimina, sobrepuja. Jesus a ninguém eliminou, a todos sobrepujou”.

“Aprende a desprezar as coisas exteriores, aplica-te às interiores e verás como vem a ti o Reino de Deus”.

© copyright 2005
Carlos Mariano de Miranda Santos

Abril 2005

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Se você pagou por esse livro

VOCÊ FOI ROUBADO!

Você tem este e muitos outros títulos

GRÁTIS

direto na fonte:

www.ebooksbrasil.com